



# Sociedade do risco

O medo na  
contemporaneidade

## Leia nesta edição

Editorial **pg. 3**

## Tema de capa

### Entrevistas

Ulrich Beck: Incertezas fabricadas **pg. 5**

Zygmunt Bauman: *A síndrome de Titanic* e os seus medos **pg. 13**

Jean Delumeau: Uma história do medo **pg. 25**

Christoph Dejours: O medo e a precarização do trabalho **pg. 29**

Arlete Arruda: As cidades e seus riscos **pg. 33**

## Destaques da semana

### Teologia Pública:

Khalil Samir: Encontro de civilizações. Como Joseph Ratzinger vê o Islã **pg. 38**

### Entrevistas da Semana:

Carlos Sant'Ana: A superlotação dos presídios **pg. 44**

Jesús Hortal: A polêmica de *O Código da Vinci* **pg. 48**

Gilmar Hermes: *O Código da Vinci*: o filme **pg. 53**

### Livro da Semana:

Thomas Michael Lewinsohn: O conhecimento e a ignorância sobre a biodiversidade brasileira **pg. 54**

### Deu nos jornais:

**pg. 59**

**Frases da Semana:**

**pg. 61**

Destaques on-line: **pg. 64**

## **IHU em revista**

**Eventos**

**pg. 67**

**IHU Repórter**

**pg. 72**

## Editorial

"A cultura do medo vem do paradoxo de que as instituições feitas para controlar o medo produzem exatamente o seu descontrole", constata Ulrich Beck, sociólogo alemão, autor do conceito que dá o título ao tema de capa desta edição: sociedade do risco.

O medo, afirma Antonio Negri, num de seus livros (*Du retour. Abecedaire biopolitique*), era a base do contrato que institui o Estado, enquanto o pânico é a base da demanda da autoridade imperial. Isso faz Richard Sennett, no seu último livro *A cultura do novo capitalismo*, usando o conceito "insegurança ontológica", descrever "o medo do que pode acontecer mesmo quando não se descortina nenhum desastre no horizonte". Para Sennett, "esse tipo de ansiedade também é chamado de flutuante, para indicar que alguém está sempre preocupado, mesmo quando não tem motivos de temor numa situação específica".

Ulrich Beck, Zygmunt Bauman, Christophe Dejours, Jean Delumeau contribuem, a partir de diferentes campos do saber, como a sociologia, a psicopatologia do trabalho e a história, para compreender melhor a sociedade contemporânea, em que o medo não mais é atribuído a Deus ou à natureza, mas à própria "modernização", ao "progresso". Arlete Arruda, socióloga, por sua vez, reflete sobre um caso específico, uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, típico exemplo de uma cidade do risco.

O tema de capa da *IHU On-Line* desta semana coincide com a tragédia social vivida pela cidade de São Paulo na semana passada. Ela foi o tema constante das *Notícias Diárias* da página do IHU e da entrevista com Carlos Sant'Ana, secretário da segurança pública de São Leopoldo, que promove, na próxima semana, o **Seminário Latino-Americano de Segurança Urbana**.

A estréia internacional do filme *Código da Vinci* nos levou a fazer uma abordagem do tema. O Prof. Dr. Jesús Hortal, reitor da PUC-Rio, analisa o livro com o mesmo título, e Gilmar Hermes comenta o filme.

A possibilidade e os limites do diálogo entre o cristianismo e o islamismo, na visão de Joseph Ratzinger, é o tema do artigo do jesuíta egípcio Khalil Samir que publicamos nesta edição.

Na próxima quinta-feira, a Prof.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Cleusa Rios Pinheiro Passos, da USP, encerra o ciclo **Grande Sertão: Veredas. 50 anos**, cujo tema também será abordado pela Prof.<sup>a</sup> Da<sup>a</sup>. Kathrin Rosenfield, da UFRGS, no **Quarta com Cultura Unisinos**, no dia 24 deste mês, na Livraria Cultura, em Porto Alegre.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

# Incertezas fabricadas

## Entrevista com Ulrich Beck



A sociedade do risco à qual se refere o sociólogo alemão Ulrich Beck diz respeito às incertezas fabricadas. “Essas ‘verdadeiras’ incertezas, reforçadas por rápidas inovações tecnológicas e respostas sociais aceleradas, estão criando uma nova paisagem de risco global.” A declaração foi feita à *IHU On-Line*, em entrevista por e-mail.

Além de sociólogo, Beck é filósofo, psicólogo e cientista político pela Universidade de Munique. Lecionou em Münster de 1989 a 1981 e em Bamberg de 1981-1992. Desde 1992, é professor de Sociologia e diretor do Instituto de Sociologia da Universidade de Munique. Leciona também na London School of Economics, na Inglaterra. Recebeu dezenas de prêmios internacionais por suas atividades acadêmicas. Escreveu o importante livro *Risikogesellschaft. Auf dem Weg in eine andere Moderne*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1986, traduzido para diversas línguas, entre as quais para o italiano sob o título *La società del rischio. Verso una seconda modernità*. Roma: Carocci, 2000. Trata-se de uma tradução da edição do original alemão de 1999, com um pós-fácio de Ulrich Beck, intitulado *Retorno à sociedade do risco. Teoria, política, críticas e programas de pesquisa*. É autor, também, de *Macht und Gegenmacht im globalen Zeitalter*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag, 2002, traduzido para o francês como *Pouvoir e contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation*. Paris: Aubier, 2003. Acaba de sair na França sua obra *L'Europe cosmopolite*. Paris: Aubier, 2006.

### **IHU On-Line - O que é “sociedade de risco” e como surgiu?**

**Ulrich Beck** - “Sociedade de risco” significa que vivemos em um mundo fora de controle. Não há nada certo além da incerteza. Mas vamos aos detalhes. O termo “risco” tem dois sentidos radicalmente diferentes. Aplica-se, em primeiro lugar, a um mundo governado inteiramente pelas leis da probabilidade, onde tudo é mensurável e calculável. Esta palavra também é comumente usada para referir-se a incertezas não quantificáveis, a “riscos que não podem

ser mensurados”. Quando falo de “sociedade de risco”, é nesse último sentido de incertezas fabricadas. Essas “verdadeiras” incertezas, reforçadas por rápidas inovações tecnológicas e respostas sociais aceleradas, estão criando uma nova paisagem de risco global. Em todas essas novas tecnologias incertas de risco, estamos separados da possibilidade e dos resultados por um oceano de ignorância<sup>1</sup> (not knowing).

---

<sup>1</sup> No original, a palavra seria traduzível literalmente por “não saber”. (Nota do tradutor)

### ***IHU On-Line* - O senhor pode dar um exemplo?**

**Ulrich Beck** - Há alguns anos, o Congresso dos EUA deu a uma comissão científica a tarefa de desenvolver uma linguagem simbólica que tornaria claro o perigo que um local de dejetos atômicos nos EUA implicaria. O problema a ser resolvido era o seguinte: Como os conceitos e símbolos poderiam ser constituídos de forma a comunicar (algo) àqueles que vivessem daqui a dez mil anos. A comissão era formada por físicos, antropólogos, lingüistas, pesquisadores do cérebro, psicólogos, biólogos moleculares, gerontólogos, artistas etc. Primeiro de tudo, eles deveriam esclarecer uma questão simples: os EUA existiriam daqui a dez mil anos? A resposta foi, claro, simples: "EUA para sempre!". No entanto, a chave do problema - como é possível hoje começar uma conversa para dez mil anos no futuro - eventualmente provou ser insolúvel. A comissão buscou por exemplos dos mais antigos símbolos da humanidade, estudou as ruínas de Stonehenge<sup>2</sup> (1500 a. C.) e as pirâmides, pesquisou a recepção de Homero<sup>3</sup> e da bíblia e ouviu explicações sobre o ciclo de vida dos documentos. Isso, no entanto, alcançou apenas algumas centenas de anos passados, não dez mil.

<sup>2</sup> **Stonehenge**: monumento megalítico da Idade do Bronze, localizado próximo a Amesbury, no condado de Wiltshire, a cerca de 13 km (8 milhas) a noroeste de Salisbury, na Inglaterra. Círculo de pedras provavelmente construído como templo-calendário do ano, impressiona pelo tamanho dos blocos movimentados para a sua edificação. Uma antiga lenda local atribui à magia do mago Merlin o seu deslocamento. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> **Homero**: primeiro grande poeta grego, que teria vivido há cerca de 3500 anos e consagrado o gênero épico com as suas grandiosas obras: *A Ilíada* e *a Odisseia*. Nada se sabe seguramente da sua existência; mas a crítica moderna inclina-se a crer que ele terá vivido no século VIII a. C., embora sem poder indicar onde nasceu nem confirmar a sua pobreza, cegueira e afã de viajante, caracteres que tradicionalmente lhe têm sido atribuídos. (Nota da *IHU On-Line*)

Na velocidade de seu desenvolvimento tecnológico, o mundo moderno aumenta a diferença global entre a linguagem de riscos quantificáveis no qual pensamos e agimos, e o mundo de insegurança quantificável que igualmente criamos. Com nossas decisões passadas sobre energia atômica e nossas decisões presentes sobre o uso de tecnologia genética, genética humana, nanotecnologia e ciência informática, desencadeamos conseqüências imprevisíveis, incontroláveis e certamente até incomunicáveis que ameaçam a vida na Terra.

### ***IHU On-Line* - O que, portanto, é realmente novo a respeito da sociedade de risco?**

**Ulrich Beck** - Risco é um conceito moderno. Pressupõe decisões que tentam fazer das conseqüências imprevisíveis das decisões civilizacionais decisões previsíveis e controláveis. Se alguém, por exemplo, diz que o risco de câncer em fumantes está em um certo nível, e o risco de catástrofe em uma usina nuclear está em certo nível, isso implica que riscos são conseqüências negativas permitidas por decisões que parecem calculáveis, assim como a probabilidade de doença ou acidente, e ainda assim não são catástrofes naturais. A novidade da sociedade de risco repousa no fato de que nossas decisões civilizacionais envolvem conseqüências e perigos globais, e isso contradiz radicalmente a linguagem institucionalizada do controle - e mesmo a promessa de controle - que é irradiada ao público global na eventualidade de catástrofe (como em Chernobyl e também nos ataques terroristas<sup>4</sup> - terror attacks - sobre Nova Iorque e Washington). Isso constitui precisamente a "explosividade" política da sociedade de risco. Esta

<sup>4</sup> No original, a palavra é "terror", porém o sentido pode ser usado tanto para "ataques terríveis" quanto para "ataques terroristas". (Nota do tradutor)

“explosividade” tem seu centro na esfera pública da sociedade de massas midiaticizada, na política, na burocracia, na economia, embora não seja necessariamente contíguo a um evento específico ao qual esteja conectada.

A “explosividade” política não pode ser descrita e mensurada nem na linguagem do risco, nem em fórmulas científicas. Nela “explode” - se me permite a metáfora - a responsabilidade, reivindica racionalidade e legitimidade pelo contato com a realidade. O outro lado da presença admitida do perigo é a falência das instituições cuja autoridade provém da maestria assumida de tal perigo. Desse modo, o “nascimento social” de um perigo global é tanto um improvável quanto um dramático, mesmo traumático, fim do mundo. Na experiência de choque irradiado pela mídia massificada, torna-se reconhecível que - para citar Goya<sup>5</sup> - a dormência da razão cria monstros.

***IHU On-Line - Em seu livro *Sociedade de Risco, o senhor argumenta que “a força motriz na sociedade de classes pode ser resumida em uma frase: Tenho fome! O movimento posto em marcha pela sociedade de risco também é expresso pelo indicativo: Tenho medo! A comunalidade da ansiedade toma o lugar da comunalidade da necessidade.”. Poderia explicar melhor essa afirmação?****

**Ulrich Beck** - Não sabemos se vivemos em um mundo algo mais arriscado que aquele das gerações passadas. Não é a quantidade de risco, mas a qualidade do controle ou - para ser mais preciso - a sabida impossibilidade de controle das conseqüências das decisões civilizacionais que faz a diferença histórica. Por isso, eu uso o termo “incertezas fabricadas”. A expectativa

<sup>5</sup> Francisco José Goya y Lucientes (1746-1828): pintor espanhol cuja obra marca a transição do neoclassicismo ao romantismo. (Nota da *IHU On-Line*)

institucionalizada de controle, mesmo as idéias-chave de “certeza” e “racionalidade” estão em colapso. Não são as mudanças climáticas, os desastres ecológicos, ameaças de terrorismo internacional, o mal da vaca louca etc. que criam a originalidade da sociedade de risco, mas a crescente percepção de que vivemos em um mundo interconectado que está se descontrolando.

Os desafios dos riscos globais conceituais e prescritivos oriundos da primeira modernidade do século XIX e início do século XX, são discutidos no início do século XXI. Os riscos com os quais nos confrontamos não podem ser delimitados espacialmente, temporalmente, ou socialmente; eles abrangem estados-nação, alianças militares, e todas as classes sociais, e, por sua natureza, apresentam novos tipos de desafios às instituições designadas para seu controle.

As regras estabelecidas de atribuição e responsabilidade - causalidade, culpa e justiça - quebraram-se. Isso significa que sua cuidadosa aplicação à pesquisa e jurisdição tem o efeito contrário: os perigos aumentaram e sua “anonimatização” (anonymization) é legitimada. Então, a principal diferença entre a cultura pré-moderna do medo e a cultura do medo da segunda modernidade é: na pré-modernidade, os perigos e medos podem ser atribuídos a deuses ou Deus ou à natureza, e a promessa de modernidade deve superar essas ameaças com mais modernização e mais progresso - mais ciência, mais economia de mercado, melhores e novas tecnologias, padrões de segurança etc. Na era do risco, as ameaças com as quais nos confrontamos não podem ser atribuídas a Deus ou à natureza, mas à própria “modernização” e ao próprio “progresso”. Assim, a cultura do medo vem do fato paradoxal de que as instituições feitas para controlar produzem incontabilidade.

### **IHU On-Line - O que acontece à nossa capacidade de buscar justiça na sociedade de risco?**

**Ulrich Beck** - Não há uma resposta fácil a esta pergunta. Dê uma olhada, por exemplo, em uma das mais famosas filosofias e teorias morais da justiça de nosso tempo, criada por John Rawls<sup>6</sup>. Ele conceitualiza a justiça em um marco referencial construído sobre duas premissas obsoletas: a primeira é o “nacionalismo metodológico”, que significa que a questão da justiça é percebida em categorias do estado-nação; e a segunda é que ele concentra sua teoria na distribuição de “bens” e negligencia a distribuição dos “males” e “riscos”, do que deriva, como eu argumento em meu livro, uma lógica bem diferente.

Portanto, a “gramática” social e política em que vivemos, pensamos e sobre a qual agimos está se tornando historicamente obsoleta, não obstante, continua a governar nosso pensamento e nossas ações. Pegue a ameaça terrorista, por exemplo. A violência de 11 de setembro de 2001 se mostra como a falência de conceitos tradicionais baseados em estados de “guerra” e “paz”, “amigo” e “inimigo”, “guerra” e “crime” para então se apreender, analisar e propor abordagens às novas realidades morais, sociais e políticas. Sua questão, como redefinir a justiça numa sociedade de risco, nem sequer foi levantada.

### **IHU On-Line - O que significa “poder” em uma sociedade de risco?**

---

<sup>6</sup> John Rawls (1921-2002): filósofo, foi professor de Filosofia Política na Universidade de Harvard. É autor de *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 1997; *Liberalismo Político*. São Paulo: Ática, 2000; e *O Direito dos Povos*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001. A *IHU On-Line* número 45, de 2 de dezembro de 2002, dedicou sua matéria de capa a John Rawls, sob o título *John Rawls: o filósofo da justiça*. Confira, ainda, o 1º dos **Cadernos IHU Idéias**, intitulado *A teoria da justiça de John Rawls*, de autoria do Prof. Dr. José Nedel. (Nota da *IHU On-Line*)

**Ulrich Beck** - Em conflitos de risco, a questão central do poder é de definição. É a questão de quem, com que recursos legais e intelectuais, passa a decidir o que conta como “risco”, o que conta como “causa”, e o que conta como “preço”<sup>7</sup>. A questão de determinar quem é responsável, e quem tem que carregar o fardo de pagar pelos danos, foi transformada em uma batalha sobre as regras de evidência e as leis de responsabilidade. E a razão para isso é que, no fundo, o verdadeiro duelo se dá entre a idéia de que alguém é responsável e a idéia de que ninguém é responsável.

### **IHU On-Line - É esta razão pela qual o senhor fala sobre “irresponsabilidade organizada” como uma característica da sociedade de risco?**

**Ulrich Beck** - Sim. Políticos dizem que não estão no comando, que eles no máximo regulam a estrutura para o mercado. Especialistas científicos dizem que meramente criam oportunidades tecnológicas: eles não decidem como elas serão implementadas. Gente de negócios diz que está simplesmente respondendo a uma demanda dos consumidores. A sociedade tornou-se um laboratório sem nenhum responsável pelos resultados do experimento.

### **IHU On-Line - Como nós, individualmente e coletivamente, podemos viver sem certezas, sem garantias de segurança?**

**Ulrich Beck** - Risco é um conceito muito ambíguo. Não é somente percebido e valorizado negativamente, mas também positivamente. Na verdade, a palavra “risco” (risk) parece ter vindo para o inglês do português ou do espanhol, a qual era usada para se referir à navegação em águas não

---

<sup>7</sup> Do original, “cost”. Aqui “preço” está sendo usado como em “preço que se paga por ...”. (N. do T.)



mapeadas. A noção de risco é inseparável da condição de modernidade, de emoção e aventura. Uma abordagem positiva de risco é a da origem da energia que cria liberdade e riqueza no mundo moderno. A principal questão é sobre a aceitação do risco e as suas condições. A aceitabilidade do risco depende se aqueles que perdem também recebem os benefícios. Não sendo esse o caso, o risco será inaceitável para aqueles afetados. E se mesmo o benefício estando na disputa - como no caso de alimentos geneticamente modificados - ele não será suficiente para demonstrar que o "risco residual"<sup>8</sup> seja, estatisticamente falando, muito improvável. Um risco não pode ser considerado por si só. Ele está sempre emoldurado pelo critério usado na sua avaliação e influenciado pelas suposições culturais que o cercam. Ou colocando de outro modo, os riscos são tão grandes quanto aparentam. Isso é uma certeza, mas é uma certeza ainda maior no caso de incertezas fabricadas. É contra este fundo que especialistas técnicos percebem as populações que os cercam como irracionais ou histéricas, ou porque parecem fazer maus cálculos de risco pessoal - como quando fumantes protestam contra energia nuclear - ou porque expressam a si mesmos com imagens sensacionalistas - como quando a Grã-Bretanha, visivelmente invadida pela opressão alemã, demonizou as suas maravilhas geneticamente modificadas como "comida Frankenstein". É uma frase de efeito e serviu como uma arma definitiva na guerra de palavras contra alimentos geneticamente modificados. Ela contém, contudo, a importante idéia de que mesmo riscos "objetivos" contêm julgamentos implícitos sobre o que é certo. Especialistas técnicos perderam

<sup>8</sup> Do original, "risco residual", refere-se a "efeitos residuais", ou seja, efeitos colaterais. (Nota do Tradutor)

seu monopólio sobre a racionalidade no sentido original: eles não ditam mais as proporções pelas quais julgamentos são medidos. Indicações de risco são baseadas em padrões culturais, expressadas tecnicamente, sobre o que ainda é e o que não é mais aceitável. Quando cientistas dizem que um evento tem uma baixa probabilidade de acontecer, e por esta razão tem um risco negligenciável, eles estão necessariamente codificando seus julgamentos sobre compensações relativas. Então é errado considerar julgamentos sociais e culturais como coisas que apenas podem distorcer a percepção de risco. Sem julgamentos sociais e culturais, não existem riscos. Estes julgamentos constituem o risco mesmo se, freqüentemente, de maneiras ocultas.

#### ***IHU On-Line - Que tipos de responsabilidades isso impõe sobre indivíduos, famílias e sociedades inteiras?***

**Ulrich Beck** - É evidente que indivíduos e famílias estão sobrecarregados com a responsabilidade de decidir sobre a realidade dos riscos. Existe definitivamente uma necessidade por novas instituições. Deixe-me mostrar as conseqüências para a economia e para toda a sociedade. Riscos virtuais não precisam mais existir para serem percebidos como fato. Podemos criticá-los como riscos fantasmas, mas isso não importa economicamente. Percebidos como riscos, eles causam enormes perdas e desastres. Com isso, a distinção entre a percepção de riscos "reais" e "históricos" não se sustenta. Economicamente não faz diferença. A perda da disputa científica pelo estabelecimento de mecanismos e o domínio de percepções culturais têm duas implicações principais. Eles aumentam e reforçam a diversidade transnacional de padrões regulatórios. Essa diversidade pode causar uma enorme tensão não apenas

domesticamente, mas também em sistemas de negócios globais, regionais e bilaterais. Mesmo instituições democráticas supranacionais existentes têm dificuldades em chegar a decisões. Por exemplo, na União Européia, que provavelmente fez o maior progresso em estabelecer juntas de decisão transnacionais, estados membros ainda aceitaram ou rejeitaram certificados de liberação da carne britânica de acordo com as suas próprias idéias. Assim, a inabilidade de gerenciar incertezas fabricadas nacionalmente e globalmente pode se tornar uma das principais forças contrárias ao neoliberalismo. Isso pode decepcionar amargamente aqueles que colocaram suas esperanças em soluções de mercado para problemas de segurança de consumidores. A recente legislação de proteção ao consumidor e de garantias de produtos mostrou uma clara tendência em direção à antecipação de perdas potenciais ao contrário de ser engrenado para perdas realmente sustentadas. Além disso, o ônus da prova parece estar se deslocando do consumidor para o produtor em alguns campos.

**IHU On-Line - Como o senhor caracteriza a relação entre globalização e risco? Ulrich Beck -** Nós tocamos neste assunto antes. Muitos dos riscos com os quais nos confrontamos são globais pela sua própria natureza. Três dimensões de perigo podem ser diferenciadas na sociedade global de risco, cada uma seguindo uma diferente lógica de conflito. Essa reviravolta ou reprime outros temas, destrói ou valoriza prioridades: primeira, crise ecológica; segunda, crise financeira global; e terceira – a partir de 11 de setembro de 2001 – o perigo terrorista causado pela rede transnacional terrorista. Nessas três dimensões de perigo, e além de todas as diferenças, um modelo comum de possibilidades e contradições políticas

podem ser vistas na sociedade global em risco.

**IHU On-Line - Como a sociedade mundial de risco está embasada? Alguns povos/sociedades correm mais risco de colapso do que outros?**

**Ulrich Beck -** O termo “sociedade global de risco” não deve ser confundido com uma homogeneização do mundo, porque todas as regiões e culturas não são igualmente afetadas por um conjunto uniforme de riscos não-quantificados e incontrolláveis nas áreas de ecologia, economia e de redes terroristas. Ao contrário, riscos globais são por si só desigualmente distribuídos. Eles se desdobram de diferentes maneiras em cada contexto concreto, mediados por históricos diferentes e padrões culturais e políticos. Na assim chamada periferia, os riscos globais surgem não como um processo interno, o qual pode ser combatido por meio de decisões nacionais autônomas, mas como um processo externo que é propellido por decisões feitas em outros países, especialmente no centro. As pessoas se sentem como reféns indefesas desses processos assim como correções são virtual e nacionalmente impossíveis .

**IHU On-Line - Isso não é verdade também no assim chamado “centro”?**

**Ulrich Beck -** Sim, mas há uma diferença. Uma área na qual a diferença é especialmente marcante é a experiência da crise financeira global, de modo que regiões inteiras na periferia podem ser mergulhadas em depressões que cidadãos do centro nem registram como crise. Além disso, ameaças ecológicas e terroristas também florescem com particular virulência em estados fracos que definem a periferia. Existe uma razão dialética entre a experiência desigual de ser vitimado por riscos globais e a natureza transfronteira dos problemas. Este é exatamente o aspecto transnacional que faz a

cooperação indispensável para a sua solução e que realmente dá um aspecto cosmopolita. O colapso do mercado financeiro global ou as mudanças climáticas afetam de maneira bem diferente as regiões. Entretanto, isso não muda o princípio de que todos são afetados, e todos podem ser potencialmente afetados de maneiras piores. Assim, de certo modo, estes problemas dotam cada país com um interesse cosmopolita comum, o que significa que a reflexão do público globalizado sobre conflitos de risco global produz a base de uma “comunidade do destino”<sup>9</sup>.

**IHU On-Line - As pessoas estão conscientes dessa “comunidade do destino”? Por exemplo, os chineses sentem que são parte de uma comunidade do destino com os europeus mesmo no que diz respeito ao aquecimento global?**

**Ulrich Beck** - Eles não sentem isso em relação ao aquecimento global ou aos direitos humanos, mas, ao menos para o momento histórico, o sentem em relação à ameaça terrorista. Mesmo o *Le Monde* usou a seguinte manchete: “Somos todos americanos”. Os chineses fizeram uma ponte sobre o golfo e se uniu à coalizão dos EUA contra o terrorismo. Além disso, é intelectualmente óbvio também que os problemas globais têm apenas solução global e demandam cooperação global. Entretanto, entre o potencial da cooperação global e sua realização há um bocado de conflitos de risco. Exemplos disso são evidentes e infundáveis: Pense nas discussões a respeito do “risco do bife”, a crise da vaca louca na Europa e agora chegando aos EUA, o corrente conflito de risco a respeito da alimentação modificada geneticamente (transgênica), do aquecimento global, da AIDS, da proliferação de armas de destruição em

<sup>9</sup> Do original, “community of fate”. Destino é usado aqui como “predestinação” e “circunstância”. (Nota do tradutor)

massa e por último, mas não menos importante, como definir e combater o terrorismo internacional. E, no entanto, esses conflitos servem ainda a uma função integrativa e iluminadora<sup>10</sup>, pois elas deixam claro que soluções globais devem ser encontradas e que isso não se dará com guerra, mas apenas com negociações e contratos.

**IHU On-Line - O senhor quer dizer que a guerra no Iraque - que significa combater o risco global do terrorismo - tem uma função integrativa e iluminadora?**

**Ulrich Beck** - Sim, de alguma forma ela tem tal função! O que eu realmente nunca esperava está acontecendo agora: O superpoder dos EUA finalmente se dá conta de que não dá para “jogar boliche sozinho”<sup>11</sup>. E nós, europeus, também, começamos a aprender a não mais nos concentrarmos naquilo de que gostamos para nos concentrarmos na maioria: Europa. Se a democracia no Iraque falhou, isso irá ferir a Europa também. No mundo interdependente no qual vivemos, não há lado de fora, não há opção de isolar-se. Então as pessoas estão percebendo: a ameaça terrorista conecta pessoas que não querem se conectar e forçando-as a falarem e ouvirem umas às outras. Então nós, europeus, também, devemos perguntar e responder às questões: Qual é nossa visão do mundo do século XXI? Qual é

<sup>10</sup> Do original, “integrative and enlightenment function”. Aqui Ulrich usou “iluminadora” no sentido de compreensão, repentino entendimento de uma coisa importante, uma inspiração. (Nota do Tradutor)

<sup>11</sup> No original, a expressão é “bowl alone”, e faz referência ao nome do livro *Bowling alone* (Jogando boliche sozinho), de Robert Putnam (de 2000). O subtítulo do livro é “O colapso e o renascimento da comunidade americana”. A mesma expressão é usada pelo cineasta norte-americano Michael Moore em seu filme *Bowling for Columbine*, um documentário que critica a sociedade que produz tragédias humanas como o massacre em uma escola dos EUA, protagonizado por dois adolescentes fortemente armados, em 1993. (Nota do tradutor)

nossa contribuição para resolver, por exemplo, o conflito entre Israel e a Palestina? Para reduzir a ameaça terrorista, não deveríamos abrir nossas fronteiras e investir mais no desenvolvimento de países pobres?

***IHU On-Line* - Há "oportunidades", "benefícios" possíveis da sociedade de risco?**

**Ulrich Beck** - Há lugar para esperança. Em uma época em que a crença nos governantes, na nação, na classe desaparece, a sabida e reconhecida globalidade do perigo transforma-se em uma fonte de associações, abrindo novas perspectivas globais políticas para a ação. Os ataques terroristas (ou os terríveis ataques) aproximaram os estados e moldaram o entendimento do que a globalização realmente é: uma comunidade global do destino, confrontada com uma obsessão violenta e destrutiva. Como é possível, então, a política na era da globalização? Minha resposta é: por meio da percepção da globalidade do perigo, que rende o aparentemente resistente sistema fluido e maleável de políticas internacionais e nacionais. O medo cultiva uma situação pseudo-revolucionária, o que sabidamente pode ser usado de muitas maneiras diferentes. De novo e de novo perguntam e discutem: o que pode unificar o mundo? A resposta experimental é um ataque de Marte. Esse terrorismo é um ataque do "interior de Marte". Por um instante histórico, os campos e nações dispersos do mundo estão unificados contra o inimigo comum chamado terrorismo global. É precisamente a universalização da ameaça terrorista contra os estados do mundo que muda a guerra contra o terror global para um desafio para as

grandes políticas, em que novas alianças serão forjadas entre campos antagonistas, conflitos regionais são suspensos, e o mapa das políticas globais é renovado.

***IHU On-Line* - Essa não é uma esperança muito ambivalente?**

**Ulrich Beck** - O que precisamos, eu sugiro, é uma "cultura de incerteza", o que deve ser claramente distinguido de "cultura do risco residual", por um lado, e uma cultura de "não-risco" ou "segura", por outro. A chave para uma cultura de incertezas repousa na prontidão para uma conversa aberta para abordar o risco; a voluntariedade de reconhecer a diferença entre riscos quantificados e incerteza não-quantificada; a disposição de negociar entre diferentes racionalidades maior que para engajar-se em denunciamento mútuo; a voluntariedade de erigir tabus modernos sobre bases racionais; e, por fim, mas não menos importante, um reconhecimento da importância central de demonstrar a vontade coletiva de agir de forma responsável no que diz respeito às penas que sempre irão ocorrer apesar de qualquer precaução. Uma cultura de incertezas não mais irá falar despreocupadamente de "riscos residuais", pois cada um irá reconhecer que os riscos são residuais apenas se acontecem a outras pessoas, e o ponto-chave de uma comunidade democrática é que assumimos a responsabilidade juntos. A cultura da incerteza é também diferente da "cultura da segurança". Com isso, eu quero dizer uma cultura na qual segurança absoluta é considerada um benefício pelo qual a sociedade deve lutar. Tal cultura deve sufocar toda inovação na sua origem.

# A síndrome de Titanic e os seus medos

Entrevista com Zygmunt Bauman



Em entrevista exclusiva, concedida por e-mail à *IHU On-Line* nesta semana, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman afirmou que “a *síndrome de Titanic* é o horror de cair através da *crosta fina* da civilização nesse vazio despido dos *pontos elementares da vida organizada, civilizada*.” E continua: “Os medos que emanam da *síndrome de Titanic* são os medos de um colapso ou catástrofe que possa cair sobre todos nós, atingindo cega e indiscriminadamente. Existem, entretanto, outros medos não menos horrorizantes: medo de ser o único pego do meio da alegre multidão e condenado a sofrer sozinho enquanto todos os outros continuam a viver suas fantasias; medo de uma catástrofe pessoal; medo de tornar-se um alvo; medo de cair fora ou ser jogado para fora de um veículo em movimento, enquanto os demais passageiros, com seus cintos de segurança bem afivelados, acham a viagem ainda mais divertida; medo de ser deixado para trás; medo de exclusão.” Bauman tornou-se conhecido no final dos anos 80, através de estudos nos quais conectava a cultura da modernidade e o totalitarismo, especialmente o nacional-socialismo alemão e o Holocausto. Suas publicações recentes enfocam a passagem da modernidade para a pós-modernidade, e os conflitos éticos que cercam esse movimento. Recentemente, o sociólogo substituiu seus conceitos de modernidade e pós-modernidade por “sólido” e “líquido”, respectivamente. De seus livros, os seguintes estão publicados em língua portuguesa: *Por uma sociologia crítica: um ensaio sobre o senso comum e emancipação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977; *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998; *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999; *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999; *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000; *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 e *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

**IHU On-Line - Em vários de seus livros, o senhor fala sobre a vulnerabilidade da vida humana na contemporaneidade. Quais são as principais manifestações dessa vulnerabilidade?**

**Zygmunt Bauman** - Muitos anos atrás e alguns anos antes do 11 de setembro<sup>12</sup>, do Tsunami, do Katrina e do terrível aumento nos preços do petróleo, que os seguiu (mesmo se piedosamente efêmero, no entanto), terem fornecido situações tão chocantes para que se acordasse e se tornasse sóbrio, Jacques Attali<sup>13</sup> ponderou a respeito do triunfo financeiro do filme *Titanic*, que suplantou todos os recordes de bilheteria de filmes de tragédia aparentemente similares. Ele então deu a seguinte explicação – impressionantemente aceitável, quando foi escrita, mas alguns anos depois soando como não muito profética: “O *Titanic* somos nós, nossa triunfalista, auto-aduladora, cega e hipócrita sociedade, que impiedosamente vai em direção à sua pobreza – uma sociedade onde tudo é previsto, exceto o significado da previsão... Nós todos adivinhamos que há um *iceberg* à nossa espera, escondido em algum lugar num futuro misterioso, no qual todos iremos bater e então afundar aos sons da música”<sup>14</sup>...

<sup>12</sup> **11 de setembro de 2001:** membros do grupo islâmico Al-Qaeda seqüestraram quatro aeronaves, fazendo duas colidirem contra as duas torres do World Trade Center, em Manhattan, Nova Iorque, e uma terceira contra o quartel general do departamento de defesa dos Estados Unidos, o Pentágono, na Virgínia, próximo à capital dos Estados Unidos, Washington. O quarto avião seqüestrado foi intencionalmente derrubado em um campo próximo a Shanksville, Pensilvânia, após os passageiros enfrentarem os terroristas. Esse foi o primeiro ataque letal de uma força estrangeira em território americano desde a Guerra de 1812. O saldo de mortos aproxima-se de 3 mil pessoas. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>13</sup> Veja Jacques Attali, *Le „Titanic“, le mondial et nous*, *Le Monde*, 3 July 1998. (Nota do Entrevistado)

<sup>14</sup> A expressão usada por Attali tem sentido tanto se pensarmos em “deixar-se levar pela música”

Doce música que era relaxante e ao mesmo tempo revigorante... Música viva, música em tempo real. Últimos *hits*, grandes celebridades, músicos. Sons reverberantes que ensurdecem, estroboscópicas luzes que cegam, tornando inaudíveis os sussurros fracos dos maus pressentimentos e invisível a enormidade dos majestosamente silenciosos icebergs. Sim, *icebergs* – não um *iceberg*, mas muitos, provavelmente demais para que pudessem ser contados.

**Os diversos *icebergs***

Attali<sup>15</sup> nomeou vários: financeiro, nuclear, ecológico, social (tendo o último como a perspectiva de três bilhões de “redundantes”<sup>16</sup> na população do Planeta). Escrevendo agora, em 2006, ele certamente aumentaria a lista – reservando lugar de destaque para o “*iceberg* terrorista” ou o “*iceberg* fundamentalista religioso”. Ou, e talvez mais provável, o *iceberg* da “implosão da civilização” - que recentemente vem chamando a atenção nas conseqüências das aventuras militares do meio-leste ou na visita do Katrina a Nova Orleans, numa espécie de ensaio com figurino<sup>17</sup>,

---

quanto se lembrarmos do fato de que, enquanto o Titanic afundava, com seus muitos passageiros em desespero, tentando conseguir um lugar nos insuficientes botes salva-vidas, um grupo de músicos continuava a tocar, mantendo na tragédia histórica a mesma “aura” de classe e “bom gosto” que se manteve durante a viagem, antes do acidente com o iceberg. (N. do T.)

<sup>15</sup> **Jacques Attali** (1943): economista francês e escritor profícuo sobre diversos temas, incluindo sociologia mas também romances, biografias e até mesmo livros infantis. Destacou-se também por ter sido conselheiro de François Mitterrand com apenas 27 anos. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>16</sup> “Redundantes” refere-se às “sobras” do mundo moderno, às vidas inúteis de que fala Bauman em *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (N. do T.)

<sup>17</sup> A expressão “ensaio com figurino” é usada também no português e refere-se ao(s) último(s) ensaio de uma peça teatral ou performance, quando os atores já usam seus figurinos de cena, o que serve de teste para os figurinos e de reforço para a introjeção do “espírito” da história encenada

e em toda sua feiúra e repugnante monstruosidade.

*Implosão*, não *explosão*, tão diferente na forma como os medos do “colapso da ordem civilizada” que acompanham nossos ancestrais pelo menos desde que Hobbes<sup>18</sup> proclamou o *bellum omnium contra omnes*<sup>19</sup> como o “estado natural” da humanidade, tendem a ser articulados durante a fase “sólida”<sup>20</sup> da era moderna.

### A catástrofe por negligência

Alguns anos antes do Katrina aportar na costa norte-americana, Jean-Pierre Dupuy<sup>21</sup> encontrou um nome para o que estava para acontecer: “o irrupção do possível no impossível”. E ele alertou: para prevenir uma catástrofe, é preciso antes acreditar na possibilidade de catástrofe. É preciso acreditar que o impossível é possível. Que o possível sempre prega peças, incansavelmente,

---

e dos próprios personagens representados. (N. do T.)

<sup>18</sup> Thomas Hobbes (1588 – 1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford. Ele foi secretário de Sir Francis Bacon. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>19</sup> “*Bellum omnium contra omnes*” vem do latim e significa *Luta de todos contra todos*, que é a existência humana em seu estado natural descrita por Thomas Hobbes. (N. do T.)

<sup>20</sup> Bauman, quando cita o “estado sólido” de uma era, está fazendo uma referência ao seu contraponto, uma de suas teorias mais conhecidas, a *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001. (N. do T.)

<sup>21</sup> Jean-Pierre Dupuy: filósofo francês, dirige o Centre de Recherche en Épistémologie Appliquée (CREA), da Escola Politécnica de Paris, onde é também professor. É diretor de pesquisas do CNRS, professor visitante da Universidade de Stanford (Califórnia) e autor de numerosas obras, entre as quais, *Le sacrifice et l'envie* (Calmann-Lévy) e *Introduction aux sciences sociales* (Ellipses), ambas de 1992. Escreveu *Pour un catastrophisme éclairé: quand l'impossible est certain*, Seuil 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

dentro da carapaça de proteção da impossibilidade que ele espera para irromper.

Nenhum perigo é tão sinistro e nenhuma catástrofe bate tão forte quanto aquelas que são vistas como de probabilidade negligenciável; pensar nelas como improváveis ou não pensar nelas de jeito nenhum é a desculpa para não fazer algo para pará-las antes que cheguem ao ponto em que o improvável torna-se realidade e de repente é tarde demais para amortecer seu impacto, deixá-la em paz para prevenir sua chegada. E, no entanto, é o que estamos fazendo (não fazendo, na verdade) diariamente, sem pensar. “A atual situação nos mostra”, observa Dupuy<sup>22</sup>, “que o anúncio de uma catástrofe não produz nenhuma mudança visível, nem em nossa conduta, nem em nosso modo de pensar. Mesmo quando são informadas, as pessoas não acreditam naquilo que aprenderam.”. Ele cita Corinne Lepage<sup>23</sup>: “A mente rejeita (tal anúncio), dizendo a si mesma que isso simplesmente não é possível.”. E conclui: “O mais incrível obstáculo para a prevenção de uma catástrofe é a descrença...”

### Apocalipse no mundo civilizado

O *Apocalipse Now*<sup>24</sup> (essa exata expressão é um desafio para nossa idéia de probabilidade) foi encenado outra vez. Não em uma sala de cinema ou na sala da imaginação, mas nas ruas do centro de uma grande cidade norte-americana. “Não em Bagdá, não em Ruanda, aqui” - é assim que Dan Barry,

---

<sup>22</sup> *Pour un catastrophisme éclairé*, p.143. (Nota do Entrevistado)

<sup>23</sup> Corinne Lepage & François Guery. *La politique de précaution*. Paris: PUF, 2001, p.16. (Nota do Entrevistado)

<sup>24</sup> A expressão significa, literalmente, “Apocalipse agora”, porém permanece em inglês pois é mais conhecida no original, devido ao filme homônimo de Francis Ford Coppola, lançado em 1979 e baseado no livro *Heart of Darkness*, de Joseph Conrad. (N. do T.)

o autor da reportagem de uma cidade onde o impossível demonstrou encontrar-se ao lado do possível, impondo a novidade da produção. O Apocalipse não aconteceu na longínqua floresta tropical do Vietnã desta vez, onde aconteceu a locação original de *Apocalypse Now*, e não nas escuras costas do mais escuro dos continentes, onde Conrad situou seu “coração da escuridão”<sup>25</sup> para fazer sua mensagem legível aos seus leitores civilizados – mas aqui, no coração do mundo civilizado, em uma cidade aclamada por sua beleza e *joie de vivre*<sup>26</sup> e ainda, até poucos dias atrás, um ímã para milhões de turistas, que correm mundo em busca de deleites da grande arte e entretenimento da alta-classe – alguns dos mais glorificados e mais ansiosos presentes das forças criativas da civilização.

### **Katrina: o tremor da civilização**

O Katrina abriu o segredo mais bem guardado da civilização: que – como vividamente colocou Timothy Garton Ash, sob o título que já diz tudo *Está sempre abaixo*<sup>27</sup> – “a crosta de civilização em que pisamos é sempre fina. Um tremor, e você caiu, arranhando e lutando por sua vida como um cão selvagem”.

“Não posso evitar o sentimento de que haverá mais disso, muito mais disso, conforme avançarmos pelo século XXI. Existem simplesmente problemas demais aparecendo que poderiam empurrar a humanidade para trás... Se grandes partes do mundo são atormentadas por tempestades, inundações e mudanças de temperatura imprevisíveis, então o que aconteceu em Nova Orleans pareceria com um chá das cinco. Em certo sentido, esses podem ser

<sup>25</sup> *Heart of darkness*, no original, título do livro. Ver nota anterior. (N. do T.)

<sup>26</sup> Expressão francesa que significa “alegria de viver” literalmente, “vivacidade”. (N. do T.)

<sup>27</sup> Timothy Garton Ash, ‘It always lies below’, *The Guardian* 8 September 2005. (Nota do Entrevistado)

também furacões sintéticos<sup>28</sup> (“as conseqüências de os Estados Unidos continuarem a bombear dióxido de carbono como se não houvesse amanhã”). Também há mais ameaças diretas de humanos para outros humanos... Suponha que haja uma bomba suja<sup>29</sup> ou mesmo uma pequena arma nuclear detonada por um grupo terrorista numa grande cidade. E então?”

### **A descivilização**

Perguntas retóricas, certamente. A mensagem de Ash é que a ameaça da “descivilização” (um termo que Ash encontrou em uma das novelas de Jack London<sup>30</sup>) é assustadoramente real: “Remova os pontos elementares da vida organizada, civilizada – comida, abrigo, água potável, segurança pessoal mínima – e retrocederemos dentro de algumas horas ao estado hobbesiano de natureza, a guerra de todos contra todos”.

Poderia ser discutido com Ash se há tal “estado de natureza” ao qual poderíamos voltar, ou se a famosa “guerra de todos contra todos” é na verdade uma condição que surge no extremo oposto do “processo civilizatório”, o momento em que a “crosta fina” é quebrada pelo choque de uma catástrofe natural, ou produzida pelo homem.

Se há mesmo uma “segunda linha de trincheiras”, de qualquer modo encharcada, lamacenta, fedorenta e de alguma maneira inóspita aos seres humanos, na qual seres humanos bem cuidados pela e para a “vida civilizada” podem cair, uma vez que seu *habitat* “natural-secundário” implode. Ou se um dos aspectos integrantes do processo civilizatório é, na verdade, exatamente

<sup>28</sup> Aqui, sintético tem o sentido de não natural, feito pelo homem, produzido artificialmente. (N. do T.)

<sup>29</sup> **Dirty bomb:** ou Dispositivo de Dispersão Radiológica, uma arma radiológica que combina material radiativo com explosivos convencionais. Fonte: *Wikipedia*. (N. do T.)

<sup>30</sup> **Jack London:** Escritor norte-americano, autor de *O lobo do mar*, *Chamado selvagem* e *Caniões brancos*. (N. do T.)



uma intenção oposta: prevenir o “passo para trás”, fazendo seus objetos humanos “viciados em civilização” e assim “dependentes da civilização”, enquanto os destitui de todas as habilidades alternativas que permitiriam a co-habitação humana no caso de o verniz das maneiras civilizadas ser lavado, isto é, embora, eu admito, um tanto pequeno, “superficialmente” pedante até – crucial talvez para os filósofos da cultura, mas de grande ausência de, e irrelevante também, do assunto em discussão; o assunto que, eu sugeriria, seria melhor descrito como “o complexo de Titanic”, ou “síndrome de Titanic”.

### **Síndrome de Titanic**

A “síndrome de Titanic” é o horror de cair através da “crosta fina” da civilização nesse vazio despido dos “pontos elementares da vida organizada, civilizada” (“civilizada” precisamente porque “organizada” – rotina, previsibilidade, balançando o lembrete com o repertório comportamental). Caindo sozinho ou acompanhado – mas de qualquer maneira sendo *expelido* do mundo onde “pontos elementares” seguem sendo fornecidos e de um poder dominante com o qual se pode contar. O principal (embora mudo) *ator* na história do Titanic, como sabemos, foi o iceberg. Não o *iceberg*, embora, esperando “lá fora” em emboscada, tenha sido o *horror* que carrega a história para longe da massa de histórias similares de horror/desastre – mas todos esses crimes que aconteceram “aqui”, nas entranhas do luxuoso cruzador<sup>31</sup> – como, por exemplo, falta de um plano sensível e funcional para evacuar e salvar os passageiros de um navio afundando, ou a aguda falta de botes salva-vidas ou cintos de segurança; algo para o qual o *iceberg* “lá fora”, em um ponto de uma noite subártica, tendo

<sup>31</sup> “Cruiser”, no original, é um navio de guerra. (N. do T.)

servido somente como um catalisador e um papel tornassol<sup>32</sup>. Esse “algo” que “*sempre* está abaixo”, mas espera até que pulemos nas águas congelantes do subártico para encarar o vazio. Algo de horrível demais para permanecer escondido a maior parte do tempo (talvez *todo* o tempo) e assim pegando suas vítimas de surpresa, quando rastejam para fora de sua toca e sempre pegando-as despreparadas e sem condições de fugir.

### **A civilização vulnerável**

Escondido? Sim, mas nunca muito afastado. A civilização é vulnerável; está sempre a um passo do inferno. Como comumente pronunciado por Stephen Graham<sup>33</sup>, nós “nos tornamos dependentes dos sistemas complexos e distantes de manutenção da vida”, e assim mesmo “pequenos rompimentos e incapacidades podem ter efeitos-cascata enormes na vida social, econômica e ambiental” - especialmente nas cidades, onde a maior parte das pessoas vivem – lugares “extremamente vulneráveis a distúrbios externos”. “Mais do que nunca, o colapso das matrizes de estruturas urbanas em funcionamento agora traz pânico da avaria da ordem social urbana em funcionamento.” Ou, como Martin Pawley<sup>34</sup>, citado por Graham, disse: “O medo do deslocamento dos serviços urbanos em escala massiva” é agora “endêmico nas

<sup>32</sup> Um papel embebido em uma solução de litmus, que serve para testes de pH: o papel fica azul quando submetido a soluções alcalinas e vermelho quando submetido a soluções ácidas. Metaforicamente, refere-se a uma situação na qual um fator, um detalhe, muda todo o curso da resposta, do problema, ou da história. (N. do T.)

<sup>33</sup> Ver GRAHAM, Stephen. *Switching cities off; Urban infrastructure and US air power*. *City* 2/2005, pp.169-194. (Nota do Entrevistado)

<sup>34</sup> **Martin Pawley**: escritor e crítico renomado de arquitetura. Estudou arquitetura nas Beaux-Arts de DES de Ecole Nationale Supérieure, em Paris, e na associação Architectural, Londres. (Nota da *IHU On-Line*)

populações de todas as grandes cidades”<sup>35</sup>.

Endêmico... Parte da vida diária. Sem necessidade de uma grande catástrofe, como um pequeno acidente fará para pôr em movimento um “deslocamento massivo”. Catástrofes podem chegar sem aviso – não haverá nenhuma trombeta avisando de que os irrefutáveis muros de Jericó estão prestes a despencar. Há razões mais que suficientes para temer – e portanto razões mais que suficientes para se imergir nos sons da música suficientemente alta para sufocar o som das paredes se quebrando.

### Medo da catástrofe

Os medos que emanam da *síndrome de Titanic* são os medos de um colapso ou catástrofe que possa cair *sobre todos nós*, atingindo cega e indiscriminadamente, randomicamente sem rima e sem razão, encontrando *todos* despreparados e indefesos. Existem, entretanto, outros medos não menos horrorizantes: medo de ser o *único* pego do meio da alegre multidão e condenado a sofrer *sozinho* enquanto todos os outros continuam a viver suas fantasias; medo de uma catástrofe *pessoal*; medo de tornar-se um alvo; medo de cair fora ou ser jogado para fora de um veículo em movimento, enquanto os demais passageiros, com seus cintos de segurança bem afivelados, acham a viagem ainda mais divertida; medo de ser deixado para trás; medo de *exclusão*.

Tais medos não são totalmente imaginários, podemos experimentar na maior autoridade da mídia que estabelece – visivelmente, tangivelmente – aquilo que não vemos nem tocamos. *Reality shows*, essas versões da era moderna líquida dos antigos “jogos/peças da moralidade”<sup>36</sup>,

<sup>35</sup> Martin Pawley, *Terminal Architecture*, Reaktion 1997, p.162. (Nota do Entrevistado)

<sup>36</sup> “Jogos/peças da moralidade” eram (nos séculos XV e XVI) um tipo de alegoria teatral onde personagens, interpretando atributos morais,

garantindo diariamente a áspera realidade dos medos. Como sugerido pelo seu suposto nome, um nome aceito pelos espectadores e questionado apenas por uns poucos moralistas pedantes, o que é mostrado é real; mais importante do que isso, entretanto, também é sugerido que “real” é o que eles mostram. E o que é mostrado é a inevitabilidade da exclusão e a luta contra ser excluído, e é nisso que se resume essa realidade. Os *reality shows* não precisam impor esta mensagem: a maioria dos espectadores já *conhece* esta verdade; e é precisamente esta familiaridade já enraizada que os leva em massa às telas.

### A mediação das câmeras

Enquanto isso ocorre, tendemos a encontrar um agradável conforto em ouvir canções que sabemos de cor. E tendemos a acreditar no que *vemos* muito mais do que tendemos a confiar naquilo que *ouvimos*. Pensemos na diferença entre “testemunha ocular” e um “mero rumor” (já ouvimos falar em “testemunha auditiva” ou “mero diz-que-viu”?). Imagens são tão mais “reais” que palavras impressas ou ditas. Histórias contadas escondem o contador de histórias, “aquele(a) que pode mentir e, assim, mal informar. Diferente dos mediadores humanos, câmeras (ou assim fomos ensinados a acreditar) “não mentem”, elas “falam a verdade”. Graças à imagem, cada um de nós pode conseguir, como desejou Edmund Husserl<sup>37</sup> (que mais que qualquer outro

---

deveriam validar as virtudes de ser temente a Deus instigando o protagonista a escolher tal vida em vez do mal. Fonte: *Wikipedia*. (N. do T.)

<sup>37</sup> Edmund Husserl (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição *eidética* e *epoché*. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da *IHU On-Line*)

filósofo foi consumido pelo desejo de encontrar uma maneira à prova de idiotas, livre de erro, de chegar à “verdade da questão?”), *zurück zu dem Sachen selbst* - “voltar às coisas mesmas”. Quando confrontados com imagens

fotograficamente/eletronicamente manipuladas<sup>38</sup>, parece que nada se coloca entre nós e a realidade; nada que possa apreender ou desviar o olhar. “Ver é acreditar” - significa que “quando eu vir, acreditarei”, mas isso também significa que “eu acredito naquilo que eu vejo”. E o que vemos é *peessoas tentando excluir outras pessoas para evitar que sejam excluídas por elas*. Uma verdade banal para a maioria de nós - embora uma verdade que evitamos, com certo sucesso, articular. A *reality TV* fez isso por nós - e somos gratos. O conhecimento que a *reality TV* divulga seria de outra forma difuso, fatiado em pedaços notadamente difíceis de ordenar e produzir sentido.

### **Os reality shows**

O que (se deliberadamente ou inadvertidamente, explicitamente ou obliquamente) os “*reality shows* da TV” nos ajudam a descobrir, por exemplo, é que nossas instituições políticas, nas quais devemos confiar no caso de problemas e as quais fomos ensinados a ver como guardiãs de nossa segurança, formam - como John Dunn<sup>39</sup> recentemente apontou<sup>40</sup> - uma geringonça ajustada para a manutenção de serviços da “ordem do egoísmo”, e que o principal princípio construtivo dessa ordem é a “aposta no mais forte” - “uma aposta no rico, em algum grau

<sup>38</sup> O sentido de “manipulada” não é pejorativo, indicando como “coisa manipulada” algo produzido, feito. (N. do T.)

<sup>39</sup> John Dunn: médico psiquiatra inglês, autor do livro *Locke*. São Paulo: Loyola, 2003. (Nota da *IHU On-line*)

<sup>40</sup> John Dunn, *Setting the people free: The story of democracy*, Atlantic Books 2005, p.161. (Nota do Entrevistado)

forçada sobre aqueles afortunadamente já ricos, mas acima de tudo naqueles com habilidade, fibra e sorte para enriquecer”. Mas na hora da evacuação dos destroços do navio naufragando ou de achar um lugar no bote salva-vidas, a habilidade ou a fibra provam ser de pouca valia. Talvez a sorte seja, então, a única salvação - mas a sorte, sabidamente, é rara e distante quando se trata de destino.

### **IHU On-Line - As catástrofes climáticas e a deterioração do Planeta criaram algum tipo de consciência ou “medos saudáveis”?**

**Zygmunt Bauman** - A proteção da humanidade contra os cegos caprichos da natureza foi parte integrante da promessa moderna. A moderna implementação desse projeto, no entanto, não fez a natureza menos cega e caprichosa, enquanto focava, ao invés disso, as distribuições seletivas de imunidade contra os seus efeitos. O esforço moderno para amortecer o poder de calamidades naturais segue o padrão da ordem estabelecida e do progresso econômico: se, por desígnio ou por padrão, elas dividem a humanidade em categorias dignas de cuidado e as *unwertes Leber*<sup>41</sup> - medos - o que quer que a causa específica do medo em questão possa significar. Furacões, terremotos e inundações não são casos especiais. Nós conseguimos ser seletivos mesmo na mais verdadeira e complicada verdade dos males naturais: limitação biológica da vida humana. Conforme Max Hastings<sup>42</sup> descobriu<sup>43</sup>, “a

<sup>41</sup> Unwertes Leben, do alemão, significa “vida que não tem valor”, “vida inútil”, ou “vida indigna de ser vivida”. Esse conceito é tratado por Bauman em *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1989, no qual fala das vidas que os nazistas consideravam inúteis, aquelas que deveriam ser dizimadas. (N. do T.)

<sup>42</sup> Sir Max Hastings (1945): jornalista britânico, editor, historiador e escritor. Atualmente, escreve uma coluna para o jornal *The Guardian*. (Nota da *IHU On-line*)

riqueza moderna oferece a cada pessoa a chance de ser um velho maduro. Até o século XX, a doença não respeitava bolsas. A esposa de um grande financista da era vitoriana era quase tão vulnerável às eventualidades de um parto quanto uma empregada da casa. As lápides dos ricos revelam quantos morreram muito antes de sua expectativa de vida. Hoje a ciência médica pode fazer coisas extraordinárias por aqueles que podem pagar. Nunca houve uma lacuna maior entre os remédios disponíveis para os ricos e aqueles ofertados à maioria dos pobres, mesmo em sociedades com sistemas de saúde avançados”.

Estamos direcionados a desastres de origem natural ou artificial, o resultado da guerra moderna sobre medos humanos parece ser sua *redistribuição social* em vez de *redução de volume*. Susan Neiman<sup>44</sup>, a já citada autora de um estudo fundamental da sucessão de imagens de competição e interpretações do mal na história moderna<sup>45</sup>, vai mais longe ao sugerir que a separação estrita dos conceitos de desastres naturais e sociais, anteriormente inseparáveis na idéia da vontade de Deus – uma separação que ocorreu no curso de acalorados debates disparados pelo terremoto e incêndio de 1755 em Lisboa – marca o começo real do “moderno”, precisamente pela tentativa de claramente dividir responsabilidades. Se Iluminismo é a coragem de pensar por si mesmo, é também a coragem de assumir a responsabilidade pelo mundo no qual se está inserido. A modernidade consiste na radical separação que ela faz do que até então se chamava de natural dos males sociais. E ainda seu reforço na história dos desafios modernos soa algo como seu turbulento e encorajador

<sup>43</sup> Veja Max Hastings, *They've never had it so good*, *The Guardian* 6 August 2005. (Nota do Entrevistado)

<sup>44</sup> Susan Neiman (1955): filósofa estadunidense. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>45</sup> Veja Susan Neiman, *Evil in Modern History: An alternative history of philosophy*, Princeton UP 2002, the Introduction. (Nota do Entrevistado)

começo: “Concepções modernas do mal são desenvolvidas em função de parar de culpar a Deus pelo estado do mundo, e tomar a responsabilidade, por isso para nós mesmos. Quanto mais responsabilidade pelo mal foi deixada para o ser humano, menos digna dessa responsabilidade pareceu à espécie. Fomos deixados sem direção. Retornar à tutela intelectual não é uma opção para muitos, mas as esperanças de crescer agora parecem vagas”.

### **Mal natural. Mal social**

Reflete-se sobre qual dos dois males, *natural* ou *social* (e assim candidatos a serem registrados como falta *moral*), tiveram que cobrir uma distância mais longa para poder reuni-los a fim de alcançar mais uma vez, depois de uma separação de dois séculos e meio, seu ponto de encontro... O “mal natural” teve que renunciar a sua “naturalidade”, essa característica que projetou a “natureza”, em oposição à “cultura”, enquanto um fenômeno definitivamente *não* criado pelo homem e desse modo firmemente localizado além do poder humano para desafiar, para consertar e rearranjar ou reformar. A cultura, oposta à natureza, é considerada, entretanto, uma das sucessivas fronteiras designadas da natureza, simultaneamente aos produtos e aos determinantes da própria autolimitação da cultura, como nada mais que linhas de armistício temporárias, definitivamente negociáveis e quebráveis.

A partir do início da era moderna, a cultura ficou sob a fórmula de Voltaire<sup>46</sup>: “o segredo da arte é corrigir a natureza”. Desde que a oposição entre “natureza” e “cultura” foi proclamada, a área na qual a “natureza” foi relutantemente permitida a governar nunca parou de

<sup>46</sup> **Voltaire** (1694-1778): pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o *Dicionário Filosófico*, escrito em 1764. (Nota da *IHU On-Line*)

encolher, tornando-se pouco a pouco uma “derivação negativa” da cultura: um artefato de um atraso lamentável na descoberta de sucessivos “segredos da arte”. Em algum lugar no final da longa estrada à frente surgiu a visão do território temporariamente cedido à “natureza” completamente conquistada, absorvida em um domínio da “cultura” e sujeita exclusivamente ao controle humano (e conseqüentemente passando para a total responsabilidade humana); ficando deste modo indistinta do reino aberto e ameno para os desígnios humanos e para uma “correção” resoluta (mas também vulnerável, como ficou claro depois, aos erros crassos humanos derivados de motivos errados ou negligência).

Para retornar atualmente ao ponto de encontro com desastres naturais, o mal social/moral teve que adquirir, por outro lado, todas as características da sua contraparte das quais foi sistematicamente despojado no momento do seu nascimento conceitual: a tendência de agir aleatoriamente, de atingir culpados e inocentes sem distinção, de ser impossível ou pelo menos extremamente difícil de se antecipar e de ficar além do poder humano de controlá-lo, ignorá-lo ou evitá-lo. Em outras palavras, ele tem que assumir a característica do seu alegado opositor, uma “catástrofe tipicamente natural”: de repente, uma abrupta e radical ruptura na continuidade, uma entrada não anunciada da anormalidade na rotina – mas uma ruptura que foi gestada e amadurecida, não obstante sem ser notada e até sem aviso, dentro da rotina.

### **Perigos residuais**

O itinerário pelo qual desastres naturais passaram antes de atingirem um ponto de encontro com a moral criminosa, é fácil de compreender para pessoas modernas como nós. Ele é desenhado com uma caneta a qual todos nós somos treinados para usar. A sua história é

contada em palavras muito familiares para nós: na linguagem de romper limites, da invasão, conquista, incorporação e colonização. Este itinerário foi antecipado e pretendido desde o começo. Pelo menos desde Francis Bacon<sup>47</sup>, seu destino – o completo domínio da natureza pela humanidade – foi fixado; apenas o sincronismo foi, relutantemente, deixado refém dos caprichos do destino – embora fosse esperado que enquanto os progressos conquistados e a recompensa requerida sempre vem perto do nulo, a extensão dos perigos residuais do “destino cego” serão radicalmente afinados/afilados.

Por outro lado, o itinerário da culpa moral deve ter pegado os homens e mulheres modernos de surpresa. Foi na direção contrária de tudo aquilo que o espírito moderno representa: em uma severa oposição às expectativas, esperanças e intenções comuns, e longe de eliminar a desagradável aleatoriedade, contingência e incompreensão da condição humana, reintroduziu e reafirmou o descuido, o despropósito e o imprevisível, e os estabeleceu nas áreas de presença humana no mundo onde os batalhões mais fortes e as armas mais confiáveis dos conquistadores seguros de si e os frustrados mestres da natureza foram posicionados. Enquanto empreendia a guerra contra os caprichos desumanos da natureza, a modernidade em seu horror veio a expor à arbitrariedade de um caos típico da natureza o “ponto fraco” do empreendimento humano: a gerência da convivência humana, assumida como o óbvio e incontestado domínio da razão, conhecimento (*know-how*) e indústria humana. No início da era moderna, o milenar armistício e a difícil convivência entre a natureza no disfarce divino e suas criaturas humanas

---

<sup>47</sup> Francis Bacon (1561-1626): político, filósofo e ensaísta inglês. Sua principal obra filosófica é o *Novum Organum*. (Nota da *IHU On-line*)

foi quebrado, e a frente de batalha foi desenhada entre a natureza e a humanidade. As duas modalidades foram vistas como tudo, menos incompatíveis. Para a humanidade guiada por um propósito, sempre mais eloqüente, ambiciosa, e convencida a forçar o mundo a servir a suas ambições, a natureza agora se opôs como o objeto cartesiano se colocou diante do sujeito pensante: inerte, desprovida de propósito, insubordinada, anestesiada e indiferente às aspirações humanas.

**IHU On-Line - De que forma os grandes fundamentalismos, responsáveis pelos ataques terroristas e contra-ataques mundo afora, contribuíram para a cultura do medo?**

**Zygmunt Bauman** - Mark Juergensmeyer<sup>48</sup> analisou a intrincada mistura de religião, nacionalismo e violência eternamente cozinhando em fogo baixo e ocasionalmente irrompendo em hostilidades inter-tribais em Punjab. Focando particularmente no terrorismo Sikh<sup>49</sup> responsável pela morte de centenas de vítimas, e, entre outros crimes, pelo assassinato da Primeira Ministra da Índia, Indira Ghandi; ele achou o que ele e muitos outros pesquisadores esperavam encontrar antes de embarcarem em seu campo de trabalho: “Jovens Sikhs da zona rural tiveram razões perfeitamente boas para serem infelizes” - sendo que as razões são simultaneamente econômicas, políticas e sociais. Sua produção agrícola teve que ser vendida abaixo dos preços de mercado, sua capacidade de assertividade foi reduzida virtualmente a nada pelas políticas opressivas do Congresso do partido vigente, e sentiram-se implacavelmente

<sup>48</sup> Ver Mark Juergensmeyer, 'Is Religion the Problem?', *The Hedgehog Review*, Spring 2004, pp.21-33. (Nota do Entrevistado)

<sup>49</sup> Sikh: seguidor do Sikhismo, religião originada em Punjab, um estado localizado na fronteira entre a Índia e o Paquistão. Fonte: *Wikipedia*. (N. do T.)

degradados e atrasados em relação às classes abastadas.

Mas Juergensmeyer esperava encontrar também a evidência da “politização da religião”, e para isso ele estudou os ensinamentos do líder espiritual dos jovens militantes Sikhs a quem seus incontáveis seguidores adoram como um santo mártir, Santo Jarnail Singh Bhindranwale. Nesse caso, no entanto, ele se surpreendeu. Ele encontrou nos discursos de Bhindranwale apenas referências residuais e casuais à economia, política ou classe. Em vez disso, o pastor “como a legião de cristãos protestantes revive oradores que passaram pela tradicional zona rural norte-americana... falou das lutas entre o bem e o mal, verdade e falsidade, residentes em cada alma atormentada, e pediu por renúncia, dedicação e redenção. Pareceu que ele estava falando aos jovens rapazes em particular a respeito de seus compromissos naturais com as tentações da vida moderna”.

Intrigado, Juergensmeyer estendeu sua pesquisa para numerosos outros lugares, como Kashmir, Sri Lanka, Irã, Egito, Palestina, assentamentos israelenses onde linhas de frente tribais ou de classes foram delimitadas usando marcadores religiosos e sangue foi derramado em nome de valores ou virtudes sagradas, de vidas pias e santas - e encontrou em todo lugar um padrão impressionantemente similar; não tanto da “politização da religião”, como (na frase dele) *religiosamento da política*. Ressentimentos não-religiosos, como assuntos da identidade social e significativa participação na vida comum, já expressos no vocabulário marxista ou nacionalista, tendem a ser, hoje em dia, traduzidos na linguagem de revelação religiosa: “A expressão ideológica secular de rebelião foi substituída por formulações ideológicas que são religiosas. Contudo os ressentimentos - o sentido de alienação, marginalização e frustração social - são muito freqüentemente os mesmos.”.

### **“Religiosamento da política”**

Charles Kimball<sup>50</sup> nota um fenômeno ligado ao “religiosamento da política” também no vocabulário da atual administração [norte]-americana. O presidente Bush, criativamente desenvolvendo a linguagem introduzida na vida política [norte]-americana por Ronald Reagan, gosta de falar de “dualismo cósmico” entre nações boas, lideradas pelos EUA, e as forças do mal: “Você tem que se alinhar com as forças do bem e ajudar a arrancar as forças do mal pela raiz.”. Ele gosta de falar nas aventuras militares [norte]-americanas como de uma “cruzada”, e uma “missão” sob comando divino. Henry A. Giroux<sup>51</sup> cita John Ashcroft, ex-promotor geral dos EUA: “Única entre as nações, a América reconheceu a origem de nosso caráter como sendo divina e eterna, não como cívica e temporal... Não temos rei a não ser Jesus” - e alerta para a entrada massiva do “aparelho/aparato<sup>52</sup> moral”, políticos que “acreditam que a influência de Satanás molda tudo, da mídia liberal a como Barbra Streisand foi ensinada a cantar” no cenário político [norte]-americano.

Como escreveu o jornalista Bill Moyers, essas “Políticas de ruptura”, nas quais a Bíblia é lida como literalmente verdadeira, a discordância é uma marca do anti-Cristo e os “pecadores serão condenados ao eterno fogo do inferno”. Como a religião direitista se une com a ideologia política conservadora e ao poder corporativo, isso não apenas legitimiza a intolerância e formas antidemocráticas de correção política, mas também assenta as fundações de um crescente autoritarismo que facilmente ridiculariza o apelo à razão,

<sup>50</sup> Charles Kimball, *When Religion Becomes Evil*, Harper 2002, p.36. (Nota do Entrevistado)

<sup>51</sup> Ver Henry A. Giroux, ‘Rapture Politics’, *Toronto Star* 24 July 2005. (Nota do Entrevistado)

<sup>52</sup> Aqui “aparelho” no sentido dado ao termo pelos comunistas russos para membro(s) leal(is) do partido. (N. do T.)

às diferenças de opinião, ao diálogo e ao humanismo secular.

### **Últimos abrigos**

No exasperadamente polifônico, confuso e desconcertante mundo em crise, mensagens mutuamente incompatíveis contudo, das quais o principal propósito parece questionar e sabotar a confiabilidade de cada um, a fé monoteísta associada com o maniqueísmo, visões do mundo em preto e branco, são como que a última fortaleza do “mono”: de *uma* verdade, *um* caminho, *uma* fórmula para a vida – de *certezas* e *auto-confianças* sólidas e belicosas; os últimos abrigos, para os perseguidores da clareza, pureza e liberdade, da dúvida e da indecisão. Eles prometem os tesouros que o resto do mundo nega ostensiva e obstinadamente: auto-aceitação, consciência limpa, o conforto de não temer o erro e estar sempre no [lado] certo – assim como Jamiat Ahli Hadith, um pastor “estritamente ortodoxo” baseado em Birmingham, que “pratica uma forma de islamismo que demanda estrito separatismo da sociedade predominante”. Seu *website* descreve os caminhos dos “descrentes” como “baseados em visões doentias e desviadas de acordo com as suas sociedades, o universo e a sua própria existência.”<sup>53</sup> Ou como o enclave judeu ortodoxo em Israel, que, na descrição de Uri Avnery<sup>54</sup>, tem “sua própria lógica” e “muito pouco a ver com qualquer outra coisa”.

Eles vivem em uma sociedade teocrática completamente fechada que não é influenciada por nada que acontece fora dela. Eles acreditam em seu próprio mundo... Eles se vestem diferente e eles se comportam diferente. Eles são

<sup>53</sup> Ver Martin Bright, ‘Muslim leaders in feud with the BBC’, *The Observer* 14 August 2005. (Nota do Entrevistado)

<sup>54</sup> Entrevista com Uri Avnery, *Tikkun* September/October 2005, pp.33-39. (Nota do Entrevistado)

pessoas diferentes. Há muito pouca comunicação entre eles e nós. Eles falam idiomas diferentes. Eles têm uma perspectiva diferente do mundo. Eles estão sujeitos a diferentes leis e regras... Estas são pessoas que vivem separadamente, nas suas próprias comunidades, vizinhanças religiosas e cidades em Israel. Eles não têm nenhum contato com a sociedade israelense em geral.

### **Visão maniqueísta do mundo**

Certamente, a visão maniqueísta do mundo, chamada às armas para uma guerra santa contra forças satânicas que ameaçam oprimir o universo, e a redução da caixa de Pandora dos conflitos econômicos, políticos e sociais a uma visão apocalíptica da última batalha de vida ou morte entre o bem e o mal, não são padrões unicamente do Islã dos aiatolás. Em nosso planeta em rápida globalização, o “religiosamento” da política, dos ressentimentos sociais e das batalhas identidade-e-reconhecimento parece ser uma tendência global.

Podemos estar olhando em direções radicalmente diferentes e evitando o

contado visual, mas parecemos ser amontoados no mesmo barco sem nenhuma bússola confiável – e nenhum timoneiro. Embora nosso enfileiramento seja tudo, menos coordenado, somos fortemente parecidos em um aspecto: nenhum de nós, ou quase nenhum, acredita (não diremos “declara”) estar perseguindo seus próprios interesses – defendendo os privilégios já alcançados ou reivindicando parte dos privilégios outrora negados. Todos os lados hoje parecem lutar, pelo contrário, por valores eternos, universais e absolutos. Ironicamente, nós os residentes da seção da modernidade líquida do globo somos levados gentilmente e treinados a ignorar tais valores em nossas buscas diárias e a ser guiados preferivelmente por projetos de curto prazo e desejos efêmeros – mas ainda assim, ou talvez precisamente assim, tendemos a sentir, contudo, mais dolorosa sua insuficiência ou ausência sempre que (se) tentamos apontar um motivo principal na cacofonia, uma forma na névoa ou uma estrada na areia movediça.



# Uma história do medo

## Entrevista com Jean Delumeau



“Abordar a história do medo em nossa civilização é apreender o nosso passado mais profundo. Ao mesmo tempo, isso nos arma de lucidez para olhar o futuro.” Entretanto, em nossos dias, “empregamos a palavra ‘medo’, quando seria melhor falar, seja de ‘angústia’ (espera dolorosa de um perigo mal identificado), seja de temor ou de inquietude (apreensão de um futuro que poderia tornar-se ameaçador)”. As declarações foram feitas por e-mail

em entrevista exclusiva concedida pelo historiador francês Jean Delumeau à *IHU On-Line*.

Jean Delumeau, professor do Collège de France e estudioso da história do cristianismo, é autor de várias obras, entre elas *Mil anos de felicidade, ensaio sobre o milenarismo*. Lisboa: Edições Terramar, 1997. Católico, nos seus escritos concilia fé e inteligência. Em língua portuguesa, estão traduzidas, entre outras, as seguintes obras de Delumeau: *Confissão e o perdão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; *Grandes religiões do mundo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997; *De religiões e de homens*. São Paulo: Loyola, 2001; *O que sobrou do paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; *O pecado e o medo – a culpabilização no Ocidente*. Bauru: EDUSC, 2003. Agora, em 2006, juntamente com André Comte-Sponville, publicou o livro *La plus belle histoire du bonheur*. Paris: Points, 2006. Entre suas inúmeras atribuições acadêmicas, foi membro da Escola Francesa de Roma, de 1948 a 1950, e do Institut Academie des Inscriptions et Belles Lettres depois de 1988.

### **IHU On-Line - Como poderíamos definir o medo?**

**Jean Delumeau** - Durante muito tempo, o medo foi um assunto tabu, do qual a literatura e a história evitaram falar. A história do medo é, então, também a história de sua culpabilização em contextos culturais que valorizavam a coragem militar. Em nossos dias, a verdade psicológica o assumiu e se reconheceu a justeza da observação de

Jean-Paul Sartre<sup>55</sup>, “quem não tem

<sup>55</sup> **Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A Náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O Ser e o Nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas

medo, não é normal; isso nada tem a ver com a coragem”. Atualmente, as pessoas não têm mais vergonha de reconhecer suas inquietudes e seus medos; e, elas o fazem, uma vez que nosso sentimento de insegurança está a ponto de aumentar. Abordar a história do medo em nossa civilização é, pois, apreender o nosso passado mais profundo. Ao mesmo tempo, isso nos arma de lucidez para olhar o futuro. Nossa época, porém, tem a tendência, inversamente das anteriores, de falar demais sobre o medo. É um assunto que se vende bem. É, pois, importante definir bem o medo. Este, em sentido estrito, é uma emoção-choque, muitas vezes, precedida de surpresa, provocada pela consciência de um perigo iminente ou presente. Ele vem acompanhado de reações do organismo, de comportamentos somáticos e de modificações endocrinológicas. Muitas vezes, hoje em dia, porém, empregamos a palavra “medo”, quando seria melhor falar, seja de “angústia” (espera dolorosa de um perigo mal identificado), seja de temor, seja de inquietude (apreensão de um futuro que poderia tornar-se ameaçador). É, pois, um abuso de linguagem falar de “medo” de engordar, de envelhecer ou de perder o emprego, embora o temor de perder seu emprego seja evidentemente uma causa muito séria de inquietude e mesmo de ansiedade.

### **IHU On-Line - Quais eram os principais medos dos séculos passados? E os do século XXI?**

**Jean Delumeau** - Um corte na história do medo me parece ter-se situado pelo fim do século XVIII. Até lá, os maiores perigos que ameaçavam as comunidades humanas vinham da

---

nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da *IHU On-Line*)

natureza: epidemias, tremores de terra, maremotos, tempestades, más colheitas, gerando carestias e mesmo fomes, incêndios com mais frequência provocados pelo raio etc. De todos esses males, os mais mortíferos eram, certamente, as epidemias. Estima-se, por exemplo, que a Peste Negra, que devastou o Ocidente, de 1347 a 1350, dizimou, em pouco mais de três anos, um quarto e talvez mesmo um terço da população européia. Sem dúvida, as epidemias continuam hoje em dia, e a AIDS matou mais de 22 milhões de pessoas no Planeta, desde 1980. No decurso das idades, porém, notadamente depois da fabricação das armas de fogo no século XV e, sobretudo, após a “rebelião em massa”, que havia decretado a Revolução Francesa, a guerra se tornou para a humanidade o perigo número um

### **O medo da guerra**

Pode-se seguir crescendo desta ameaça a partir das guerras napoleônicas, que viram, pela primeira vez, se afrontarem centenas de milhares de homens. Passou-se aos milhões com a guerra de 1914-1918 e as cifras se inflaram depois. Lembremos os 20 milhões de mortes provocados na China pela invasão japonesa, que começou em 1931; os 40 milhões de mortes da Segunda Guerra Mundial e a utilização da arma atômica em 1945. O aperfeiçoamento dos armamentos, o deslize para a guerra total, a multiplicação, hoje em dia, dos atos de terrorismo conduzem logicamente a um aumento contínuo do número das vítimas, e notadamente das vítimas civis. O que significa que, quantitativamente, os perigos e os medos vindos da natureza, embora eles não tenham desaparecido, se tornaram menos importantes em relação àqueles que vêm dos homens. Isso é particularmente verdade atualmente, quando o terrorismo adquiriu uma dimensão mundial: ninguém está mais

ao abrigo dele em parte alguma. O medo se tornou o medo do homem; com, ademais, este elemento novo, de que o homem é agora capaz de destruir o próprio planeta.

#### **Um retorno a períodos glaciais?**

Seguramente a história do clima, melhor conhecida hoje do que antigamente, nos revela a possibilidade do retorno de períodos glaciais, contra os quais nós não poderíamos, sem dúvida, fazer grande coisa. Pelo menos, sabemos agora que nossa terra é frágil e que é do nosso mais evidente interesse não lhe saquear os recursos e não lhe provocar artificialmente alterações irreversíveis por nosso superconsumo de energia e a poluição do ar que respiramos. Aqui é o lugar de lembrar que o medo pode e deve ser salutar, quando ele nos faz tomar consciência dos perigos e nos convida a encontrar-lhes paradas. A humanidade não teria progredido sem o medo que a alertou dos perigos sucessivos que se apresentavam em seu caminho.

#### ***IHU On-Line* - E o medo que leva a criar muros e grades nas cidades, o medo de sair às ruas e estar exposto à violência, como foi se constituindo?**

**Jean Delumeau** - Aqui eu gostaria de apontar para um retorno histórico que é pouco conhecido. Antigamente, a cidade era um lugar de relativa segurança em relação ao campo. A cidade da Idade Média e ainda da época clássica era não somente percebida e vivida como um lugar de cultura e de civilização, mas também como um espaço protegido militarmente, melhor administrado em que o país inteiro aproveitava de um reabastecimento melhor assegurado, desfrutava de melhor força policial, dotada de melhores instituições judiciárias e, ademais, com hospitais e escolas. Sem dúvida, as cidades de outrora não constituíam lugares idílicos. Mas, pode-

se ter como aproximação verossímil que, durante muito tempo, elas foram mais seguras que as zonas camponesas.

#### **Cidades: lugares de insegurança máxima**

Em nossos dias, a situação se inverteu. A acumulação demográfica, a constituição das favelas e a presença de numerosos desempregados fazem megalópoles de hoje se tornarem, em nosso planeta, lugares de insegurança máxima que a polícia controla mal. De onde a multiplicação de fechaduras e grades, o medo de sair à noite, a presença policial crescente e o recurso a uma iluminação cada vez mais intensa das ruas. Está claro, no entanto, que esses remédios são insuficientes se não se chegar a realizar uma diminuição substancial do desemprego e se não se chega, por medidas econômicas e sociais, a estancar a corrida para as cidades. Antigamente, muitos crimes e delitos permaneciam impunes ou chegavam a compromissos entre as partes. Quando as punições intervinham, elas eram, com freqüência, exemplares, razão pela qual elas eram violentas e públicas. Hoje as punições são mais freqüentes, porém menos cruéis. Muitos países aboliram a pena de morte, sem que tenhamos encontrado o justo equilíbrio entre crimes e punição e entre liberdade e segurança. Ainda uma vez, as soluções se situam na origem, pela melhoria das situações sociais e do habitat e os progressos conjugados da educação e da instrução.

#### ***IHU On-Line* - É possível estabelecer uma ligação entre o medo e as religiões?**

**Jean Delumeau** - Desde o mais longínquo passado sempre houve uma ligação entre medo e religião. Não é preciso se ofuscar com isso, já que toda religião induz uma moral e, portanto, a ameaça de sanções, neste mundo ou no outro, contra os contraventores. Da

mesma forma, nenhum Estado, por mais respeitador que seja das liberdades dos cidadãos, pode dispensar-se de recorrer a uma legislação, à qual todo o mundo deve obedecer sob pena de punição. O problema histórico que eu mencionei em meu livro *O Pecado e o medo* (EDUSC, 2003) é diferente. Com base num enorme dossiê de textos e de fatos, eu fui levado a concluir que o cristianismo, sobretudo o latino, durante muito tempo, manteve uma fixação em fórmulas mal compreendidas (“muitos os chamados e poucos os escolhidos”; “fora da Igreja não há salvação”), conduzindo a conclusões desencorajadoras e a uma “pastoral do medo”. A afirmação que a humanidade, depois do pecado original, constitui “uma massa de perdição” é, vejam só! de Santo Agostinho<sup>56</sup>. Este Deus, mais poderoso do que misericordioso, durante muito tempo, incutiu medo e, segundo penso, foi uma das causas da descristianização. A “nova evangelização” exige imperativamente que se renuncie a esta sombria apresentação da mensagem cristã.

---

<sup>56</sup> **Santo Agostinho** (354-430): conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. (Nota da *IHU On-Line*)

# O medo e a precarização do trabalho

## Entrevista com Christoph Dejours



Para o psicanalista francês Christoph Dejours, o medo é mau conselheiro. Ele gera condutas de autodefesa que arruinam as instituições e violam o direito. Mas, segundo o pesquisador, o mais preocupante não é o medo, mas, sim a falta de esperança de que a tendência possa se inverter. “Nós só sabemos transmitir uma única coisa: o valor do dinheiro. Isso é insuficiente, contudo, para constituir a base de uma cultura”, salienta. A entrevista, realizada por e-mail, pode ser conferida na íntegra a seguir. Christophe Dejours é psiquiatra, psicanalista e professor do Conservatoire Nationale Dês Arts et Métiers (CNAM), uma instituição pública ligada ao Ministério da Educação francês. Seus

ensinamentos sobre os impactos da organização do trabalho sobre a saúde mental do trabalhador são especialmente utilizados por sociólogos, filósofos, estudantes, sindicalistas, entre outros interessados nas questões da saúde do trabalhador.

Dejours é professor titular da cátedra de Psychanalyse-Santé-Travail no Conservatoire National des Arts et Métiers, diretor do Laboratório de Psicologia do Trabalho e da Ação (LPTA), do CNAM e da revista *Travailler*. É membro associado do Centre de Recherche: Sens, Ethique et Societé (CERCES), do CNRS-IRESO, do Institut de Psychosomatique de Paris (IPSO), e da Association Psychanalytique de France (APF). Após estudos de medicina, de medicina do trabalho, de ergonomia, de psiquiatria, de psicanálise e de psicossomática, bem como uma formação à investigação (Acção RESACT: Investigação sobre a Melhoria das Condições de Trabalho - DGRST), empreendeu investigações sobre as fronteiras da psicanálise, com as ciências biológicas e com as ciências sociais. Escreveu, entre outros, *Travail : usure mentale*. Paris : Bayard, 1993, *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1999, *Christophe Dejours: Da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho*. Selma Lancman & Laerte I. Szneman (organizadores). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Brasília: Paralelo 15, 2004 e *O Fator Humano*. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1997.

**IHU On-Line - Por que as pessoas hoje têm tanto medo de perder seus empregos? Essa é uma característica da sociedade do trabalho pós-moderna?**

**Christoph Dejours** - Sinto-me impossibilitado de responder a esta questão no geral. No que diz respeito ao caso da França, a situação é muito clara: a estabilidade do emprego só se generalizou após longas lutas sindicais, em 1968. A precarização representa, pois, uma regressão social importante. Atualmente, as condições dos trabalhadores são muito diferentes do que eram durante toda a segunda metade do século XX. Era fácil, então, encontrar um novo emprego quando se queria mudar de trabalho, de empregador ou de região, pois não havia desemprego. Além disso, os desempregados e os pobres (em pequeno número) se beneficiavam de sistemas de ajuda social eficazes, em particular para os cuidados médicos. Hoje em dia, existe uma nova pobreza na França, e há milhões de pessoas que vivem em condições dramáticas, nas quais a miséria se complica com formação de guetos e violência. Perder seu emprego é correr o risco de se encontrar, um dia ou outro, condenado a se juntar aos quarteirões inviáveis da periferia urbana. E os trabalhadores em situação de precarização de seu emprego têm boas razões de ter medo.

**IHU On-Line - Que conseqüências traz o fato de trabalhar com medo e insegurança?**

**Christoph Dejours** - O medo está presente nas situações de trabalho, implicando riscos para a integridade física (acidentes do trabalho, doenças profissionais) como na construção de obras públicas, na produção química, nas minas, na produção nuclear, etc. Mas, hoje em dia, o medo abrange também as pessoas envolvidas nas atividades de serviços, como as

enfermeiras, os trabalhadores ou assistentes sociais, os caixas de supermercado, os condutores de ônibus, os agentes de segurança social e de locações familiares, dos correios, dos impostos, dos bancos etc., que são vítimas da violência dos clientes, dos usuários, dos jovens, dos estudantes, no próprio exercício de suas funções profissionais. Enfim, outros, que são mais bem protegidos contra as agressões físicas, têm medo, hoje em dia, de não atingir os objetivos de rentabilidade que lhes são impostos. Se as sanções em caso de insuficiência se traduzem pela demissão, compreende-se que o medo tenha lugar no trabalho ordinário.

As conseqüências do medo são, em primeiro lugar, a perda do prazer de trabalhar e, em seguida, o desaparecimento da confiança nos colegas. Além disso, o medo dá lugar à agressividade, ao ódio, ao rancor etc. O medo faz sofrer. É preciso se defender. E as estratégias de defesa são difíceis de construir e manter. Quando elas são solidamente constituídas, porém, transformam profundamente a personalidade. É o que certos autores anglófonos chamam polidamente de “a corrosão do caráter<sup>57</sup>”.

**IHU On-Line - Que estratégias são criadas pelos trabalhadores para lidar com o medo de perder o emprego?**

**Christoph Dejours** - Existem estratégias individuais de defesa contra o medo, mas são, sobretudo, estratégias coletivas de defesa que levantam problemas, porque elas são quase sempre construídas sobre o modelo da coragem viril e podem, por sua vez, gerar estratégias securitárias que ataçam

---

<sup>57</sup> O entrevistado parece se referir ao livro de Richard Sennett, intitulado *A corrosão do caráter*, Rio de Janeiro: Record, 1999. (Nota da *IHU On-Line*)

a violência e constituem, em termos, uma ameaça para a democracia.

**IHU On-Line - O suicídio como resultado do estresse e da sobrecarga do trabalho seria um reflexo do rumo que a sociedade do trabalho vem tomando?**

**Christoph Dejours** - Os suicidas nos lugares de trabalho traduzem, sobretudo, o desmoronamento da ajuda mútua, da solidariedade e da cooperação. Os suicidas são a manifestação mais terrível da solidão e do “cada um por si”, que se estende sobre o mundo do trabalho com o desenvolvimento das novas formas de organização do trabalho, de gestão e de gerência.

**IHU On-Line - Como se relacionam, na França, o sofrimento e a banalização da injustiça social?**

**Christoph Dejours** - Na França, a banalização da injustiça não poderia ocorrer sem o consentimento e a colaboração de um grande número de trabalhadores. Muitos daqueles que colaboram, fazem-no precisamente porque têm medo. O medo desempenha um papel maior nas novas formas de consentimento que, todavia, se reprova moralmente. Entretanto, as novas formas de organização do trabalho, de gestão e de administração que se impõem nas empresas, não funcionam por si sós. Há muitas pessoas que colaboram com o sistema e que lhe conferem seu zelo; uns, porque pensam em tirar proveito de sua colaboração levando vantagens estratégicas, e os outros, porque pensam que, de toda forma, a resistência é inútil e sem esperança.

**IHU On-Line - Há alguns anos, vem-se falando do aumento da violência na França e no mundo todo, particularmente no Brasil. É realmente a violência que progride**

**ou a vigilância e a intolerância a ela?**

**Christoph Dejours** - É certo que a violência cresce nos países europeus. Ela, com toda a evidência, é associada à dualização da sociedade e à formação de populações que perderam toda esperança de poder levar à sociedade uma contribuição pessoal, e que, por essa razão, não podem esperar nenhum reconhecimento e nenhuma gratidão dessa sociedade. É compreensível que isso constitua um fermento para a expansão do ódio, do rancor e da violência.

**IHU On-Line - Quais seriam os maiores medos do sujeito pós-moderno?**

**Christoph Dejours** - O medo é mau conselheiro. Ele gera condutas de autodefesa que arruinam as instituições e violam o direito. Talvez o mais preocupante não seja o medo, mas, principalmente a falta de esperança de que a tendência possa se inverter. Nós não estamos mais em condições de transmitir a confiança, a esperança, o senso comum da justiça, a solidariedade, nem as regras de vivermos com nossos filhos. Nós só sabemos transmitir uma única coisa: o valor do dinheiro. Isso é insuficiente, no entanto, para constituir a base de uma cultura.

**IHU On-Line - Como o senhor vê a relação de violência e insegurança vivida pelos imigrantes na França e as reações da população francesa?**

**Christoph Dejours** - Os imigrados efetivamente sofrem discriminações cada vez mais importantes na França. O comunitarismo de um lado ganha terreno, e, do outro, os franceses se tornam racistas e xenófobos, como em toda a Europa, aliás. Há certamente pessoas que se esforçam em resistir a esses desvios deploráveis, porém são minoritárias e uma ação eficaz não é assumida pelos partidos políticos que se

interessam muito mais pelas estratégias de conquista do poder e pelo clientelismo, do que pelas questões políticas e pela luta em favor da justiça e da proteção dos mais fracos.

***IHU On-Line* - Como os jovens franceses vêm se manifestando na busca de melhorias nas condições de trabalho? Quais suas principais rebeldias nesse sentido?**

**Christoph Dejours** - Por enquanto, os jovens não se batem para transformar as condições e a organização do trabalho. Eles se batem pelo emprego

como tal, não pelo conteúdo, ou pelo sentido do trabalho. Há, no entanto, alguns frêmitos desde o início de 2006, e o movimento da primavera foi ocasião de debates, em particular entre os estudantes, sugerindo de uma parte, que alguns entre eles já não crêem mais nas teses absurdas do fim do trabalho, e, de outra parte, manifestam novamente curiosidade pelas ciências do trabalho. É apenas um frêmito, porém, e não existe, atualmente, uma luta organizada dos jovens sobre o tema do trabalho.



# As cidades e seus riscos

## Entrevista com Arlete Arruda



Conforme a cientista social Arlete Arruda, docente na Ulbra, quando se fala de espaços urbanos, “fala-se de ameaças visíveis e invisíveis, conhecidas ou desconhecidas. Uma cidade pode ter riscos pela localização e, principalmente, pela forma da construção social sobre o espaço.” As declarações foram dadas em entrevista concedida pessoalmente na redação da *IHU On-Line*. Arruda é graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), especialista em Administração para el Desarrollo pela Universidad Nacional Autónoma de México e mestre em Antropologia, Política e Sociologia pela UFRGS. É doutoranda em Ciências Sociais Aplicadas com a tese *Gestão pública dos riscos químicos na cidade de Canoas*.

### ***IHU On-Line* - O que caracteriza uma cidade de riscos?**

**Arlete Arruda** - Inicialmente, pode-se dizer que, ao falar de urbano, fala-se de ameaças visíveis e invisíveis, conhecidas ou desconhecidas. Uma cidade pode ter riscos pela localização e, principalmente, pela forma da construção social sobre o espaço. Geralmente, os perigos nascem da convergência entre interesses econômicos aliados ao aval do poder político. Numa classificação mais simplificada, as ameaças podem ser naturais, tecnológicas ou sanitárias. Há, atualmente, sociólogos questionando essa denominação de desastres naturais. No geral, diz Lavell<sup>58</sup>, não são naturais, são previsíveis, dão avisos, há frequência de ocorridos. As enchentes acontecem geralmente em locais onde os rios sempre faziam inundações durante

certas épocas do ano. Logo, este espaço foi furtado do rio pela urbanização. Isso também ocorre com os deslizamentos. As populações instaladas nas áreas sujeitas a deslizamentos vivem em estado de emergência. No caso dos vendavais, há formas técnicas de prevê-los. E no caso das estiagens, como a que está acontecendo no Rio Grande do Sul por três anos consecutivos, já se sabia antecipadamente por estudos que ela ia acontecer e quantos anos ela vai permanecer. O que está sendo feito? No entanto, é o risco mais insidioso dos chamados naturais, porque destrói a vida, a paisagem, expulsa os produtos e as fontes de trabalho. É o fenômeno mais difícil de recuperar os danos. O preço social é altíssimo. Há inúmeros estudos de como se preparar para as estiagens, como não perder as plantações com sementes que precisam de pouca água, realizadas pela Embrapa. No entanto, os tomadores de decisão do Rio Grande do Sul realizam ações de mídia momentâneas quando se exige um plano estratégico de curto, médio e

<sup>58</sup> **Allan Lavell**: geógrafo britânico, coordenador do programa de pesquisa sobre risco e desastres da secretaria geral da Faculdade de Ciências Sociais da América Latina (FLACSO) e do Programa Latino-Americano de Estudos Sociais para a Prevenção de Desastres. (Nota da *IHU On-Line*)

longo prazo para essas regiões de estiagem e para minimizar o preço social deste evento adverso.

### **Riscos tecnológicos das cidades**

Agora, falando sobre os riscos tecnológicos das cidades, eles são distintos. Inicialmente, partimos de uma interpretação das cidades com indústrias químicas. Adoto a explicação de Anthony Giddens<sup>59</sup> de que essas cidades no sistema capitalista fazem os fluxos do capital circular. São “estações” de processamento do petróleo, gases, usinas nucleares. Essas cidades são “interligadas” por esses fluxos de líquidos via colossais gasodutos e oleodutos, verdadeiras artérias do sistema capitalista. Podemos acrescentar o pensamento de Paul Virilio<sup>60</sup> de que o mundo atual é acelerado pela química.

<sup>59</sup> **Anthony Giddens:** sociólogo inglês, foi diretor da "London School of Economics and Political Science" (LSE). É autor de 34 obras, publicadas em 29 línguas, e de inúmeros artigos. Em 1985, foi co-fundador da "Academic Publishing House Polity Press". É também conhecido como o mentor da idéia da Terceira Via. Entre suas obras publicadas em português citamos: *As Conseqüências da Modernidade*. Oeiras: Celta, 1992; *Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber*. Lisboa: Presença, 1994; *Transformações da Intimidade - Sexualidade, Amor, e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Oeiras: Celta, 1996. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>60</sup> **Paul Virilio:** urbanista e filósofo francês, nascido em 1932. Estuda e critica efeitos perniciosos da velocidade nas relações sociais contemporâneas, desde os seus reflexos no processo cognitivo até suas implicações na política. É autor, entre outros, de *Guerra Pura*. São Paulo: Brasiliense, 1984; *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993; *A máquina de visão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994; *Velocidade e Política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996; *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999; *Ville panique*. Paris: Galilée. 2004. Reproduzimos duas entrevistas com Virilio sobre o seu livro *Ville Panique* (Paris: Galilée, 2004), uma na 108ª edição da *IHU On-Line*, de 5 de julho de 2004, outra na 136ª edição, de 11 de abril de 2005. Dele, também publicamos outra entrevista na 95ª edição da *IHU On-Line*, de 5 de abril de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

Essas cidades-sede das indústrias químicas têm como riscos prováveis as explosões de dutos, de esferas, incêndios que podem ser colossais, vazamentos, contaminações do ar, da água e dos lençóis freáticos e derramamento de produtos.

As instalações trazem ameaças severas para as cidades e, atualmente, essas ameaças tornam-se riscos prováveis, porque nestas indústrias há pressão para a produção e uma diminuição de preocupação com a segurança - há terceirização dos quadros profissionais. Logo, explicam-se os inúmeros acidentes químicos que ocorrem a cada ano no Brasil.

Voltando à questão inicial, sobre o que caracteriza mesmo uma cidade de risco, digo que é o desconhecimento dos tomadores de decisão, é a falta de informação dos gestores para desvendar os riscos encobertos. É quando a cultura local deposita na indústria e na Defesa Civil os cuidados da vida comunitária, quando deveria ser preocupação de todos a proteção civil e os bens comuns preservados.

### ***IHU On-Line - A cidade de Canoas é a única no sul do Brasil que tem um trabalho de gerenciamento de riscos químicos. Em que consiste?***

**Arlete Arruda** - Inicialmente, houve a aproximação da pesquisa acadêmica com a comissão de Defesa Civil municipal. Os dirigentes como representantes da administração municipal, legitimados pela função pública, utilizam os dados, os mapas e os textos que desvelavam os riscos químicos da cidade. Passaram a chamar os representantes das indústrias de produtos perigosos e a construir pactos de auxílio mútuo. Desenvolveram-se várias metodologias de ação com os representantes de entidades locais. A ação da Comissão de Defesa Civil, aliada às ações do Corpo de Bombeiros e a secretarias municipais conseguiu sistematizar dados e localizar pessoas-

chave em caso de acidentes. Isso faz diminuir o tempo de atendimento nos casos de emergências químicas. Realizam-se simulados nas indústrias de produtos perigosos e nas estradas que cortam o município. Com o apoio de entidades e da administração municipal se equipou a Comissão. Há funcionários fixos e meios de comunicação e transporte. A busca do bem comum local e a preparação para emergências químicas levaram à formação de pactos, chamados de PAM, Plano de Auxílio Mútuo, entre as indústrias. Há um processo de educação para a proteção civil (Defesa Civil) e uma atenção especial para as áreas de dutos, proximidade de indústrias com produtos perigosos.

***IHU On-Line - Quais são os maiores riscos químicos existentes nesse município? Quais são as áreas mais ameaçadas?***

**Arlete Arruda** - Os acidentes que mais ocorrem em Canoas são no transporte de carga perigosa pela BR 116 e nas rodovias estaduais que cruzam o município, porque os produtos saem da Refinaria Alberto Pasqualini ou das indústrias pela Avenida Frederico Ozanan em direção ao Pólo Petroquímico, a São Paulo ou à fronteira com outros países. Já ocorreram explosões e incêndios em unidades industriais, mas devido ao preparo e à ação conjunta, não houve vítimas. Ocorreu pânico coletivo e grande estresse, mas as repercussões desses fenômenos coletivos sobre o psiquismo e a saúde da população afetada não foram estudados.

***IHU On-Line - A população local tem noção desses riscos? Como o assunto é tratado nas comunidades?***

**Arlete Arruda** - Convém dizer que toda cidade tem áreas diferenciadas. Em Canoas, diferenciam-se as ameaças por área. Assim, há estudos intra-urbanos. Como cidade industrial, na qual a

maioria das indústrias é de produtos químicos, especialmente derivados de petróleo e de gases, trabalham-se as diferentes regiões, chamadas Núcleos de Defesa Civil. Preparam-se simulados para os quais são convidados os representantes de entidades dos bairros em foco.

Os técnicos da Comissão visitam escolas e desenvolvem programas específicos por bairro, com vistas a preparar as pessoas para as emergências. Entre a população há os “ativos”, que contestam, indagam, reivindicam atenções à emissão de poluentes e outras solicitações, feitas por intermédio das associações de moradores. Há também os “dependentes”, que pensam que as indústrias são “grandes” e devem proteger as pessoas. Há os “fatalistas” segundo os quais, se tiver de acontecer, vai acontecer. E existem, ainda, os indiferentes. Olhando para o passado, vemos que já foram realizadas negociações e ocorreram avanços na prevenção de desastres químicos.

***IHU On-Line - Como o trânsito, as construções de prédios e o fluxo de pessoas interferem e são ameaçados pelos riscos químicos?***

**Arlete Arruda** - Quando da ocorrência de acidentes químicos nas estradas, o fluxo de carros nas rodovias federais e estaduais fica paralisado na região de Canoas. Isso afeta a vida de milhares de pessoas, pois há risco de incêndios e explosões caso haja vazamento de gases nas proximidades. No caso da BR 1116, há pontos preocupantes, porque a estrada é um “brete”<sup>61</sup> – não possui pontos de fuga para os motoristas e, além disso, está próxima ao trem urbano, o metrô.

***IHU On-Line - De que forma as sociedades contemporâneas lidam***

---

<sup>61</sup> **Brete:** Pequeno curral onde se recolhe o gado para a tosa, pulverização, marcação, vacinação e outras atividades dependentes da contenção dos animais. (Nota da *IHU On-Line*)

**com a presença de riscos como os químicos e nucleares? O pânico e o alarmismo cederam espaço a uma convivência assimilada com esses riscos?**

**Arlete Arruda** - Os desastres químicos e radiativos não acontecem seguidamente. Por isso, parece que não existem. E, quando ocorrem, ficam pouco tempo em manchete na mídia. Os equipamentos que denunciam que ali estão os produtos perigosos precisam ser decifrados ou decodificados para se saber o grau de ameaça à vida coletiva. Eles existem, nós os vemos, mas não os “enxergamos”. É a pressa do cotidiano ou o desconhecimento do seu significado. São os dutos, os símbolos de produtos perigosos nos caminhões, as esferas de GLP, as altas chaminés, o gasoduto Brasil-Bolívia e suas ramificações nas áreas urbanas. Virilio chama a esta situação de “poluição cinza”. A velocidade, aliada ao desconhecimento, nos faz ficar indiferentes ao que está implantado nos espaços urbanos. Somente a informação adequada e o conhecimento das ameaças e riscos fazem que se mude a percepção sobre o significado desses ícones e o que representam de ameaça para a vida coletiva. A nossa vida em sociedade, contudo, é dependente destes equipamentos, destes produtos e dessas indústrias. Essa dependência traz o amortecimento da cultura cívica e do questionamento de quem cuida e zela para que nada aconteça de ameaçador aos bens coletivos, ou se estas formas de produção podem vir a ser substituída por fontes alternativas.

**Riscos radiativos**

No caso de riscos radiativos, as fontes de energia nuclear, após os acidentes em vários pontos da Terra, foram muito questionadas. No caso brasileiro, há movimentações entre os grupos ambientalistas e científicos contra a ampliação de Angra I e II.

Recordo que, anos atrás, o Greenpeace chegou por mar, subiu na edificação da usina e colocou uma bandeira. Manifestantes entraram nas instalações e não foram barrados ou revistados por técnicos ou funcionários. Poderia ser, ao contrário, sabotagem, ato terrorista e nada os impediria. As populações do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte seriam afetadas. Percebemos, assim, que, mesmo no local, há um despreparo tecnológico e coletivo para frear as possíveis ações. Há uma convivência assimilada com os riscos de grandes consequências? Preferiria dizer que, em lugar desta convivência, o que existe é uma grande desinformação, muito bem controlada para que não ocorra uma aliança ou intercâmbio de informações entre pesquisadores, técnicos e representantes da sociedade com vistas a esclarecer as populações e a fiscalização cidadã ou o exercício da chamada “confiança ativa”, isto é, os representantes da sociedade demonstram confiar nos técnicos e nos empresários das indústrias de produtos perigosos. Entretanto, esses representantes solicitam informações sobre a manutenção dos equipamentos, indagam sobre a inovação na prevenção, cobram um grau elevado de preparo técnico dos operadores, participam ou observam as simulações de atendimento a acidentes. Quando ocorrem acidentes, segundo estudos existentes, isso se dá, geralmente, por mau gerenciamento e pelos itens acima descritos. Convém lembrar que todo equipamento ou instalação nuclear ou química, como afirma Virilio, traz dentro de si o “acidente”. Trabalha-se para o risco ser zero, mas o que assegura que vai ser minimizado o desastre é a vigilância social e política dos cidadãos, cobrando dos órgãos públicos fiscalizadores e das equipes técnicas.

## **Destaques da semana**

<b>Teologia Pública</b>	<b>pg. 38</b>
<b>Entrevistas da Semana</b>	<b>pg. 44</b>
<b>Livro da Semana</b>	<b>pg. 54</b>
<b>Deu nos jornais</b>	<b>pg. 59</b>
<b>Frases da semana</b>	<b>pg. 61</b>
<b>Destaques on-line</b>	<b>pg. 64</b>

## Encontro de civilizações. Como Joseph Ratzinger vê o Islã

Por Khalil Samir

Khalil Samir é um jesuíta egípcio que conhece muito de perto o Papa e a religião muçulmana. O artigo a seguir foi publicado na agência de notícias *Ásia News* em 6/05/2006. Samir é docente de Islamologia e Cultura Árabe na Université Saint-Hoseph de Beirute e no Pontifício Instituto Oriental de Roma e presidente da International Association for Christian Arabic Studies. Em setembro de 2005, participou, em Castel Gandolfo, de um encontro de estudos com Bento XVI sobre o conceito de Deus no Islã.

O primeiro lançamento on-line deste ensaio ocorreu em 26 de abril de 2006 na *Ásia News*, agência especializada sobre a Ásia – traduzida também para o chinês – fundada e dirigida em Roma pelo padre Bernardo Cervellera, do Pontifício Instituto Missioni Estere. Traduzimos e publicamos o artigo na íntegra:

Bento XVI<sup>62</sup> é talvez uma das poucas personalidades que entenderam profundamente a ambigüidade na qual se debate o Islã contemporâneo e seu esforço para encontrar um lugar na sociedade moderna. Ao mesmo tempo, ele está propondo ao Islã um caminho para construir a convivência mundial, e com as religiões, baseado, não no diálogo religioso, mas num diálogo cultural e de cidadania, fundamentado na racionalidade e numa visão do homem e da natureza humana, que

---

<sup>62</sup> **Joseph Ratzinger**: teólogo alemão, atualmente Papa Bento XVI, foi escolhido pontífice em 19 de abril de 2005, sucedendo a João Paulo II. Autor de uma vasta e importante obra teológica, um dos seus livros fundamentais, *Introdução ao cristianismo* está sendo republicado pelas Edições Loyola. (Nota da *IHU On-Line*)

vem antes de qualquer ideologia ou religião. Este apontar para o diálogo cultural explica a sua escolha de absorver o pontifício conselho para o diálogo inter-religioso para dentro do conselho pontifício maior para a cultura.

Enquanto o Papa pede ao Islã um diálogo baseado na cultura, nos direitos humanos, na recusa da violência, ao mesmo tempo pede ao Ocidente que ele volte a uma visão da natureza humana e da racionalidade, na qual não se exclua a dimensão religiosa. Deste modo, - e talvez somente assim - poder-se-á evitar um conflito das civilizações, transformando-o, ao invés, num diálogo entre as civilizações.

### **O totalitarismo islâmico é diverso do cristianismo**

Para compreender o pensamento de Bento XVI sobre a religião islâmica, é

preciso seguir sua evolução. Um documento verdadeiramente essencial se encontra em seu livro, escrito junto com Peter Seewald<sup>63</sup> em 1996, quando era ainda cardeal, com o título *O sal da terra*<sup>64</sup>. Nas páginas 274-278, ele faz algumas considerações e põe em destaque algumas diferenças entre o islamismo e a religião cristã e o Ocidente.

Ele mostra, sobretudo, que, no islamismo, não existe uma ortodoxia, porque não existe uma autoridade, um magistério doutrinal comum. Isso torna difícil o diálogo: quando dialogamos, não dialogamos “com o Islã”, mas com grupos. O ponto-chave que ele enfrenta, porém, é aquele sobre a *shari'a*. Ele diz: “O Alcorão é uma lei religiosa que abraça tudo, que regula a totalidade da vida política e social e supõe que todo o ordenamento da vida seja aquele do Islã. A *shari'a* plasma uma sociedade de alto a baixo. Conseqüentemente, o islamismo pode desfrutar das liberdades concedidas pelas nossas constituições, mas não pode colocar entre as suas finalidades aquela de dizer: sim, agora somos também nós, entes de direito público; agora estamos presentes na sociedade como os católicos e os protestantes. A esta altura o Islã ainda não atingiu plenamente o seu verdadeiro objetivo, encontra-se ainda numa fase de alienação”.

Esta fase, segundo ele, só se poderá concluir com a islamização total da

---

<sup>63</sup> Peter Seewald (1954): jornalista e escritor alemão. Até 1994 foi redator nas revistas *Spiegel* e *Stern* e no jornal *Süddeutsche Zeitung*. Junto com o então Cardeal Ratzinger, hoje Papa Bento XVI, escreveu o livro *O sal da terra: o cristianismo e a Igreja Católica no século XXI. Um diálogo com Peter Seewald/Joseph Ratzinger*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 2005, bem como a obra *Deus e o mundo*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>64</sup> *O sal da terra: o cristianismo e a Igreja Católica no século XXI. Um diálogo com Peter Seewald/Joseph Ratzinger*. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005

sociedade. Quando, por exemplo, um islâmico se encontra numa sociedade ocidental, ele pode gozar ou desfrutar de alguns elementos, mas não se identificará jamais com o cidadão não-muçulmano, porque não se encontra numa sociedade muçulmana.

### **Dificuldade de diálogo**

O cardeal Ratzinger viu, pois, com clareza uma dificuldade essencial da relação sociopolítica com o mundo muçulmano, que provém da concepção totalizante da religião islâmica, profundamente diversa do cristianismo. Por isso, ele insiste em dizer que não devemos procurar projetar sobre o Islã a visão cristã da relação entre política e religião. Isso seria difícil: o islamismo é uma religião totalmente diversa do cristianismo e da sociedade ocidental e isto não torna fácil a convivência.

Num seminário a portas fechadas, em Castel Gandolfo, na Itália, nos dias 1 e 2 de setembro de 2005<sup>65</sup>, o Papa insistiu e sublinhou a mesma idéia: a profunda diversidade entre o islamismo e o cristianismo. Desta vez, partiu de um ponto de vista teológico, tendo em conta a concepção islâmica da revelação: o Alcorão “desceu” sobre Maomé, não foi “inspirado” a Maomé. Por isso, o muçulmano não se sente no direito de interpretá-lo, mas está ligado a este texto que emergiu na Arábia no século VII. Isso leva às mesmas conclusões de antes: a absolutez do Alcorão torna muito mais difícil o diálogo, porque as possibilidades de interpretação parecem ser excluídas ou, em todo o caso, são muito reduzidas. Como se pode ver, o seu pensamento como cardeal se prolonga na sua visão

---

<sup>65</sup> Seminário onde se debateu a diferença crucial na visão da sociedade entre os seguidores do Alcorão e do Evangelho e se analisou o papel da Igreja no variegado mundo muçulmano. Confira as notícias diárias do dia 17 de maio. (Nota da *IHU On-Line*)

como pontífice, que põe em destaque as profundas diferenças entre o islamismo e o cristianismo.

Aos 24 de julho de 2005, em Val d'Aosta, logo depois do Ângelus, a uma pergunta sobre se o islamismo pode ser considerado uma religião de paz, responde: "Eu não expressarei isso em palavras genéricas, pois certamente o Islã contém elementos em favor da paz, como contém ainda outros elementos". Embora não de modo explícito, Bento XVI faz compreender que o islamismo sofre de ambigüidades em relação à violência, justificando-a em vários casos. E acrescenta: "Devemos sempre procurar encontrar os elementos melhores". Uma outra pessoa pergunta, então, se os ataques dos terroristas podem ser considerados anticristãos. Sua resposta é clara: "Não, geralmente a intenção parece ser muito mais geral e não precisamente dirigida à cristandade".

### **Diálogo entre culturas, muito mais frutuoso do que o diálogo inter-religioso**

Em Colônia, aos 20 de agosto do ano passado, o Papa Bento XVI tem seu primeiro grande encontro com representantes da comunidade muçulmana. Num discurso relativamente longo, ele diz: "Estou certo de interpretar também o vosso pensamento, ao pôr em evidência, entre as preocupações, aquela que nasce da constatação do fenômeno do terrorismo em expansão". Agrada-me aqui o fato de que o Papa também envolva os muçulmanos, dizendo-lhes que temos a mesma preocupação. No texto italiano, que confrontei com o alemão, descobri que falta uma frase: "Sei que sois numerosos em rejeitar com força, também publicamente, em particular qualquer ligação entre o terrorismo e a vossa fé, e a condená-lo claramente". Mais adiante, diz que "o terrorismo de qualquer matriz que seja, é uma escolha perversa e cruel (uma palavra que ele

repete três vezes – ndr) que espezinha o direito sacrossanto à vida e solapa os próprios fundamentos de toda convivência civil". Depois, de novo, envolve o mundo islâmico: "Se juntos conseguirmos extirpar do coração os sentimentos de rancor, rejeitar toda forma de intolerância e opor-nos a toda manifestação de violência, deteremos a onda de fanatismo cruel que põe em risco a vida de tantas pessoas, obstaculizando o progresso da paz no mundo. A tarefa é árdua, mas não impossível, e o crente pode aí chegar". Agradou-me muito ter ele sublinhado "extirpar dos corações os sentimentos de rancor".

Bento XVI compreendeu que uma das causas do terrorismo é este sentimento de rancor. E, mais adiante: "Caros amigos, eu estou profundamente convencido de que devemos, sem ceder às pressões negativas do ambiente, afirmar os valores do respeito mútuo, da solidariedade e da paz". E ainda: "Temos um grande espaço de ação, no qual podemos sentir-nos unidos a serviço dos valores morais fundamentais; a dignidade da pessoa e a defesa dos direitos que brotam de tal dignidade, devem constituir o escopo de todo projeto social, de todo esforço posto em ação para concretizá-lo". E aqui vem uma frase essencial: "Esta é uma mensagem articulada de modo inconfundível pela voz submissa, mas clara da consciência. Somente no reconhecimento da centralidade da pessoa se pode encontrar uma base comum de compreensão, superando eventuais contraposições culturais e neutralizando a força dilaceradora das ideologias". Por conseguinte, ainda antes das religiões, existe a voz da consciência, e todos devemos lutar pelos valores morais, a dignidade da pessoa e a defesa dos direitos.

Para Bento XVI tudo está, por isso, baseado na centralidade da pessoa, que



supera tanto as contraposições culturais, como as ideologias. E penso que sob ideologias também se possam compreender as religiões. Esta é uma das idéias-força do Papa: ela também explica por que ele, surpreendendo a todos, uniu o pontifício conselho para o diálogo inter-religioso e o conselho para a cultura. Esta escolha nasce de sua profunda visão e não é, como se disse na imprensa, para “fazer sair” monsenhor Michael Fitzgerald<sup>66</sup>, merecedor de muito reconhecimento. Talvez seja também por isso, mas não é o objetivo. A idéia essencial é que o diálogo com o islamismo e com as outras religiões não pode ser essencialmente um diálogo teológico ou religioso, ou, em sentido amplo, sobre valores morais. Ele deve, ao invés, ser um diálogo de culturas e de civilizações.

### **Com o islamismo diálogo intercultural, não interreligioso**

Vale a pena recordar que, já no longínquo 1999 o cardeal Ratzinger participara de um encontro com o príncipe Hassan da Jordânia<sup>67</sup>, o metropolitano Damaskinos de Genebra<sup>68</sup>, o príncipe Sadruddin Aga Khan<sup>69</sup>,

<sup>66</sup> **Michael Fitzgerald:** arcebispo católico romano. É o núncio-. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>67</sup> **Príncipe Hassan da Jordânia** (1947): El Hassan bin Talal, é irmão do rei Hussein, da Jordânia, morto em 1999, e tio do atual monarca, Abdullah II. Foi membro de uma série de instituições jordanianas e internacionais. Suas idéias sobre uma nova ordem humanitária internacional levaram a ONU a criar a Comissão Independente sobre Assuntos Humanitários Internacionais. Entre outras atividades, ele é co-fundador do Parlamento de Culturas, com sede na Turquia e já fez parte de um comitê sobre assuntos inter-religiosos da Unesco. Talal esteve em São Paulo em março de 2006. Entre seus inúmeros livros, citamos: *Autodeterminação palestina* (1981). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>68</sup> **Metropolitano Damaskinos:** patriarca ecumênico da igreja ortodoxa de Constantinopla da Suíça. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>69</sup> **Príncipe Sadruddin Aga Khan** (1933-2003): príncipe nascido na França, filho do Sultão Muhammad Shah Aga Khan III. Participava do alto

morto em 2003, e o grande rabino de França, René Samuel Sirat<sup>70</sup>. Muçulmanos, judeus e cristãos tinham sido convidados por uma fundação para o diálogo inter-religioso e intercultural, a fim de criar um ponto de diálogo cultural entre eles. Este passo para o diálogo intercultural é de extrema importância. Em todos os diálogos que se fazem com o mundo muçulmano, mal se inicia a tratar temas religiosos, começa-se a falar de palestinos, Israel, Iraque, Afeganistão, em suma, de todos os conflitos políticos ou culturais. Com o Islã, jamais se consegue fazer um discurso positivamente teológico: não se pode falar da Trindade, da encarnação etc. Certa vez, em Córdoba, em 1977, fez-se uma convenção sobre a noção de profecia. Depois de haver tratado do caráter profético de Cristo, do modo como é visto pelos muçulmanos, um cristão expôs o caráter profético de Maomé do ponto de vista cristão e ousou dizer que a Igreja não pode reconhecê-lo como profeta, que, no máximo, poderia defini-lo como tal, mas somente num sentido genérico, como se diz que Marx<sup>71</sup> é “o profeta” dos tempos modernos. Resultado:

comissionado para Refugiados de Naciones Unidas (UNHCR) desde 1965 a 1977. Possuía nacionalidade francesa, iraniana e suíça. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>70</sup> **René-Samuel Sirat:** personalidade determinante do judaísmo contemporâneo e da comunidade judia na França onde ele foi o Grande Rabino de 1981 a 1988. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>71</sup> **Karl Heinrich Marx** (1818 – 1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

tivemos que interromper o encontro e por três dias só se falava disto.

Os momentos mais frutíferos nos meus encontros com os muçulmanos foram quando se falava de questões interdisciplinares ou interculturais. Particpei mais vezes, convidado pelos muçulmanos, de encontros inter-religiosos em várias partes do mundo muçulmano: sempre se falou de um encontro de religiões e civilizações ou culturas. Duas semanas atrás, em Isfahan, no Irã, o título era *Encontro de civilizações e religiões*. No próximo dia 19 de setembro, na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, se realizará um encontro organizado pelo Ministério da Cultura do Irã junto com a Itália e também este terá como tema o encontro entre as culturas, com a presença do ex-presidente iraniano Khatami.

O Papa compreendeu este aspecto importante: discutir teologia pode ocorrer somente entre poucos, mas não entre o islamismo e o cristianismo, pelo menos não agora. Ao invés disso, trata-se de abordar a convivência sob os aspectos concretos da política, da economia, da história, da cultura e dos costumes.

### **Racionalidade e fé**

Um outro fato me parece muito importante. Num diálogo no dia 25 de outubro de 2004, entre o historiador Ernesto Galli della Loggia<sup>72</sup> e o então cardeal Ratzinger, num certo momento o cardeal, falando de teologia, recorda as “sementes do Verbo” e sublinha a importância da racionalidade na fé cristã, vista pelos padres da Igreja como o cumprimento da busca de verdade presente na filosofia.

---

<sup>72</sup> **Ernesto Galli della Loggia:** professor de História das Doutrinas Políticas na Universidade de Perugia. (Nota da *IHU On-line*)

Galli della Loggia diz então: “A vossa esperança, que é idêntica à fé, leva consigo um *Logos* que pode se tornar uma apologia, uma resposta que pode ser comunicada aos outros”, a todos.

O cardeal Ratzinger responde: “Nós não queremos criar um império de poder, mas temos uma coisa comunicável, ao encontro da qual vai uma expectativa da nossa razão. É comunicável porque pertence à nossa natureza humana comum e existe um dever de comunicar, da parte de quem encontrou um tesouro de verdade e amor. A racionalidade é, portanto, postulado e condição do cristianismo, que permanece como uma herança européia, para confrontar-nos de modo pacífico e positivo, seja com o islamismo, seja com as grandes religiões asiáticas”.

Para ele, portanto, o diálogo se dá neste nível, ou seja, fundado na razão. Indo adiante, ele acrescenta: “Esta racionalidade se torna perigosa e destrutiva para a criatura humana, quando se torna positivista (e aqui ele faz uma crítica ao Ocidente – ndr), que reduz os grandes valores do nosso ser à subjetividade, (ao relativismo) e se torna, assim, uma amputação da criatura humana. Não queremos impor a ninguém uma fé que só se pode aceitar livremente, mas como força vivificadora da racionalidade da Europa, que pertence à nossa identidade”.

Aqui entra a passagem essencial:

“Tem sido dito que não devemos falar de Deus na constituição européia, porque não devemos ofender os muçulmanos e os fiéis de outras religiões. É verdade o contrário. O que ofende os muçulmanos e os fiéis de outras religiões não é o falar de Deus ou das nossas raízes cristãs, mas antes, o desprezo de Deus e do sagrado é o

que nos separa das outras culturas e não cria uma possibilidade de encontro, mas exprime a arrogância de uma razão diminuída, reduzida, que provoca reações fundamentalistas”.

Bento XVI admira no Islã a certeza baseada na fé, em oposição ao Ocidente que relativiza tudo; e admira no islamismo o sentido do sagrado, que, ao invés, parece ter desaparecido no Ocidente. Ele compreendeu que o muçulmano não é ofendido pelo crucifixo, pelos signos religiosos: esta é, realmente, uma polêmica laicista que tende a eliminar o religioso da sociedade. Os muçulmanos não se sentem ofendidos pelos símbolos religiosos, mas pela cultura secularizada, pelo fato de que Deus e os valores que eles conectam com Deus estão ausentes desta civilização.

Esta é também a minha experiência, quando de vez em quando converso com muçulmanos que trabalham na Itália. Dizem-me: neste país há de tudo, podemos viver como queremos, mas, infelizmente não há “princípios” (esta é a palavra que usam). Isso é bastante sentido pelo Papa, que diz: voltemos à natureza humana baseada na racionalidade, na consciência que dá idéia dos direitos humanos: e não queiramos reduzir a racionalidade a algo empobrecido, mas integremos o religioso na racionalidade; o religioso faz parte da racionalidade.

Parece-me que Bento XVI precise melhor a visão de João Paulo II. Para o Papa polaco, o diálogo com o Islã devia abrir-se à colaboração em tudo, também na prece. Bento XVI olha para pontos mais essenciais: a teologia não é o que conta, pelo menos não nesta fase histórica: importa o fato que o islamismo é a religião que está se desenvolvendo mais e que se torna mais um perigo para o Ocidente e para o mundo. O perigo não é o islamismo em geral, mas certa visão do islamismo

que não renega jamais abertamente a violência e gera terrorismo e fanatismo.

Além disso, ele não quer reduzir o Islã a um fenômeno sociopolítico. O Papa entendeu profundamente a ambigüidade do islamismo que é simultaneamente um e o outro, que talvez jogue num ou no outro *front*. E lança a proposta que, se quisermos encontrar uma base comum, devemos sair do diálogo religioso, para estabelecer fundamentos humanísticos como base deste diálogo, porque somente estes são universais e comuns a todos os seres humanos. O humanismo é um fator universal, enquanto as crenças podem ser fatores de desencontro e divisão.

#### **Sim à reciprocidade, não à transigência**

A posição do Papa não decai jamais na justificação do terrorismo e da violência. Talvez também entre personalidades eclesásticas se deslize para um relativismo genérico: no fundo, a violência está em todas as religiões, também entre os cristãos. Ou então: a violência é justificada como resposta a outras violências... Não, este Papa jamais fez alusões deste gênero.

De outra parte, ele não cai também na conduta de certo cristianismo ocidental marcado pela transigência e por complexos de culpa. Recentemente, entre os muçulmanos há quem tenha solicitado que o Papa peça perdão pelas cruzadas, pelo colonialismo, pelos missionários, pelas charges etc. Bento XVI não cai nesta armadilha, porque sabe que as suas palavras poderiam ser utilizadas, não para construir um diálogo, mas para destruí-lo. Esta é a experiência que temos do mundo muçulmano: todos estes atos, muito generosos e profundamente espirituais, de pedir perdão pelos fatos históricos do passado, são instrumentalizados e apresentados pelos muçulmanos como uma revanche: eis aí – dizem – vós

mesmos o reconheceis, sois culpados. Estes fatos jamais suscitam reciprocidade.

A este propósito, vale a pena recordar o discurso de Bento XVI ao embaixador do Marrocos, aos 20 de fevereiro de 2006, quando fez uma alusão a “respeito das convicções e práticas religiosas alheias, a fim de que, de maneira recíproca, em todas as sociedades seja realmente assegurado a cada um o exercício da religião livremente escolhida”. São duas pequenas afirmações, mas importantíssimas, sobre a reciprocidade dos direitos de liberdade religiosa entre países ocidentais e islâmicos e sobre a liberdade de mudar de religião, um fato

proibido no Islã. O belo é que ele tenha ousado fazê-lo: no mundo político e eclesial, com frequência, se tem medo de acenar a estas coisas. Basta ver o silêncio que vige sobre as violações da liberdade religiosa presentes na Arábia Saudita.

Agrada-me muito este Papa, seu equilíbrio, sua clareza. Ele não propõe nenhum compromisso: continua a sublinhar a necessidade de anunciar o Evangelho em nome da racionalidade e, por isso, não se deixa influenciar por quem teme e denuncia um pretenso proselitismo. O Papa pede sempre as garantias para que se possa “propor” a fé cristã e para que esta possa ser “livremente escolhida”.

## Entrevistas da Semana

### A superlotação dos presídios

Entrevista com Carlos Sant’Ana

Carlos Sant’Ana é secretário municipal de Segurança Pública em São Leopoldo. Ele aceitou conversar por telefone com a redação da *IHU On-Line* na manhã do dia 15, após ler as *Notícias Diárias*, publicadas na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), sobre a ação do PCC, em São Paulo, no último final de semana. Sant’Ana é categórico ao afirmar que a falta de espaço nos presídios é que determina os problemas gerados pela falta de administração do Estado. “A população é tão grande que o Estado não controla mais, e entrega a “administração” interna dos presídios, das galerias, aos próprios presos. O resultado é o que estamos vendo”, conclui. Ele também fala sobre a situação da violência em São Leopoldo e o **Seminário Latino-Americano de Segurança Urbana**, que acontecerá no município, de 29 de maio a 1 de junho de 2006.

Sant’Ana é graduado em Direito e Jornalismo, ambos os cursos realizados na Unisinos. Atuou como delegado de Polícia em diversos municípios gaúchos. Foi chefe de gabinete do chefe de polícia em 2000 e 2001, ao mesmo tempo que respondeu pelo Serviço de Informações Especiais (SIE) da Polícia Civil. Entre

2000 e 2002, lecionou a disciplina de Direito Penal no curso de Formação Básica para Servidores da Segurança Pública. Atuou, em 2002, como diretor do Departamento de Inteligência e Assuntos Estratégicos (DIAE) da Secretaria da Justiça e da Segurança do Rio Grande do Sul. Em 2003, foi coordenador-geral de Planejamento Estratégico em Segurança Pública, Programas e Projetos Especiais da Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP) do Ministério da Justiça. Foi Delegado Regional da 17ª Região Policial, que inclui oito municípios, em 2004.

Ele concedeu uma entrevista para a revista *IHU On-Line* na edição número 158, de 3 de outubro de 2005, que teve como tema de capa o debate sobre o desarmamento. A entrevista a seguir foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 16/05/2006.

***IHU On-Line - O que o senhor pensa sobre as opiniões da Alba Zaluar, ao dizer que o ataque do PCC revela uma faceta até então oculta do crime organizado em São Paulo, afirmando que ele "é muito mais centralizado, muito melhor coordenado e tem uma retórica política por trás", inclusive referindo-se às ideologias de grupos extremistas de esquerda da América Latina?***

**Carlos Sant'Ana** - Não concordo com essa opinião. Ela soa perfeitamente como uma tentativa de politizar a questão, responsabilizando a atuação e as idéias de esquerda em toda a América Latina por isso. Temos problemas sérios no sistema penitenciário brasileiro, mas é por uma questão técnica de espaço. A possibilidade de se gerenciar um sistema penitenciário tem direta relação com a questão do espaço onde os presos estão vivendo. Não se controla um sistema se não houver espaço para os presos. Não estou falando em privilégios, em concessões, mas do mero cumprimento da lei, que é o que não se faz nesse país. Essa tentativa como a da Alba<sup>73</sup>, e de outras pessoas que tenho ouvido, de falar

---

<sup>73</sup> Alba Zaluar é professora titular do curso de Antropologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Alba foi entrevista pelo site do IHU no dia 19 de maio de 2006. (Nota da IHU *On-Line*)

que isso é uma politização, com idéias de esquerda, é um absurdo, uma tentativa clara de criminalizar a atuação da esquerda. Não tem nada a ver uma coisa com a outra, muito pelo contrário.

#### **O problema da superlotação**

Os governos de esquerda, como nós tivemos aqui no Rio Grande do Sul, sempre se preocuparam em estabelecer a seguinte relação: o exercício da autoridade, da lei, do estado de direito, em uma instituição penitenciária, diz respeito à possibilidade daquelas pessoas viverem com regras mínimas de dignidade. E isso tem relação direta com o espaço de que elas dispõem. A superlotação dos presídios é que causa esse tipo de organização, de revolta. O que vemos é a impossibilidade de o Estado administrar os presídios, de gerenciá-los, coordená-los, de impor a lei dentro deles, porque chega num ponto de tal superlotação que ele simplesmente entrega o comando das galerias àquelas pessoas. É melhor não confundir isso com a atuação da esquerda no País e na América Latina, e me parece que, no caso da Alba, não é mera confusão. Eu não concordo com esse absurdo.

***IHU On-Line - E qual sua opinião sobre a proposta de Loïc Wacquant, professor de Sociologia na***

**Universidade da Califórnia, que diz que "ataques" como os do fim de semana devem ocorrer de novo e só podem ser evitados se as elites políticas brasileiras e o governo do País contra-atacarem no campo social, não no criminal"?**

**Carlos Sant'Ana** - Se eu disser que não concordo com isso seria ir contra a própria idéia de que nós temos aqui no município de construção de uma nova realidade de segurança. Mas também não é só isso. O papel da polícia é fundamental. Quando se fala em um problema tão complexo como é a criminalidade, precisamos ter em mente que uma das causas, sem dúvida nenhuma, é a impunidade. Uma pessoa que comete crimes absurdos, hediondos, de grande repercussão, fica muito pouco tempo na cadeia, e só quando ela é investigada, identificada, quando há provas do crime, quando é julgada e condenada. Isso tudo cria uma sensação de impunidade na população, o que só se resolve com a ação da polícia.

#### **A atividade policial é imprescindível**

É preciso ter a capacidade de, primeiro, entender que não se resolve o problema da segurança pública unicamente com polícia. Confundir o conceito de segurança pública com polícia é um erro. Segurança pública é muito mais do que a simples atividade policial. No entanto, a atividade policial é imprescindível. O grande desafio é organizar o Estado, nos três níveis de governo. Não vamos responsabilizar só a União quanto a isso. O governo do País tem a sua responsabilidade, assim como o governo do Estado e dos municípios também. É preciso organizar tudo isso, no sentido de gerar políticas sociais, de inibição da violência, de redução da vulnerabilidade das pessoas à violência, mas tratar junto com isso a atividade policial. Ela tem que ser valorizada, não pode ser descartada. Não devemos permitir o que está acontecendo em São Paulo, porque isso é uma agressão ao Estado, considerando a

morte dos policiais como representantes do Estado.

#### **IHU On-Line - O que pode ser feito para combater essa situação?**

**Carlos Sant'Ana** - A solução passa por todas as ações conjuntas: valorização da polícia, melhoria das suas condições de trabalho e atividades de prevenção social à criminalidade. Quanto à situação que já está colocada hoje, que é a superlotação, temos que fazer obras, construir presídios. Não há outra solução para isso. Não é soltando os presos que a situação vai melhorar. Não, absolutamente! Muito pelo contrário. Muitas vezes o criminoso pega pouco tempo de cadeia, não é punido pelo crime que praticou, e pode voltar por praticar novos crimes, considerando que o índice de reincidência no Brasil é altíssimo. Nesse momento, é preciso investir nisso, até que se alcancem todos os avanços sociais, como saúde, segurança pública, educação, assistência social, no sentido de melhorar as condições sociais da população.

#### **IHU On-Line - Como o senhor avalia o sistema prisional do Rio Grande do Sul?**

**Carlos Sant'Ana** - Retomando a questão de que é fundamental que haja espaço nas penitenciárias, pois em unidades superlotadas não há como ser mantido o controle, eu vejo que há problemas no Rio Grande do Sul. Temos hoje um déficit de quase 6 mil vagas, ou seja, para que não houvesse superlotação nos presídios teríamos que ter capacidade de produzir mais 6 mil vagas, o que não está acontecendo. Até 2002, historicamente, os governos vinham mantendo sob controle essa questão. Em 1999, o governo assumiu com um déficit de aproximadamente 1.800 vagas. Houve muitas prisões durante esses 4 anos, mas o governo foi encerrado com as mesmas 1.800 vagas de déficit. Nos últimos tempos, houve um incremento nisso, que é muito preocupante. Daí entra a

seguinte questão técnica: a falta de espaço é que determina os problemas gerados pela falta de administração do Estado. A população é tão grande que o Estado não controla mais, e entrega a "administração" interna dos presídios, das galerias, aos próprios presos. O resultado é o que estamos vendo.

**IHU On-Line - O senhor acredita que há possibilidade de ocorrer algo semelhante aqui no Estado ao que ocorre em São Paulo? Acha que isso pode se espalhar pelo Brasil?**

**Carlos Sant'Ana** - Acho que não. Tenho acompanhado pela imprensa o que alguns pesquisadores de São Paulo dizem a respeito disso. Precisamos entender exatamente as origens dessa questão, que é gravíssima. É importante descobrir o que tem acontecido lá, não só no sistema penitenciário, mas também essa questão da morte de policiais nas ruas, bombeiros, guardas municipais. Eu não saberia avaliar muito bem, até porque isso está acontecendo nesse momento. Talvez precisássemos de um certo distanciamento para entender bem as razões disso e, com base nesse entendimento, dizer se pode ser reproduzido em outros estados. Em princípio, acho que não. São circunstâncias diferentes, envolvem a forma de tratar a questão, e também o tema da superlotação. Lá em São Paulo pode ser que esse problema esteja muito mais ampliado do que o nosso. Isso, porém, não se reproduz assim tão facilmente, não.

**IHU On-Line - Como o senhor recebeu o diagnóstico da violência em São Leopoldo apresentado pela pesquisa dos professores Ronaldo Henn e Carmen Oliveira?**

**Carlos Sant'Ana** - O diagnóstico que recebemos é fundamental. Há várias idéias que estamos implantando em São Leopoldo. Uma delas é a de que sem gestão não há política pública. Estamos tentando implementar uma política

pública de segurança que envolva os três níveis: a União, o Estado, e o Município de São Leopoldo. O sucesso disso tudo depende da nossa capacidade de gestão. Quando eu falo gestão, refiro-me a ter dados qualificados da criminalidade e um diagnóstico preciso da situação com base nesses dados qualificados. Assim, é possível realizar um planejamento das ações e, com esse planejamento, ter mecanismos para aferir a execução da política: testar se está dando certo, o que funciona e o que não funciona. Assim vamos corrigindo as ações no sentido de aprimorar e obter o decréscimo dos índices de violência e criminalidade. O diagnóstico que foi feito pela equipe de Estudos Transdisciplinares da Unisinos é fundamental. Eles nos fornecem os dados atuais das polícias, dos órgãos penitenciários, dos atos infracionais dos adolescentes. Com base nisso e com o conhecimento técnico que eles têm a respeito de várias disciplinas, eles extraem um diagnóstico, dizendo-nos o que está acontecendo, por que está acontecendo, onde está acontecendo e, conseqüentemente, que tipos de ações o poder público, seja municipal, seja estadual, seja federal, pode tomar no sentido de resolver esses problemas.

**IHU On-Line - Quais suas expectativas sobre o Seminário Latino-Americano de Segurança Urbana?**

**Carlos Sant'Ana** - Foi muito bom que tivéssemos conseguido o apoio do Governo Federal e do Instituto Humanitas Unisinos para fazer esse seminário. As pessoas que nos apóiam reconheceram a importância de discutir esse tema, principalmente nesse momento. O evento vem sendo planejado há alguns meses, mas é interessante que justamente quando se acirram as discussões em torno das causas e soluções dos problemas de violência no País, nós fazemos um seminário aqui em São Leopoldo para discutir a segurança urbana. A idéia é trazer gestores e pesquisadores, inclusive de outros países,

que tiveram experiências de programas comunitários de prevenção social à violência, muitos deles em trabalho conjunto com as polícias. Essas pessoas virão aqui falar sobre isso, sobre o que deu certo, o que não deu certo, como trabalharam determinadas questões e obtiveram a redução de índices de determinados crimes. É muito importante isso para nos ensinar algumas coisas, e para ouvirem também as nossas experiências, no sentido de socializar a informação para que possamos construir alguma coisa mais significativa no sentido de redução do índice de violência.

**IHU On-Line - Que aspectos do plano municipal de segurança pública, a ser lançado durante o seminário, o senhor pode adiantar?**

**Carlos Sant'Ana** - A primeira atribuição da minha Secretaria é criar uma política

de segurança pública, e o plano é a base teórica dessa política. Nele, consta o que queremos fazer, por que queremos fazer e onde vamos fazer. É importante que a população saiba o que pretendemos quando falamos de segurança pública, quando justificamos a criação de uma secretaria municipal de segurança. Mais do que ter conhecimento disso, ela terá a capacidade de fiscalizar também. É um mecanismo de democratização, de relação direta com a população. Sobre o plano, temos alguns eixos fundamentais, como a prevenção comunitária à violência; a atuação da guarda municipal em apoio e complementação ao serviço das duas polícias estaduais, a civil e a militar; a segurança na escola, na família; a violência de gênero; e a criação de um consórcio intermunicipal de prevenção da violência.

## **A polêmica de O Código da Vinci**

**Entrevista com Jesús Hortal**

O jesuíta espanhol e reitor da PUC-Rio, Pe. Jesús Hortal, ainda não assistiu ao filme *O Código da Vinci*, mas leu a obra sob o mesmo título, que inspirou o filme, e participou de vários debates sobre ele. O reitor fala sobre o livro na entrevista que nos concedeu por telefone. Com críticas duras ao autor, Dan Brown, Pe. Hortal afirma que ele "chuta, inventa e mente descaradamente", em uma obra que "é uma deturpação completa", uma própria "falsificação histórica". Para ele, a Igreja Católica só fica atingida pelo filme para quem não tem o mínimo de senso crítico. Segundo Pe. Hortal, Dan Brown tem "uma bronca sem tamanho com a Igreja Católica". Doutor em Filosofia e Direito Canônico.

**IHU On-Line - Especialistas acreditam que as controvérsias geradas pelo filme, principalmente envolvendo a Igreja Católica, devem favorecer a bilheteria, ao aumentar a curiosidade do público principalmente daqueles que não**

**leram o livro. O senhor concorda com isso?**

**Jesús Hortal** - Sim. Não há dúvidas. Por isso, houve toda essa montagem publicitária, em volta de um "segredo" antes da divulgação do filme. Nenhum correspondente ou crítico de cinema



pôde assisti-lo até o festival de Cannes, esta semana. Isso foi claramente uma idéia para conseguir o escândalo, lançando o produto com todo o estardalhaço para produzir um impacto. Não parece que tenha sido esse o resultado obtido. Segundo os correspondentes do mundo inteiro, o filme é uma verdadeira droga.

**IHU On-Line - Em pronunciamento oficial pela CNBB, o cardeal Geraldo Majella alerta que a obra, no seu gênero fantasioso, apresenta uma imagem distorcida de Jesus Cristo, que está em contraste com as pesquisas e afirmações de estudiosos de diversas áreas, e que a Igreja nunca ocultou no passado, nem no presente, a verdade sobre Jesus e sobre a origem dela própria. Mesmo assim, o senhor acredita que o filme possa causar impactos em alguns fiéis?**

**Jesús Hortal** - Certamente. Serão aqueles que não têm uma formação um pouco maior e, sobretudo, os que carecem de senso crítico. Quando me perguntam se há problemas em ver o filme eu respondo "depende". Tudo bem, se você quiser realmente ver por curiosidade, porque como gênero literário não é tão ruim o livro, mas ver com senso crítico, não simplesmente "pegar" as idéias. A obra se caracteriza pela desfaçatez da mentira. Começa por uma página que diz "fatos", onde constam três afirmações que são radicalmente falsas.

**IHU On-Line - O cardeal-arcebispo de Salvador também orientou os católicos a não assistirem ao filme baseado no livro de Dan Brown. O que o senhor pensa disso?**

**Jesús Hortal** - Se a pessoa tem formação, eu não diria nem que assista, nem que não assista. O filme, como filme, parece que é bastante ruim. Eu estive olhando na Internet, em diversos jornais, inclusive de caráter secular,

como o *New York Times*, de Nova Iorque, e o *El País*, de Madri, e todos coincidem que, como filme, ele é péssimo. Então, se a pessoa quer ver por curiosidade, tudo bem, veja. Procure, porém, informar-se e ver como realmente ele mostra uma deturpação de tudo, da realidade histórica, dos documentos da Igreja Católica, das práticas católicas. É uma deturpação completa.

**IHU On-Line - O senhor afirma que o Código da Vinci é "comida requentada", porque trata de um tema antigo: a conciliação entre a dupla realidade, divina e humana, do Cristo, e o velho panteísmo naturalista, encarnado no mito do eterno feminino, atribuindo o sucesso da obra aos "temperos" utilizados por Dan Brown. Mesmo assim, por que há tamanho investimento em uma produção cinematográfica sobre esse tema "requentado"?**

**Jesús Hortal** - Quando eu era criança, a minha família era bastante modesta. Era uma época muito difícil na Espanha. Então, a minha mãe aproveitava tudo o que sobrava da comida. Nada ia para o lixo. Para que não disséssemos: "Mas que porcaria!", ela colocava uns temperos bons, que davam gosto bom à comida. É exatamente esse o caso do filme. Eu cito esses temas antigos, mas também cito quatro livros mais recentes, dos quais claramente Dan Brown copiou: *A Revelação dos Templários - Guardiões Secretos da Verdadeira Identidade de Cristo* (1); *A Mulher do Vaso de Alabastro - Maria Madalena e o Santo Graal* (2); *A Deusa nos Evangelhos - O Resgate do Sagrado Feminino* (3); *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* (4). Esses quatro livros são citados inclusive no próprio livro de Dan Brown, aquele milionário excêntrico inglês. Está muito claro que ele pegou as idéias desses livros, ou seja, a obra não tem nem sequer a

virtude da originalidade. O que é próprio dela é a falsificação histórica.

**IHU On-Line - O senhor afirma que a obra é propositalmente mentirosa. Quais as razões desse propósito por parte do autor?**

**Jesús Hortal** - O próprio Dan Brown chega a reconhecer isso de algum modo. Comparemos dois trechos do romance. No início do primeiro capítulo, encontramos o seguinte texto: "Robert Langdon acordou devagar... - Onde é que eu estou, afinal? O roupão de jacquard pendurado na coluna da cama tinha o monograma: Hotel Ritz Paris". Parece um pormenor sem importância. Não é. No epílogo, após inúmeras peripécias, deparamo-nos com quase as mesmas palavras: "Robert Langdon despertou sobressaltado. Tivera um sonho. No roupão de banho ao lado de sua cama, estava bordado o monograma Hotel Ritz Paris. Viu uma luz mortiça filtrando-se através das venezianas. - Será o anoitecer ou amanhecer?, perguntou-se".

O que será que o autor nos está querendo dizer com esses parágrafos quase idênticos? Algo muito simples: que tudo não passou de um sonho. No fim, ele diz, de fato: isso tudo não passa de um sonho. É um sonho de alguém que está querendo realmente destruir a Igreja Católica.

Durante todo o livro, a começar pela página inicial, ele escreve "fatos" e assegura que tudo aquilo é documento histórico, quando é tudo falso. Parece-me que o autor mostra claramente uma vontade de rir. Eu cito como símbolo do livro o que está exatamente na capa dele: a pintura de Leonardo da Vinci: La Gioconda, ou A Monalisa, que tem aquele sorriso enigmático. Dan Bown, no fim, nos coloca esse sorriso, dizendo: "Imbecis, vocês acreditaram e eu só estava mentindo".

**IHU On-Line - Quais as principais**

**contradições e falhas históricas e científicas da obra?**

**Jesús Hortal** - A tese de fundo é que Maria Madalena teria casado com Jesus e teria tido descendência e que o cadáver de Maria Madalena se teria conservado enterrado no Templo de Jerusalém, junto com uma série de documentos, que teriam sido descobertos pelos templários e que, então, ao descobrir tudo aquilo, os templários teriam fundado uma sociedade secreta chamada Fraternidade de Sião, que continuaria até os dias de hoje, custodiando esse segredo. E que a Igreja Católica, por isso, combateu todos eles e cometeu uma série de crimes contra essas pessoas para ocultar a verdade.

**Jesus morreu na cruz**

Começemos pelo primeiro problema: não há a possibilidade nenhuma dessa vida posterior de Jesus à crucificação, que é o que Brown diz, que Jesus não teria morrido na cruz. Nem sequer os judeus, que polemizaram com os cristãos, nunca chegaram a dizer que Jesus não teria morrido. A única coisa que os judeus chegaram a espalhar e está nos evangelhos é que o cadáver teria sido roubado, para justificar o túmulo vazio. Começa por aí: cai por sua base essa teoria.

**Jesus e Maria Madalena casados?**

Segundo: não há absolutamente em nenhum documento, nem nos evangelhos gnósticos, que Brown apresenta como prova, uma afirmação de casamento ou de relação marital entre Jesus e Madalena. Ele cita muito brevemente e de modo truncado alguma passagem dos evangelhos gnósticos, por volta do século III ou IV. Nesses evangelhos não se afirma nada de relação sexual. A passagem que ele invoca está mal interpretada, o que mostra que ele não conhece o gnosticismo, que era uma corrente de pensamento herético, que se desenvolve

a partir do fim do século II, e que fala de revelações secretas, pessoais, por meio do Espírito Santo, para cada um dos fiéis. Quando Dan Brown pega isso, ele cita a passagem que diz que os apóstolos se queixaram a Jesus dizendo "porque você beija na boca a Maria Madalena e a nós não nos beija?". Dentro da linguagem gnóstica, o beijo na boca é a transmissão direta da sabedoria, de boca para boca. E nada mais. E é a única passagem que ele cita, completamente isolada, tirada do contexto.

### **Mulher não entrava no Templo de Jerusalém. Nem viva, nem morta**

Outro aspecto: suponhamos, inclusive, que o ponto acima seja verdade. Aí vem a segunda contradição brutal: Maria Madalena teria sido enterrada no Templo de Jerusalém. Acontece que, no Templo de Jerusalém, nunca houve sepultamento de ninguém, porque os cadáveres - e isso está na Bíblia - eram considerados impuros. Conseqüentemente, os sacerdotes não podiam nem tocar em cadáveres. O sacerdote que tocava em cadáveres tinha que fazer uma série de purificações para voltar a entrar no Templo. Outra coisa: não só cadáver, mas mulher não entrava no templo. O templo de Jerusalém era um templo literalmente masculino. Já muito posteriormente foi construído um átrio das mulheres, externo ao templo, para que as mulheres pudessem ficar perto, para orar.

### **Uma mulher, cadáver e herege no Templo de Jerusalém?**

Terceiro ponto: no ano quarenta, as autoridades do templo de Jerusalém excomungaram os cristãos. Assim, Maria Madalena se tornou uma herege para eles. Como imaginar que iriam enterrar no Templo de Jerusalém, uma mulher, cadáver e herege! Não tem nem pé nem cabeça. Ainda mais: o livro diz que os templários, em 1099,

descobriram o corpo de Maria Madalena com uma série de caixotes com documentos. Acontece que em 1099 os templários ainda não existiam, foram fundados só em 1118, 19 anos mais tarde. Os templários não tinham o quartel geral na Esplanada do Templo. Perto sim, mas não na Esplanada.

### **Fraternidade de Sião: uma sociedade européia**

Ele só tem razão quando afirma, na primeira página, que a Fraternidade de Sião é uma sociedade européia. Ele escreve isso sem perceber que, no meio do livro, vai dizer que foi fundada em Jerusalém, então não seria européia. Mas é verdade que é uma sociedade européia, porque é bem recente, tendo sido fundada em 1956, depois da segunda metade do século XX, por um jornalista francês que se meteu a romancista, Pierre Plantard, e que fracassou completamente como romancista. E isso se pode documentar porque está registrada numa subprefeitura de Paris, exatamente em 1956. É uma contradição após a outra, um absurdo.

### **Outras falsas afirmações**

Dan Brown afirma que no Templo de Jerusalém se adorava a Shekiná, como se fosse a esposa de Javé. Não há o mínimo rastro disso. Shekiná significa a manifestação da glória de Deus. Em todo o relato bíblico aparece de repente "a glória de Deus se manifestou". E todos se prostram. Ainda mais: Dan Brown chega a afirmar que, no Templo de Jerusalém se praticava a prostituição sagrada. A Bíblia tem horror da prostituição sagrada e a combate terrivelmente, não no Templo, onde não houve nunca, mas nos cultos cananeus e em certas práticas populares, que eram supersticiosas e por isso deviam ser combatidas.

### **As falsas afirmações sobre as obras de arte**

Evidentemente também há toda uma série de afirmações em torno de obras de arte que são falsas. Algo bem típico, por exemplo, é dizer que o homem vitruviano é um símbolo do pentagrama. Quando Leonardo da Vinci colocou isso no comentário ao tratado de arquitetura de Vitruvio, ele aponta o homem vitruviano como mostra da harmonia das proporções do corpo humano, que se pode inserir tanto em um círculo como em um retângulo. Assim é também em relação ao quadro da última ceia. Vê-se que Brown desconhece completamente o que está descrevendo.

O quadro da última ceia, de Leonardo da Vinci, pinta a última ceia descrita no Evangelho de São João, no momento em que os apóstolos estão perguntando para Jesus, que acaba de dizer "um de vocês vai me entregar": "será que sou eu?", por isso há vários que estão com o dedo levantado. E a figura de Pedro está clarissimamente inclinada sobre a figura que está ao lado dele, tradicionalmente identificada como João, falando-lhe ao ouvido, que como descreveu o próprio João: "Pedro se inclinou sobre o discípulo que Jesus amava e lhe disse: pergunta quem é". Esse é o momento, bem claro. João aparece como um rapaz, um mocinho. Essa era a tradição.

Não foi só Leonardo da Vinci que o pintou assim. Podemos olhar os quadros da última ceia de todos os pintores renascentistas em que João sempre aparece assim. Portanto, Leonardo não está transmitindo um código próprio dele, mas um código comum a todos: João era o discípulo mais novo. De fato, conforme a tradição, ele morreu só por volta do ano 100, exatamente por isso.

### **Opus Dei nunca teve monges**

A série de contradições que aparece aí é tão brutal, não só de caráter histórico,

mas de realidade, quando coloca como o grande assassino um monge da Opus Dei. Monges são pessoas que vivem em mosteiros, dedicadas à vida contemplativa. A Opus Dei nunca teve monges. A espiritualidade da Opus Dei é exatamente contrária à espiritualidade monástica, que é separação do mundo para contemplar a Deus. A espiritualidade da Opus Dei é a inserção no mundo para trabalhar nele o anúncio do Evangelho. É radicalmente diferente. Vê-se que ele desconhece as coisas que fala. Chuta, inventa e mente descaradamente.

### **IHU On-Line - Como fica a imagem da Opus Dei depois da obra e do filme?**

**Jesús Hortal** - Alguns dizem que a Igreja Católica fica atingida. Não se pode dizer isso de jeito nenhum. Fica atingida só para quem não tem o mínimo de senso crítico. A Opus Dei aparece na obra como uma espécie de bode expiatório. O único problema que se poderia apresentar em relação à Opus Dei é um problema comum a qualquer ordem ou congregação religiosa. Há uma série de meios que utilizamos para o apostolado. Até que ponto se justifica acumular dinheiro, ou não, são coisas que sempre se pode questionar sobre a prática da Igreja.

### **IHU On-Line - O senhor afirma que Dan Brown é movido pelo ódio à Igreja Católica e sonha com a sua destruição. O que lhe faz chegar a essa conclusão?**

**Jesús Hortal** - Por todo o conteúdo do livro e pelo que ele fala no seu site pessoal na internet. Aí se vê muito claramente que ele tem uma bronca sem tamanho com a Igreja Católica, possivelmente por questões matrimoniais. Eu não estou completamente certo sobre isso, mas tenho uma suspeita pelo que ele fala, de que ele tem uma situação que diante da Igreja Católica é irregular. E então tem raiva.

## Notas

1. LYNN PICKNETT, CLIVE PRINCE, **The Templar Revelation: Secret Guardians of the True Identity of Christ**, Touchstone, 1998.

2. MARGARET STARBIRD, **The Woman With the Alabaster Jar: Mary Magdalen**

**and the Holy Grail**, Bear & Company, 1993.

3. MARGARET STARBIRD, **The Goddess in the Gospels: Reclaiming the Sacred Feminine**, Bear & Company, 1998.

4. MICHAEL BAIGENT, RICHARD LEIGH, HENRY LINCOLN, **Holy Blood, Holy Grail**, Dell, 1983.

# O Código da Vinci: o filme

Por Gilmar Hermes

O comentário a seguir, sobre o recém lançado *O Código da Vinci*, é do jornalista MS Gilmar Hermes, professor das Ciências da Comunicação da Unisinos.

Graduado em Jornalismo pela Unisinos, Hermes é mestre em Artes Visuais pela UFRGS e doutorando em Ciências da Comunicação pela Unisinos com a tese *As ilustrações de jornais diários impressos: explorando fronteiras entre jornalismo, produção e arte*.

Depois do sucesso literário, chegou aos cinemas a versão cinematográfica do romance policial *O Código da Vinci*. Voltado para o entretenimento, o filme faz com que se perceba a obra de Dan Brown, como algo semelhante aos textos de Paulo Coelho, onde toda a exploração em cima de dados históricos e dos resquícios da tradição são usados para criar um sentimento de frustração em relação ao passado.

Para a avant-première do filme, no Festival de Cannes, dia 17 de maio, foi montado um painel com a reprodução em série de várias “Mona Lisas”. Evocando as séries de “Marilyn Monroes” de Andy Warhol, a montagem dá um tom Pop pretendido pelo livro e pelo filme. Além disso, todas foram tratadas com intervenções semelhantes às do dadaísta Marcel Duchamp, que colocou bigodes em uma reprodução da mesma obra. Numa delas, no lugar da figura feminina idealizada por Da Vinci, está a atriz principal do filme. Após essas

associações com o lançamento da produção, Leonardo da Vinci, Andy Warhol e Duchamp devem estar incômodos em seus túmulos.

Se pensarmos que uma das grandes conquistas sociais do século XX foi o novo tipo de integração das mulheres, sobretudo no mercado de trabalho, a história evoca uma possível dívida com o sexo feminino ao longo da história ocidental. O pano de fundo constitui-se pelo fato de que a formação da cultura européia está fortemente marcada pela religiosidade cristã, que, inclusive, motivou a construção das suas mais significativas obras de arte ao longo de séculos. A possível menção à figura de Madalena no quadro *A Última Ceia*, de Leonardo da Vinci, é o mote principal do livro e toda a polêmica que produz.

Essa produção cinematográfica não deu grande oportunidade à interpretação dos atores, que se tornam grandiosos pelos ecos de seus trabalhos anteriores. Tom Hanks (*Forrest Gump*) e

Audrey Tautou (*O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*) serviram para conduzir uma seqüência movimentada de ações, nas quais a verossimilhança não está muito em conta, embora prenda-se, assim, a atenção dos espectadores do início ao fim.

O filme, assim como o livro, tem o mérito de provocar um renovado interesse pelas obras de arte, especialmente as do Renascimento, ostentadas pelos museus europeus. Juntando-se ao filme, isso provavelmente vai motivar também o aumento da procura turística pelas cidades européias, principalmente Paris, cujas paisagens

urbanas, tipo cartão-postal, são muito bem exploradas na tela do cinema.

Os heróis e os vilões do filme são grandes conhecedores do universo artístico e cultural. Nos lugares onde não se vê nada a princípio, eles são capazes de decifrar códigos, revelando algum indício crucial a respeito daquilo que nos une como seres humanos. O grande fascínio das obras de arte é a possibilidade de mostrar algo nesse sentido. Por isso, as obras de Leonardo da Vinci tendem a motivar novos discursos nas tentativas de compreender os seus significados. Isso não acontecerá provavelmente com o filme, que é, antes de qualquer coisa, um bom divertimento.

## Livro da semana

LEWINSOHN, T. M. (Org.) . *Avaliação do Estado do Conhecimento da Diversidade Biológica Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. v. 2. 526 p.

# O conhecimento e a ignorância sobre a biodiversidade brasileira

Entrevista com Thomas Michael Lewinsohn

Os biólogos, cientistas, pesquisadores e todos interessados na biodiversidade de plantas, animais e microorganismos brasileiros, têm à disposição um livro que acaba de ser lançado na 8ª Conferência das Partes da Convenção de Diversidade Biológica (COP8), em Curitiba, de 20 a 31 de março de 2006. Trata-se da obra **Avaliação do conhecimento da biodiversidade brasileira**, organizado pelo biólogo Thomas Lewinsohn. Realizado para o Ministério do Meio Ambiente, com apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o trabalho integra o processo da Estratégia Nacional de Biodiversidade, que o Brasil comprometeu-se a realizar como signatário da Convenção de Diversidade Biológica.

A pesquisa tem dois volumes e 524 páginas. É o 15º título da série

"Biodiversidade", produzida pela Diretoria de Conservação da Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente, e traz a primeira estimativa completa, realizada para um país megadiverso, do total de espécies de microrganismos, animais e plantas supostamente descritas e registradas para o Brasil, de 170 a 210 mil espécies.

Thomas Michael Lewinsohn participou do Simpósio Internacional Terra Habitável realizado no ano passado na Unisinos. *IHU On-Line* realizou uma entrevista por telefone com o biólogo Thomas Lewinsohn, na qual ele fala sobre a importância da obra e os tópicos mais latentes da pesquisa.

***IHU On-Line* - Qual a principal importância de uma obra que faz um balanço do conhecimento atual da biodiversidade de espécies brasileiras?**

**Thomas Lewinsohn** - Desde o início, essa obra foi pensada como um instrumento, uma ferramenta de apoio para tomadas de decisão, tanto por cientistas, quanto por agências financiadoras ou órgãos de fomento, que tenham alguma influência na política de pesquisa e aplicação desse conhecimento. O livro não é um trabalho que se completa em si próprio. Ele se torna importante na medida em que ajuda cientistas a escolherem e direcionarem seus esforços, e o próprio Ministério do Meio Ambiente, no desenvolvimento da estratégia nacional de biodiversidade, que pode usar essa informação para canalizar ou para direcionar iniciativas, buscando posicioná-las para prioridades mais claras.

Outra razão para destacar a importância da obra é que a informação sobre a biodiversidade, o conhecimento científico e mesmo a informação institucional, são muito dispersas. A biodiversidade envolve microrganismos, plantas, animais inferiores, invertebrados, vertebrados, e essa informação está pulverizada na nossa cabeça, em documentos, em milhares de artigos, publicados em

diferentes periódicos, coleções, nos mais variados lugares. É uma informação sobre a qual é difícil de termos uma visão geral. Precisava de um esforço de compilação e de avaliação.

***IHU On-Line* - Os números da biodiversidade poderão, futuramente, aumentar?**

**Thomas Lewinsohn** - Se os números aumentarem não é porque a diversidade de espécies está aumentando, mas as nossas estimativas estão sendo corrigidas. Não é que tenhamos expectativa de que vão se formar ainda milhões de novas espécies de bactérias. O que as estimativas apontam é que nosso grau de incerteza para muitos grandes grupos é muito alto. Nós conhecemos uma fração pequena das espécies de cada grupo e não sabemos qual a ponta de cima, até onde isso chega. Na medida em que novas técnicas vão sendo desenvolvidas, ou novos ambientes vão sendo pesquisados, vai-se descobrindo que há muito mais espécies do que se suspeitava antes.

***IHU On-Line* - O que a diversidade genética do Brasil traz de mais específico?**

**Thomas Lewinsohn** - Considerando o fato de que o Brasil é um país muito extenso, com uma diversidade biológica muito grande, esperaríamos quase que obrigatoriamente uma diversidade

genética muito alta. Mas aí temos que fazer alguns reparos. Podemos comparar o Brasil com outros países que tenham uma proporção importante na região tropical, mas que tem maior diversidade ou maior variedade de ambientes num espaço pequeno. Exemplos seriam os países da América Central, onde a variedade de ambientes é muito grande, e a diversidade genética pode acompanhar isso. O que vale ressaltar é que, comparado com o conhecimento da diversidade de espécies, o nosso conhecimento de diversidade genética das espécies nativas na natureza ainda é muito restrito. Há muito chão pela frente. Muito recentemente é que mais pessoas estão se interessando pelo problema e começando a estudá-lo. Sabemos muito pouco por enquanto.

#### ***IHU On-Line - Como estão as condições de especialistas, coleções, laboratórios e bibliotecas para esse tipo de pesquisa no Brasil?***

**Thomas Lewinsohn** - O Brasil está em uma situação que não é extrema. Ele não se aproxima das condições ou do número de pesquisadores que se tem na Europa, e no primeiro mundo de maneira geral, mas nós também nos destacamos de muitos países de terceiro mundo que não tem nenhuma infraestrutura de coleções e instituições e poucos pesquisadores e cientistas. O Brasil já tem uma tradição forte em botânica, zoologia, microbiologia, com centros de excelência e coleções muito sólidas. Temos um patamar inicial forte, mas insuficiente. Na grande maioria das instituições brasileiras, as coleções biológicas, que são a base desse trabalho, não têm um suporte suficientemente seguro e continuado. Coleções exigem um cuidado constante, porque senão elas deterioram. A manutenção dos prédios acaba sendo muitas vezes precária. E esse cuidado é insuficiente ou é feito quase como um trabalho voluntário por pesquisadores e alunos, porque falta o suporte de

técnicos qualificados e os recursos propriamente ditos, para fazer coisas relativamente simples. Seria importante ter um apoio mais sólido e mais garantido. A inconstância das verbas públicas é um problema imenso para esse tipo de trabalho. Porque num ano tem e no ano seguinte você não sabe se terá.

Outro ponto importante: há um subaproveitamento de pessoas, pesquisadores, que têm se formado em tempos recentes. Detectamos que há bastante gente qualificada, que fez pós-graduação de boa qualidade, e que depois não é empregada para aproveitar sua experiência e capacitação. O sujeito acaba sendo contratado para fazer outra coisa, em outro lugar, desperdiçando esses anos de formação e treinamento. Um biólogo capacitado para estudar a diversidade biológica, acaba sendo contratado para vender enciclopédia.

#### ***Desigualdades regionais***

Mais um ponto que nós detectamos, que não é surpresa, apenas se confirmou: há desigualdades regionais muito fortes. O sudeste e o sul brasileiro têm uma proporção muito grande de especialistas na maioria dos grupos biológicos que são bem mais carentes em outras regiões. Claro que existem exceções importantes. No Amazonas, no Pará, em Pernambuco, existem institutos fortes e bem estabelecidos, mas só para determinadas áreas. E eles ainda são carentes. Enfim, precisaríamos de muito mais gente, um volume consideravelmente maior de cientistas e de técnicos capacitados, trabalhando nessa área, considerando a diversidade biológica brasileira, que é espantosamente alta.

***IHU On-Line - O senhor afirma que, "devido à velocidade com que as regiões naturais remanescentes no Brasil vêm sendo reduzidas ou alteradas, um inventário completo da diversidade biológica brasileira***



**talvez nunca venha a ser completado". Quais as implicações que isso pode ter?**

**Thomas Lewinsohn** - Estamos numa corrida. Em todas as áreas naturais que vão sendo perdidas ou convertidas para outra atividade, estamos perdendo um contingente de espécies que vai ser difícil de avaliar e que nunca vai ser registrada. Temos que pensar em maneiras de intervir nisso. A melhor delas é minimizando a perda de distribuição gratuita ou desnecessária de habitats naturais, muitas vezes para um aproveitamento medíocre, efêmero. Estou pensando em áreas da Amazônia que são cortadas e queimadas para um tipo de atividade agropecuária que é muito efêmera, que não se mantém. O desperdício de habitat é a coisa mais importante que temos que evitar. E a segunda é que, se estamos numa corrida, devemos pensar em como podemos ser mais eficientes, aproveitar melhor os recursos que temos, centrando em áreas que sejam mais críticas, em grupos de organismos que sejam importantes de conhecermos, identificando as grandes lacunas de conhecimento geográfico e fazendo um esforço direcionado para trabalhar intensivamente nessas áreas.

**IHU On-Line - Como fazer para que o conhecimento obtido com a pesquisa seja disponibilizado e utilizado pelas pessoas? Em que sentido a população pode contribuir para a preservação da biodiversidade?**

**Thomas Lewinsohn** - A contribuição mais importante seria uma mudança cultural, pela qual as pessoas se dariam conta de que esse é um dos componentes mais preciosos do patrimônio do País. Para isso, é necessário que as pessoas conheçam melhor. É incumbência dos cientistas e das agências governamentais, junto com a mídia, de melhorar a qualidade e a forma de tornar essa informação mais presente para as pessoas de muitas maneiras. Nós não podemos esperar que

uma população que vive uma combinação de problemas prementes muito forte, vá se engajar por uma causa que é muito abstrata e remota.

**IHU On-Line - Quais as principais surpresas e novidades que o livro traz?**

**Thomas Lewinsohn** - Eu venho convivendo com isso ao longo dos anos, o que levou à elaboração deste trabalho. É difícil, para mim, dizer que surpresas o livro teria para pessoas de diferentes áreas, como ambientalistas, políticos, professores. Eu imagino que tenha muitas surpresas. Para biólogos que estão nesta área, talvez nem tanto, apenas confirmando algumas certezas e preocupações que já tínhamos. Mas o livro oferece um mapeamento do nosso conhecimento e da nossa ignorância. Talvez uma surpresa seja descobrir que temos um número de possibilidades fortes no Brasil que não é desprezível, de grupos e de áreas de zoologia, de botânica, de microbiologia em que se tenham condições de avançar bastante rapidamente se fizermos as coisas certas, se tivermos o apoio estratégico. As nossas pré-condições talvez sejam melhores do que se imaginava, mas necessitam de um apoio muito bem direcionado e consistente.

**IHU On-Line - Por que o senhor acredita que a maior urgência seja conhecer melhor a diversidade microbiana?**

**Thomas Lewinsohn** - A diversidade microbiana está sofrendo uma revolução, porque ela está sendo totalmente alterada e redesenhada pelo impacto da aplicação de novas técnicas moleculares. Em segundo lugar, essa revolução está mostrando que o nosso conhecimento, até muito pouco tempo atrás, era uma pontinha do iceberg do que existe de fato. Tem um mundo desconhecido à frente e esse mundo é muito importante no funcionamento de ecossistemas, na regulação, na

disponibilização, na ciclagem de nutrientes, na correção de processos poluentes, na produção para a bioprospecção. Mesmo que não digamos que essa é a única prioridade absoluta, ela é uma das que tem que estar na ponta.

***IHU On-Line* - Qual a importância econômica dessa pesquisa?**

**Thomas Lewinsohn** - A importância se dá pelo seu potencial de aplicação em atividades que ajudem a promover a sustentabilidade de aproveitamento de recursos dentro de ecossistemas conservados, ou seja, o conhecimento da diversidade é fundamental para que aumentemos o leque de opções de como as populações possam se manter regionalmente sem ter que alterar completamente ambientes ainda preservados, aproveitando recursos desses ambientes em vez de ter que retirar a sua biota e modificar os ecossistemas naturais. A pesquisa de biodiversidade é fundamental para isso e também pelo seu potencial de descoberta de fármacos, de cosméticos, de novos materiais para todo o tipo de indústria, desde lubrificante até materiais de potencial energético. A lista é imensa.

***IHU On-Line* - O que faria parte de uma estratégia de biodiversidade?**

**Thomas Lewinsohn** - Base da estratégia é o reconhecimento público e isso depende, em primeira instância, dos tomadores de decisão governamentais, e talvez de outros tomadores de decisão na iniciativa privada, se darem conta de que isso é uma prioridade de primeira ordem. É preciso assumir a necessidade de colocar no primeiro time das urgências o estabelecimento de uma política coerente e a sua implementação. A segunda parte é escolher as suas ações e implementá-las de uma forma efetiva. Não basta começar um programa e abandoná-lo depois de um ano ou dois, porque isso não vai surtir nenhum efeito. Se tivermos uma opção política forte de mudar o estado de coisas, de aumentar o nosso conhecimento, de aproveitar melhor o conhecimento existente, e forem feitos e mantidos os investimentos necessários, podemos esperar retornos tanto em termos de potencial econômico, quanto de melhor qualidade e quantidade de informação sobre biodiversidade, num tempo relativamente pequeno, de 5 a 10 anos.

# Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), editoria *Notícias Diárias*, apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. Abaixo algumas notícias selecionadas, extraídas desse link do sítio do IHU.

## Barbárie ou civilização!

A semana foi dominada pela estupefação com os acontecimentos em São Paulo. Sim, São Paulo, não Rio de Janeiro! O tráfico fez em São Paulo o que já tinha feito no Rio de Janeiro. Parou a cidade.

A notícia de que o Primeiro Comando da Capital (PCC) determinou o fim das rebeliões nos presídios do Estado e a suspensão dos atentados a quartéis, delegacias policiais, fóruns, agências bancárias e estações do metrô, após uma longa conversa entre o líder da facção, Marcos Willians Herbas Camacho, o Marcola, três representantes do governo um coronel da PM, um delegado e um corregedor e uma advogada, assustou mais ainda. Confira as notícias diárias do dia 16 de maio.

Dois fatos, revelados nos dias seguintes, fazem pensar: o PCC comprou, por apenas R\$ 200, a íntegra do depoimento secreto diretor do Deic, em sessão fechada do Congresso, a CPI e descobriu os planos da polícia; o PCC planeja eleger dois deputados nas próximas eleições brasileiras. Confira as *Notícias Diárias* de 16 de maio.

“Estamos numa situação gravíssima”, constatava a antropóloga Alba Zaluar, na entrevista concedida ao jornal *Folha de S. Paulo* no dia 15-5-06, e na entrevista que concedeu à *IHU On-Line* e publicada nas *Notícias Diárias* da página do IHU do dia 19 de maio.

Segundo a antropóloga, “a retórica política de grupos de extrema esquerda da Colômbia, da Bolívia, do Peru etc. está contaminando esse pessoal, que começou a agir em redes, que não são só interestaduais, mas internacionais ou transnacionais, transestaduais e transnacionais”.

A entrevista foi comentada por Carlos Sant’Ana, secretário de segurança pública de São Leopoldo em entrevista publicada nas *Notícias Diárias* de 16 de maio e nesta edição.

Já para Luiz Werneck Vianna, professor do IUPERJ, trata-se de “uma revolução social”. “Eles estão falando de exclusão, estão usando uma linguagem radical das revoluções, certo? E estão se comportando revolucionariamente, de armas na mão”, afirmou, em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, 16-5-06. Vianna sustenta que a falta de espaços para a “expressão formal” dos excluídos urbanos levou o PCC a ocupar o que chama de “verdadeiro deserto”. Confira as *Notícias Diárias* de 16 de maio.

Um grupo importante de professores de Direito e procuradores publicaram o manifesto *Civilização, sim; barbárie, não!*

”Estamos diante de uma tragédia social. Os atentados desta semana são a explosão de um processo cumulativo, cujo combustível é a extrema desigualdade social do país. Enquanto esse problema não for atacado seriamente pela sociedade brasileira, será impossível livrar o nosso cotidiano da violência”. Confira as notícias diárias do dia 18-5-06.

Já Loïc Wacquant, sociólogo e estudioso da violência brasileira, constatava em entrevista publicada no jornal *Folha de S. Paulo* que a polícia de São Paulo mata mais que as polícias de todos os países da Europa juntos. Segundo ele, “nas últimas décadas as elites políticas brasileiras têm usado o estado penal -polícia, tribunais e sistema judiciário- como o único instrumento não só de controle da criminalidade como de distribuição de renda e fim da pobreza urbana. O Brasil paga com violência criminal sua recusa injustificável de encarar sua desigualdade social.”

A entrevista pode ser conferida nas *Notícias Diárias* de 15 de maio.

”Botar [os presos] lá no meio do Amazonas, sem celular nem nada. E deixá-los trancados lá. Esses caras não têm recuperação” é a proposta de Cláudio Beato, sociólogo da UFMG. Ver as *Notícias Diária*, de 16 de maio.

Já para o psicanalista Jurandir Freire Costa, a “fraqueza do Estado provocou o pânico”. Segundo ele, a falta de confiança é apenas uma parte da descrença que vai tomando conta dos brasileiros com relação à capacidade de sua elite política gerir o Estado. Ele advoga “um bom parlamento é condição *sine qua non* para combater o crime. O crime só tem medo de uma coisa: que a maioria das pessoas entre na legalidade e ele não tenha com quem negociar. Mas, em vez de tentar solucionar a desigualdade e a miséria, de trazer as pessoas para a legalidade, os políticos vivem mergulhados no oportunismo e no eleitoralismo”. Confira as *Notícias Diárias*, de 17-5-06.

“Para os ricos de São Paulo, a violência passou da TV para o shopping”, foi a manchete do jornal argentino *El Clarín* no dia 19-5, e o jornal *O Globo* publicou, no mesmo dia, uma reportagem interessante sob o título “Na crise, direita e esquerda trocam de discurso”. Confira as *Notícias Diárias* de 19-5-06.

A semana terminou com a entrevista do escritor Ferréz, publicada pela **Agência Carta Maior**, denunciando que “”Estão escondendo os corpos porque é tudo execução, com tiro na cabeça. Hoje os policiais estão desfilando aqui na rua com toca ninja e camisa Le Coq, que é um grupo de extermínio da polícia”. Confira as notícias diárias do dia 20-5-06.

Na mesma semana que eclode a violência em São Paulo, o IBGE publica o estudo que revela que mais de 3,3 milhões de famílias em todo o País convivem de forma rotineira com o pesadelo da fome. Ou seja, ao todo, 14 milhões de brasileiros, número equivalente a 7,7% da população, vivem no que o instituto chama de ambiente de insegurança alimentar grave. Em outras palavras, passam fome. Deixam de comer por absoluta falta de dinheiro para comprar alimentos. Confira as *Notícias Diárias* de 18 de maio.

## **As feridas abertas da América Latina**

O tema de capa da revista *IHU On-Line* da semana passada foi também o do *Jornal da Unicamp*, ou seja, América Latina. O jornal publicou uma longa entrevista com o economista Cláudio Dedecca. Confira as *Notícias Diárias* de 16 de maio.

A nacionalização dos hidrocarbonetos pela Bolívia tornou mais manifesta a insegurança energética do mundo que acirra a disputa pelo óleo e pelo gás. Confira as *Notícias Diárias* de 15-5-06

## **Desemprego**

A crise no setor coureiro-calçadista atingiu uma das indústrias mais tradicionais do Vale do Sinos. A Calçados Jacob, dona da marca de sapatos masculinos Kildare, fechou ontem uma unidade de produção em Novo Hamburgo e demitiu mais de cem funcionários. As vagas fechadas se somam aos cerca de 20 mil postos de trabalho extintos desde o ano passado no setor coureiro-calçadista. Confira as *Notícias Diárias* de 17 de maio.

## **Legionários de Cristo**

A punição canônica imposta pela Santa Sé ao padre Marcial Maciel, mexicano, fundador dos Legionários de Cristo é dura. Com ela, Bento XVI manifesta clara e inequivocamente a sua disposição de não tergiversar nas questões que envolvem pedofilia e outros abusos sexuais por parte do clero católico. Confira as *Notícias Diárias* de 20-5-2006.

## **Hans Küng e Joseph Ratzinger**

”O encontro entre Hans Küng e Joseph Ratzinger não foi bem compreendido em seu cerne. Esse ”evento” não é apropriado para alimentar esperanças por uma reforma da estrutura interna da Igreja Católica, uma vez que efetivamente os desideratos de reforma, anunciados por Hans Küng, ou mesmo questões dogmáticas, como a do primado e da infalibilidade do Papa (os dois dogmas papais do Concílio Vaticano I), não eram objeto do colóquio. Não podiam ser”. O comentário é de Karl-Josef Kuschel, professor de Teologia da Cultura e do Diálogo Inter-religioso na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Tübingen é vice-presidente da Fundação Weltethos (Ética Mundial), em artigo que vai ser publicado nos **Cadernos Teologia Pública** do Instituto Humanitas Unisinos IHU. Confira as *Notícias Diárias* de 17 de maio.

# **Frases da semana**

## **O Celular é uma arma**

”Eu considero o celular mais perigoso que uma arma. Toda cadeia tem celular.”  
- Godofredo Bittencourt, diretor do Departamento de Investigações sobre Crime Organizado - *Folha de S. Paulo*, 15-5-06.

”Se eu entrar num banco com o meu celular, o alarme apita. Se eu entrar com um celular na cadeia, a galera vibra.” - José Simão, humorista - *Folha de S. Paulo*, 16-5-06.

## **PCC**

”Eu sou do tempo que preso se comunicava com toc-toc-toc na grade. Eu sou do tempo em que PCC era Partido Comunista Chinês.” - José Simão, humorista - *Folha de S. Paulo*, 16-5-06.

”E o Lembo diz que São Paulo está sob controle. De quem? Do PCC!” - José Simão, humorista - *Folha de S. Paulo*, 16-5-06.

”A população de São Paulo pode sair tranqüilamente, o PCC liberou o banho de sol.” OBA! O PCC liberou o banho de sol. Vou pro Ibirapuera! Tirar esse mofo de quatro dias!” - José Simão, humorista - *Folha de S. Paulo*, 19-5-06.

”E agora mudou tudo. Inverteu: antes tava todo mundo com medo do PCC. Agora tá todo mundo com medo da polícia. Como disse a minha empregada: ”Eles tão atirando em tudo que se mexe”. Tem que ficar duro. Piscou, levou balala! Como diz uma amiga minha: ”Vou me esconder na gaiola do papagaio.” - José Simão, humorista - *Folha de S. Paulo*, 19-5-06.

## **PCC negocia**

”O governo ofereceu toda a ajuda possível, toda a ajuda necessária e o governo paulista, o governo do senhor Alckmin, preferiu negociar com os criminosos a aceitar ajuda do governo.” - Tarso Genro, ministro da Relações Institucionais - *Estado de S. Paulo*, 18-5-06.

”Se houve ou não negociação entre as autoridades paulistas e o PCC (Primeiro Comando da Capital), talvez só se saiba dentro de muito tempo. Mas o que já se sabe é suficiente para aterrorizar até o mais zen dos paulistanos: a violência cessou não porque a polícia tenha conseguido controlá-la, mas porque os criminosos decidiram dar um tempo ou reduzir a escala de operações (é bom ter sempre presente que a selvageria da vida em São Paulo é permanente, embora em escala menos, digamos, midiática.” - Clóvis Rossi, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 18-5-06.

”A selvageria em São Paulo é o atestado de que sucessivas gestões do PSDB no Estado, incluindo a de Alckmin, fracassaram na tarefa de debelar o PCC.” - Editorial - *Folha de S. Paulo*, 19-5-06.

”Perguntar não ofende: Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Tasso Jereissati e Aécio Neves estão reunidos em Nova York para trocar receitas à base de chuchu ou para não ter de explicar a falência da segurança pública de São Paulo?” - Bárbara Gancia, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 19-5-06.

## **Sobel**

”Talvez a polícia esteja exagerando em alguns casos. Porém, numa batalha entre o bem e o mal, um pouco de exagero por parte daqueles que defendem o bem é

melhor do que uma possível omissão” - Henry Sobel, presidente do rabinato da CIP (Congregação Israelita Paulista) - *Folha de S. Paulo*, 19-5-06.

### **Evo e a nacionalização boliviana**

”Nós concebemos a nacionalização do gás natural e petróleo como parte das revoluções nacionais da nossa América Latina. Deveria culminar com este ansiado sonho de uma grande pátria, socialista e latino-americana” - Andrés Soliz Rada, ministro de Hidrocarbonetos da Bolívia - *Globo*, 15-5-06.

”No Brasil se compara a energia importada da Bolívia com a produzida no próprio país. E o Brasil está pagando pelo gás boliviano um preço US\$ 2 inferior ao produzido lá. Cada dólar que a Bolívia consiga aumentar no preço do gás exportado ao Brasil representará cerca de US\$ 300 milhões anuais a mais de receita para o Estado.” - Andrés Soliz Rada, ministro de Hidrocarbonetos da Bolívia - *Globo*, 15-5-06.

”Na Europa é preciso entender que queremos refundar a Bolívia e estamos apostando em mudanças estruturais democráticas e pacíficas. Para isso, uma das mudanças é a nacionalização dos recursos naturais.” - Evo Morales, presidente da Bolívia - *Clarín*, 15-5-06.

”Ainda estou buscando saber como se governa. Não me acostumo em ser presidente. Às vezes creio que sigo sendo um dirigente sindical.” - Evo Morales, presidente da Bolívia - *Clarín*, 15-5-06.

”Se houver a interrupção (nas exportações de gás), ou seja, se a Bolívia quebrar o contrato com o Brasil, o país fica sem óleo e sem receita e o povo não quer isso... o governo Morales cai em três meses.” - Ildo Sauer, diretor de Gás e Energia da Petrobrás - *Estado de S. Paulo*, 16-5-06.

### **A fome brasileira**

”Já cheguei a ficar 3 dias sem comer recentemente. Toda a comida que consigo vai primeiro para os meninos. Se sobrar, como também.” - Andréa Pires Araújo, doméstica - *Estado de S. Paulo*, 18-5-06.

”Quando passei fome senti o corpo tremer e dor na barriga no primeiro dia, mas depois a gente acostuma. O difícil é vencer a apatia. Não se sabe o que fazer. Fica difícil até pensar. Quando a comida chega a gente parece bicho. Come sem pensar muito.” - Andréa Pires Araújo, doméstica, que perdeu 17 quilos na gravidez - *Estado de S. Paulo*, 18-5-06.

”Se antes o Brasil era uma Suécia sobre dois Biafras, hoje é uma Suíça sobre um delta de inúmeros Haitis. Um pequeno mundo abençoado frente a um universo marginalizado” - Marcelo Cantelmi, jornalista argentino - *Clarín*, 19-5-06.

# Destaques On-Line

Essa editoria traz as referências das entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU ([www.unisin.br/ihu](http://www.unisin.br/ihu)) durante a última semana. As entrevistas podem ser conferidas na editoria *Notícias Diárias* do sítio, nas datas indicadas no final de cada texto.

## **Título**

A mídia religiosa e a reafirmação de identidades.

## **Entrevistada**

Karina Kosicki Bellotti, autora dos livros *A Mídia Presbiteriana no Brasil. Luz para o Caminho* e *Editora Cultura Cristã*

## **Entrevista**

O livro *A Mídia Presbiteriana no Brasil. Luz para o Caminho e Editora Cultura Cristã* foi lançado pela Editora Annablume, no ano passado, e é de autoria da professora Karina Bellotti. O trabalho de Karina Kosocki Bellotti oferece uma valiosa oportunidade de compreensão do fenômeno evangélico brasileiro a partir de um estudo de caso: a mídia produzida por duas empresas ligadas à Igreja Presbiteriana do Brasil: "Luz Para O Caminho" e "Editora Cultura Cristã". Graduada e mestre em História pela Unicamp, atualmente é doutoranda em História Cultural pela mesma universidade. A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 15/05/2006.

## **Título**

A construção de uma nova realidade de segurança

## **Entrevistado**

Carlos Sant'Ana, secretário municipal de Segurança Pública em São Leopoldo.

## **Entrevista**

Sant'Ana é categórico ao afirmar que a falta de espaço nos presídios é que determina os problemas gerados pela falta de administração do Estado. "A população é tão grande que o Estado não controla mais, e entrega a "administração" interna dos presídios, das galerias, aos próprios presos. O resultado é o que estamos vendo", conclui. Ele também fala sobre a situação da violência em São Leopoldo e sobre o **Seminário Latino-americano de Segurança Urbana**, que acontecerá no município, de 29 de maio a 1 de junho de 2006. Confira a entrevista nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU, do dia 16/05/2005 e na presente edição.

## **Título**

Prevenção é alternativa para uma sociedade mais digna e tranqüila.

## **Entrevistada**

Auneura Provenze é diretora do Departamento de Prevenção à Violência e Criminalidade da Secretaria Municipal de Segurança Pública de São Leopoldo.

## **Entrevista**



Provenze fala sobre a criminalidade. A psicóloga, formada pela PUCRS, participou na mediação do seqüestro do táxi-lotação 350, em 4 de janeiro de 2002, em Porto Alegre, que envolveu nove reféns. Confira a entrevista nas *Notícias do dia* no sítio do IHU de 18/05/2006.

**Título**

A dinâmica das redes do crime-negócio no país.

**Entrevistada**

Alba Zaluar, socióloga e antropóloga do Centro Biomédico, Instituto de Medicina Social da UERJ.

**Entrevista**

Zaluar, que é considerada uma das mais experientes estudiosas da violência urbana do País, detecta semelhanças perigosas no discurso de líderes do crime organizado com grupos extremistas de esquerda em atuação na América Latina. Confira a entrevista nas *Notícias Diárias* no sítio do IHU de 19/05/2006.

**Título**

O conhecimento e a ignorância sobre a biodiversidade brasileira

**Entrevistado**

Thomas Michael Lewinsohn, biólogo.

**Entrevista**

Os biólogos, cientistas, pesquisadores e todos os interessados na biodiversidade de plantas, animais e microorganismos brasileiros, têm à disposição um livro que acaba de ser lançado na 8ª Conferência das Partes da Convenção de Diversidade Biológica (COP8), em Curitiba, que aconteceu de 20 a 31 de março de 2006. Trata-se da obra *Avaliação do conhecimento da biodiversidade brasileira*, organizado pelo biólogo Thomas Lewinsohn. Realizado para o Ministério do Meio Ambiente, com apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o trabalho integra o processo da Estratégia Nacional de Biodiversidade, que o Brasil comprometeu-se a realizar como signatário da Convenção de Diversidade Biológica. Confira a entrevista nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU de 19/05/2006 e na presente edição.

# **IHU em revista**

**Eventos** pg. 67  
**IHU Repórter** pg. 72

# Os Simpsons e a ética

## Encontros de Ética

Anote na sua agenda: segunda-feira, 22 de maio, o assunto em debate no **Encontros de Ética** é *Os Simpsons e a ética: consensos e dissensos*. O palestrante responsável pela condução do debate é o Prof. Dr. Gilberto Kronbauer, da Unisinos. A atividade, aberta a toda a comunidade acadêmica, vai das 17h30min às 19h, na Sala 1G119 do IHU e tem entrada franca. Confira!

Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição (FAFIMC), Kronbauer é mestre em Filosofia pela PUCRS e doutor em Educação pela UFRGS, com a tese *Da idéia de pessoa à concepção pedagógica – o pensamento filosófico e educativo de Ernani M. Fiori*. O trabalho originou a publicação *Ernani M. Fiori – uma filosofia da educação popular*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

# Kathrin Rosenfield e João Guimarães Rosa

## Quarta com Cultura Unisinos

Nesta semana, 24 de maio, quarta-feira, das 19h30min às 21h30min, o tema em discussão no **Quarta com Cultura Unisinos – IHU em Debate** é *J. Guimarães Rosa – entre o regionalismo do homem cordial e a universalidade*. A palestrante é a Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Kathrin Rosenfield, docente na UFRGS. Confira maiores detalhes sobre o assunto no artigo *A cordialidade – questão de estilo*, publicada na edição 179 da *IHU On-Line*, de 8 de maio de 2006. Para ler o artigo, acesse o sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

Austríaca, Rosenfield vive no Brasil desde 1984. Atualmente, é pesquisadora e professora de Filosofia na UFRGS. Doutorou-se em Literatura pela Universidade de Salzburg e possui formação em Psicologia Clínica pela Universidade de Paris

VII. Escreveu *Sófocles & Antígona*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005, *Antígone - de Sophocle à Hölderlin*. Paris: Galilée, 2003, entre outros. Rosenfield acaba de lançar a obra *Desenveredando Rosa: A obra de J. G. Rosa e outros ensaios roseanos*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2005, que abre novas trilhas nos estudos rosianos, e analisa, entre outros temas, a presença da poesia popular na obra de Guimarães Rosa; suas afinidades com o universo de Goethe e Dostoievski; as semelhanças e as diferenças com Machado de Assis, Euclides da Cunha e Gilberto Freyre. Na edição 139 da *IHU On-Line*, de 2 de maio de 2005, Rosenfield concedeu a entrevista *A banalização torna a tragédia atual*, sobre a peça teatral *Antígona*, exibida na Unisinos, em 5 e 6 de maio do ano passado. Na edição 178, de 2 de maio de 2006, falou sobre Guimarães Rosa na entrevista *Desenvendando o projeto de Rosa*.

## Chico Buarque é tema do IHU Idéias

*Chico Buarque e a América: encanto e melodia*. Com esse tema a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cleusa Rios Pinheiros Passos (USP) conduz o **IHU Idéias** desta quinta-feira, 25 de maio. Confira esse evento, oferecido gratuitamente à comunidade acadêmica: é na Sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h.

Graduada em Letras Português - Francês pela USP, Pinheiro Passos é especialista em Literatura Portuguesa pela Faculdade Oswaldo Cruz (FOC). É mestre em Letras pela Université de Montpellier II, França. Doutorou-se na mesma área pela USP. É livre-docente também pela USP com a tese *Guimarães Rosa: do feminino e suas estórias*, publicada pela HUCITEC/FAPESP em 2000. Escreveu, ainda, *O Outro Modo de Mirar. Uma Leitura dos Contos de Julio Cortázar*. São Paulo: Martins Fontes, 1986 e *Confluências: Crítica Literária e Psicanálise*. São Paulo: Nova Alexandria/EDUSP, 1995.

# Lembranças na obra de Guimarães Rosa

A última atividade do seminário *Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: veredas* é a conferência a ser proferida pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cleusa Rios Pinheiro Passos, da USP. Agendado para 25 de maio, das 19h45min às 22h, no Auditório Central da Unisinos, o evento aborda *Lembranças na obra de Guimarães Rosa*. Por e-mail, questionada pela *IHU On-Line* sobre como as lembranças presentes nessa obra de Rosa se relacionam com seu enredo, a pesquisadora respondeu que “Todas se mesclam e se desmancham na ficção de Guimarães; muitas de suas personagens se constroem em torno da reelaboração do passado.” Essas e outras declarações podem ser conferidas na íntegra, na entrevista que segue.

## Guimarães Rosa e a reelaboração do passado

### Entrevista com Cleusa Rios Pinheiro Passos

**IHU On-Line - Quais as principais lembranças presentes na obra de Guimarães Rosa?**

**Cleusa Rios Pinheiro Passos** - De início, cabe esclarecer que o conjunto da produção rosiana está impregnado das mais variadas lembranças. Dentre elas, destaco as pessoais, anotadas em cadernetas ou registradas pela memória, as históricas e culturais, presentes no modo de vida do sertanejo (ou do jagunço), as da tradição literária, cujo exemplo maior está na donzela guerreira de *Grande Sertão: Veredas* (aliás, relatada de outra forma, por uma contadeira, em “Manuelzão”). Por fim, menciono as lembranças particulares das personagens, como as de Riobaldo – narrador dessa renomada obra-prima. Em comum, todas confluem para um ponto básico, a saber, a transfiguração literária em diferentes narrativas.

**IHU On-Line - Como essas lembranças se relacionam com o enredo da obra?**

**Cleusa Rios Pinheiro Passos** - Todas se mesclam e se desmancham na ficção de Guimarães; muitas de suas personagens se constroem em torno da reelaboração do passado. A complexidade de tais relações de mistura e desenredo de fatos, “causos” e rememorações leva à escolha de um recorte, ou seja, impõe-se a necessidade de focar textos específicos e aqui a escolha recai sobre algumas passagens de *Grande Sertão: Veredas*, único romance de Rosa, que já escrevera poemas, reunidos no livro *Magma*. Cumpre recordar a importância das recordações desde os contos de *Sagarana* (que completa 60 anos de publicação), passando por *Corpo de baile*, ciclo novelístico, cuja edição comemora 50 anos ao lado da narrativa

a ser aqui privilegiada, até os livros lançados posteriormente.

Retomo, então, meu recorte para sublinhar que o narrador de *Grande Sertão*, ex-jagunço e atual fazendeiro, conta a um doutor viajante sua vida pretérita, preocupado com dois aspectos: o suposto pacto que teria feito com o diabo para vencer os inimigos e o amor por Diadorim, donzela travestida em guerreiro para lutar em nome do pai. As lembranças não só se enredam no texto, mas também o sustentam, uma vez que o ouvinte deve acompanhar as idas e voltas de Riobaldo-narrador, submetendo-se a seu trabalho de reconstrução mnêmica. Arguto, tal narrador sabe suspender estórias, provocando curiosidade e expectativas insistentes até o desfecho. À guisa de exemplo, embora já saiba da feminilidade e da morte da amada, guarda segredo, revelando-o nos derradeiros momentos da estória. Deixa, contudo, pegadas a serem recobradas só depois de terminar sua “fala”. Logo, o ouvinte e o leitor estarão sempre emaranhados em fios que o instigam a voltar ao texto, à procura de índices perdidos na trilha do discurso de Riobaldo.

**IHU On-Line - Quais seriam as inovações que *Grande Sertão*: *Veredas* propõe à literatura brasileira do tempo em que surgiu e de hoje?**

**Cleusa Rios Pinheiro Passos** - Exímio inventor de “causos” e primoroso amante das palavras, Rosa inova por meio da linguagem, recuperando arcaísmos, criando neologismos, invertendo provérbios etc., o que resulta numa espécie de subversão da ordem estabelecida – seja ela pessoal, seja ela histórico-social. Nos menores aspectos se vislumbra tal constante. Basta pensar na epígrafe de um conto de *Tutaméia*, baseado na inversão, que antecipa e condensa a intrigante narrativa e se mostra também perturbadora pela

questão levantada: “E se as unhas roessem os meninos?”

Outro exemplo se verifica no nome de um vaqueiro de *Cara de Bronze*, Moimeichego. Centrado em si e na curiosidade sobre o alheio, a designação espelha seu perfil, comportando o pronome “eu” em diversas línguas. Conforme se vê, de passagens pontuais às mais amplas, Rosa trabalha com a insubordinação do verbo, com construções pormenorizadas, com elos entre a tradição oral e a escrita etc., sempre sujeitos à reescrita. Se hoje não temos autores com tais características, posso dizer que a inquietação provocada, quando surgiu *Sagarana*, persiste, e a fortuna crítica sobre o autor cresce sempre, dando provas reiteradas de leituras em andamento, renovadoras ou não, mas sempre envolvidas com seu intrincado universo ficcional.

**IHU On-Line - Como a questão do feminino perpassa *Grande Sertão*: *Veredas*?**

**Cleusa Rios Pinheiro Passos** - Semelhante à invenção variada e complexa de *Grande Sertão*, o feminino apresenta inúmeras faces. Dentre elas, sublinho a donzela encastelada e noiva oficial, Otacília, que encanta Riobaldo; as primeiras aventuras amorosas com as mocinhas Miosótis e Rosa’uarda, a prostitutriz Nhorinha que o seduz em um único encontro, as ricas Maria da Luz e Ageala Hortência, meretrizes donas de terras, de seus corpos e desejos. Afloram também a figura materna que o leva ao Rio São Francisco, espaço onde encontra o Menino-Diadorim, e, mais tarde, a Mulher de Hermógenes, sutil representante das figuras dominadas por valores patriarcais. Finalmente, destaca-se a personagem central: Diadorim, o amor proibido, portador da mistura do masculino e feminino. Assim, Rosa vai compondo um vasto panorama de mulheres, indo das

personagens ternas e casadoiras a mulheres liberadas, de esposas submissas aos maridos às rebeldes e transgressoras, num misto de aceitação das regras e de sua ruptura. Tal mescla tem seu ponto alto na donzela travestida de guerreiro, por quem Riobaldo se enamora sem jamais o revelar de modo explícito. Para além disso, Diadorim fascina porque comporta o enigma do desejo de todos nós, divididos psiquicamente entre dois lados: o masculino e o feminino.

***IHU On-Line* - Qual o maior desafio de examinar academicamente uma obra como essa?**

**Cleusa Rios Pinheiro Passos** - Com relação aos desafios acadêmicos para estudar essa obra, considero-a ímpar na literatura brasileira, podendo ser lida sob os mais variados ângulos e detendo, ainda, uma espécie de dramatização da linguagem, paralela à dramatização da vida. Por um lado, cabe observar as

leituras que já existem sob a perspectiva da lingüística, da retórica, da história, da filosofia, da psicanálise, da crítica genética, da tradição literária etc., fato que exige alguma pesquisa, uma vez que todos esses saberes interagem; por outro lado, o leitor deve debruçar-se sobre a língua, suas normas e as insubordinações propostas por Guimarães.

Enfim, revivendo uma reflexão que vem me perseguindo há algum tempo, creio que a escrita do autor mineiro, talvez, concretize uma idéia barthesiana, segundo a qual o ideal seria que, no interior do mesmo idioma, houvesse “várias línguas”, em que cada qual pudesse “abeberar-se livremente conforme a verdade do desejo” – desejo aqui especificamente vinculado à volubilidade e deslocamentos verbais singulares, articulados com primor na arte literária de um de nossos maiores ficcionistas.

## **Carlota Joaquina**

**História do Brasil e Cinema**

*Carlota Joaquina*, dirigido por Carla Camuratti, é o filme em exibição neste sábado, 27 de maio, dentro da programação do evento **História do Brasil e Cinema**. Em seguida à exibição de *Carlota Joaquina*, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sirlei Teresinha Gedoz, da Unisinos, conduz o debate com o público. A atividade inicia às 8h30min e vai até as 12h30min, na Sala 1G119 do IHU.

Gedoz é graduada em Licenciatura Plena História e Licenciatura Curta em Estudos Sociais, ambas pela Unisinos. É mestre em História pela Unisinos e doutora na mesma área pela PUCRS, com a tese *Idéias de Democracia no Brasil: MDB/PMDB versus PT- 1973-1987*. Organizou as obras *Histórias de Vida: representações do Judiciário*. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, 2004 e *Julio de Castilhos e o paradoxo republicano*. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

## Nísia Martins do Rosário



Foto: Nina Moraes

*Carpe diem.* Essa expressão em latim que significa *colha o dia* ou *aproveite o momento* é um conceito forte na sua trajetória de vida. Essa concepção expressa a possibilidade de transformar a realidade, de entregar-se intensamente ao que se faz. Ela acredita que é possível melhorar o mundo com pequenas ações. Qual a sua contribuição? Entre tantas outras, tem o papel de despertar potencialidades. Fazer as pessoas descobrirem, fortalecerem e desenvolverem seus talentos, ou seja, ajudar que desabrochem. Para isso a competência profissional tem de ser temperada com um ingrediente especial: sensibilidade. Ninguém duvida que ela a tenha. A professora doutora Nísia

Martins do Rosário, professora no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação na Unisinos e pesquisadora na área de Comunicação e Linguagem conta-nos aqui um pouco da sua história.

**Origens** – Sou de Panambi, interior do Estado, perto de Cruz Alta e Ijuí. Os alunos sempre perguntam de onde sou em função do meu sotaque. Embora eu esteja em São Leopoldo desde 1984, quando vim estudar na Unisinos, ainda conservo uma forma característica de falar. Meus pais, José Luiz e Lydia, foram funcionários públicos e tenho um irmão que é advogado. Panambi é uma cidade de origem alemã, porém minha família descende de portugueses, italianos, alemães e índios. É uma miscigenação. Cresci e fiquei lá até os 18 anos. Vivi toda a realidade de cidade do interior, sem violência, podendo sair à noite sem problemas.

**Infância e adolescência** – Na adolescência, o número de amigos aumentou, saíamos, nos reuníamos para ver televisão... Gostei muito dessa fase. É a época da rebeldia também, quando descobrimos um pouco desse nosso perfil, talvez mais encoberto. Tinha uma coisa meio rebelde, meio feminista, que eu ainda tenho um pouco hoje. Há coisas da adolescência que deveríamos conservar, como essa vontade de mudar o mundo. Para estar no mundo, porém, e conviver em harmonia com ele, acabamos deixando algumas coisas para trás. Eu era bem tímida. Quando iniciei o curso de Jornalismo, havia uma disciplina que me despertou e que dava ênfase à expressão oral. Eu tinha dificuldade para me expressar, por causa do sotaque. Na realidade, fazíamos ações de expressão oral, teatrinho, jogral e toda a semana tínhamos que nos apresentar. Foi importante, porque eu tive que enfrentar os meus medos – precisava ser aprovada na disciplina – e, ao mesmo tempo, eu vi que não é tão duro encarar públicos. A menina tímida que eu era, hoje tem outro perfil.



**Trajetória profissional** – Cursei magistério no segundo grau, mas não pensava em ser professora, queria ser jornalista. Meu primeiro emprego foi na revista *Rua Grande*, de São Leopoldo e durante os primeiros anos depois de formada trabalhei no mercado mesmo. A remuneração no Jornalismo, porém, é muito baixa e foi preciso buscar estratégias paralelas de sobrevivência. Voltei para Panambi para trabalhar num jornal que estava surgindo e lá o problema não foi o baixo salário, e sim o não-pagamento do salário. Conheci as dificuldades que um jornal que está começando encontra. Essas experiências foram muito importantes. Entrei no curso de Jornalismo com o desejo de me tornar uma profissional capaz de mudar a sua comunidade, com um ideal transformador. Entretanto, chega um tempo em que nos deparamos com a questão entre sobrevivência e do espírito transformador. Cheguei a trabalhar em assessoria de comunicação, onde acabamos fazendo um pouco de tudo da área da comunicação. O bacana foi justamente poder experimentar todas as áreas da comunicação e não só o jornalismo. Também não me realizava muito com a assessoria. Existem assessores absolutamente capacitados, é uma área importante, mas embora pague um pouco melhor eu não estava fazendo exatamente aquilo que eu queria, isto é, compatibilizando a carreira com meu ideal. Antes de acabar o mestrado comecei a dar aula na Unicruz e trabalhei em algumas instituições de ensino antes de vir para a Unisinos, em 1999.

**Influências** – Sempre fui apaixonada por semiótica. Na época em que fiz a graduação, havia um professor chamado Araújo que ministrava essa disciplina. Ele falava muito em semiótica e eu me apaixonei. Quando surgiu o mestrado nesta área na Unisinos decidi fazer, porém, não tinha muita noção da diferença entre graduação e mestrado. Foi um outro desafio em relação à busca de conhecimento. É preciso mobilizar tempo e capacidade de realizar leituras. Hoje que estou do outro lado penso muito em como o professor Araújo despertou em mim a paixão por semiótica e penso que minha tarefa é também ajudar as pessoas a desabrocharem, despertar suas potencialidades. O interessante é que esse toque, esse auxílio nunca vem de uma só pessoa. O que somos hoje é fruto de muitas influências ao longo do nosso caminho.

**Docência e pesquisa** – Dar aula é trabalhoso, é preciso levar trabalho para casa para corrigir, preparar as aulas e dar as aulas. Contudo, ao mesmo tempo, acontece uma troca com os alunos que é enriquecedora. Não são eles apenas que aprendem, mas aprendemos com as vivências deles. Na universidade, encontrei o que eu queria fazer e ao mesmo tempo pude resgatar o espírito transformador do início da carreira. Agora tenho outra possibilidade, a de transformar os alunos e não mais de promover as transformações pelos meios de comunicação. Também faço pesquisa desde 2000. Essa não é ainda uma área bem integrada à graduação. As pessoas costumam achar que pesquisa não tem nada a ver com mercado, mas hoje sei que está muito integrada e que é isso que quero fazer. Parece piegas, mas encontrei meu lugar no mundo.

**Academia e mercado** – Não saímos prontos da faculdade. A vida é um percurso, temos de experimentar muitos lugares, muitas coisas para poder saber qual é o nosso lugar, o que podemos fazer. Na graduação, estimula-se a crítica sobre os meios de massa e sobre a forma de atuação dos profissionais. Essa percepção meio que se apaga quando as pessoas chegam no mercado. É uma pena que isso se perca, mas acontece. Aqui o aluno é estimulado a pensar, a refletir sobre o que ele faz, a criticar o que ele faz e quando chega no mercado é comum que se enquadre “ao sistema” com facilidade. Um dos meus sonhos é que os alunos não sejam tão facilmente enquadráveis. Não digo que sejam revolucionários, mas que exerçam sua profissão com consciência, que sejam

questionadores, que não deixem a vida levá-los, mas que tentem ser sujeitos de ação nesse contexto.

**Religiosidade** - É engraçado. Minha vida é pontuada por essa religiosidade no ensino. Estudei em colégio de freiras até o final do segundo grau, vim fazer faculdade numa universidade jesuíta e como sou do interior vim morar num pensionato de freiras. Além de ter estudado num colégio católico, a minha família foi muito católica. Hoje não sou praticante, tenho uma religiosidade que não está ligada a nenhuma religião instituída, mas cheguei a ser catequista por alguns anos. Muito do que a religião católica trouxe para a minha vida foi positivo, como esse ideal de troca, de ajudar o outro. Há, porém, questões nada positivas, como a da culpa, que está ligada ao pecado. Carregamos culpa por não cumprir pequenas coisas, como não fazer bem um trabalho, não conseguir entregar um trabalho no prazo, ou porque comemos um doce por gula. Claro, hoje já não é mais assim, mas há 30 anos, quando eu tinha 10, a coisa era diferente, isso ajudou a formar a minha personalidade. Tive que trabalhar essas questões para tentar ser mais feliz. Não só da culpa, mas de não ter uma vida perfeita, de não ser uma pessoa boa todo o tempo, de ter ódio e raiva. Esses aspectos impedem as pessoas de serem felizes.

**Filme** - *Sociedade dos Poetas Mortos*, de Peter Weir. No meu caso, essa vontade de transformar o mundo transferi da jornalista para a professora. Não sou tão revolucionária quanto o professor vivido por Robin Williams, mas essa noção do *carpe diem*<sup>74</sup>, de aproveitar o momento, é fundamental. Tenho uma tatuagem no pulso com o *carpe diem* que foi influenciada pelo filme. O conceito de aproveitar o dia expressa a possibilidade de transformar a sua realidade, de entregar-se intensamente ao que se está fazendo, de forma integral. Lógico, há outras questões, vivemos num mundo capitalista e, sem dinheiro, ninguém vive; existem também limitações de conhecimento, tempo, espaço e tudo mais. Os pensadores da modernidade entendiam o mundo com base em grandes ações, atitudes heróicas, mas acho que temos que pensar como alguns pós-modernos ou contemporâneos que imaginam transformação, baseados em pequenas realidades, entender que somos um grão de areia. Meu ideal é despertar a potencialidade de cada um, por isso me identifico com o personagem de Robin Williams no filme..

**Autor** - Jean Baudrillard. Ele é considerado um autor maldito por muitos. Eu gosto disso. Não o considero pela contribuição teórica - no sentido mais tradicional - que traz, mas pela forma instigante como ele desenvolve seu raciocínio e acaba despertando, no leitor, questionamentos a respeito de muitos paradigmas que se tem a respeito do mundo, da comunicação. Ele pensa pelo avesso, é apocalíptico, é niilista, ele dá a idéia de que o mundo não tem jeito e eu não penso assim, mas acho que ele é ótimo para estimular a refletir, para botar o dedo em todas as feridas.

**Livro** - *Da Sedução*, de Jean Baudrillard.

---

<sup>74</sup> **Carpe diem**: Expressão em latim que significa "colha o dia" ou "aproveite o momento". Essa regra de vida pode ser encontrada em "Odes" (I, 11.8) do poeta romano Horácio (65 - 8 AC), onde se lê: colha o dia, confia o mínimo no amanhã. O professor, personagem de Robin Williams no filme *A Sociedade dos Poetas Mortos*, utiliza-a assim: "Mas se você escutar bem de perto, você pode ouvi-los sussurar o seu legado. Vá em frente, abaixe-se. Escute, está ouvindo? - Carpe - ouve? - Carpe, carpe diem, colham o dia garotos, tornem extraordinárias as suas vidas."

**Lazer** – Para sair de casa, cinema. Adoro cinema. Também gosto muito de trabalhos manuais como, crochê ou customização de roupas. Se eu fosse ter uma profissão por *hobby*, eu seria estilista de roupas ou de jóias.

**Unisinos** – Percebemos um esforço muito grande da Instituição em nos reorganizarmos para as novas necessidades do mercado, até por sua realidade financeira. Isso é muito positivo. Do ponto de vista das pessoas que fazem esta Instituição é também um momento difícil. Acredito na sobrevivência e no prolongamento desse trabalho. Vejo uma instituição que cresceu bastante com a demanda e que hoje é obrigada a se readequar às novas realidades dos mercados e, nessa readequação, sempre há questões incômodas para todos, tanto para os que comandam, como para os que trabalham aqui em todos os setores. Essa readequação está nos fazendo pensar sobre certos paradigmas profissionais, educacionais, de pesquisa...

**Instituto Humanitas Unisinos** - Tenho um conhecimento de certa forma superficial do Instituto Humanitas Unisinos. O que tenho percebido em suas atividades é a abertura de um espaço fundante para o diálogo acerca de diversas áreas de conhecimento, um espaço para a efetiva troca de saberes. Ao mesmo tempo, vejo um esforço muito grande para atender as demandas diversificadas e para estimular a participação das comunidades (seja acadêmica, seja leopoldense, seja regional) nas atividades propostas. O ritmo de vida que se impõe aos acadêmicos, aos professores, aos demais profissionais, aos cidadãos em geral dificulta que se dedique tempo para a reflexão, o diálogo sobre temas que não são de interesse imediato, ou premente, para a sobrevivência. Com isso, saímos todos perdendo, o espaço está sempre aberto.